



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**LIBERALISMO DIGITAL: as ideias políticas do Movimento Brasil Livre (2013-2018)**

RHUDÁ AZZOLINI CASTRO

BRASÍLIA  
2023

RHUDÁ AZZOLINI CASTRO

**LIBERALISMO DIGITAL: as ideias políticas do Movimento Brasil Livre (2013-2018)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Gomes de Carvalho

Brasília  
2023

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Daniel Gomes de Carvalho  
Universidade de Brasília  
Orientador

---

Prof. Dr. Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho

---

Prof. Dr. Prof. Dr. Camila Cristina Silva

## AGRADECIMENTOS

A tarefa de agradecimento não é fácil, não raro não citamos pessoas fundamentais no processo de desenvolvimento da dissertação.

Dito isso, não poderia começar de outra forma, minha mãe Denise Nini foi minha grande incentivadora e possibilitou todos os caminhos trilhados para o meu aperfeiçoamento, sem ela, nada disso seria possível.

Meus tios Márcio e Renata, foram responsáveis pelo apoio material, além de fornecerem grandes conversas teóricas, que em muito me ajudaram no desenvolvimento do trabalho.

Meu orientador Daniel Gomes, uma das grandes referências que tenho como professor, pesquisador e pessoa.

Meu irmão Rhauí, que compartilhou sua casa e seu olhar único de mundo, um grande pensador e poeta que admiro e por quem me deixo influenciar.

Meu pai Robinson, responsável pelos meus valores.

Meu amigo Caio, historiador, e pessoa com quem tive interessantes, esclarecedoras e prazerosas conversas.

Meu amigo Igor, também mestrando da UNB, que fez uma grande parceria e participou dos momentos angustiantes e empolgantes do processo.

Minha professora Liz Andrea, grande pesquisadora que me incentivou e me apresentou ao mundo acadêmico.

Este trabalho só foi possível graças a essas e outras interações, e o texto leva um pouco de cada pessoa aqui citada.

Mas é a especialização do poder, a mais velha especialização social, que está na raiz do espetáculo. O espetáculo é, assim, uma atividade especializada que fala pelo conjunto das outras. É a representação diplomática da sociedade hierárquica perante si própria, onde qualquer outra palavra é banida, onde o mais moderno é também o mais arcaico.

*Guy Debord – A sociedade do espetáculo*

## RESUMO

Este trabalho tem como seu principal objetivo a análise de um movimento político contemporâneo no Brasil, o Movimento Brasil Livre (MBL), grupo autointitulado liberal que se apropria das redes sociais para a disseminação de suas ideias. Para alcançar esse propósito, foi realizado um mapeamento das principais ideias do Movimento, identificadas em suas publicações nas plataformas sociais do *YouTube* e do *Facebook*, que configuraram, no período analisado neste trabalho, os principais meios de comunicação do Grupo. Nesse processo, foram exploradas as estratégias utilizadas pelo MBL em suas redes sociais, incluindo aspectos como a linguagem e a agenda política efetivamente adotada. Portanto, esta pesquisa configura-se como uma análise documental que se insere na interseção entre a História Digital e as dinâmicas políticas do mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** ideias políticas; História Digital; Liberalismo; redes sociais digitais, Movimento Brasil Livre.

## ABSTRACT

This work has as one of its main objectives the analysis of a contemporary political movement in Brazil: the Movimento Brasil Livre, a self-styled liberal group. To achieve this purpose, we carried out a mapping of the movement's main ideas, identified in its publications on the social platforms of YouTube and Facebook. In this process, we explored the strategies used by the movement in its social networks, including aspects such as language, semiotics and the effective political agenda. Therefore, this research is configured as a documentary analysis that is inserted at the intersection between Digital History and the political dynamics of the contemporary world.

**Keywords:** political ideas; Digital History; liberalism; digital social networks, free Brazil movement.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Passe Livre. Publicação do Facebook. Movimento Brasil Livre. ....	50
<b>Figura 2.</b> Impostos Malditos.....	52
<b>Figura 3.</b> 01 DE NOVEMBRO: O vídeo que a mídia não quer mostrar. ....	69
<b>Figura 4.</b> Veja o programa do PT na TV!. ....	78
<b>Figura 5.</b> PT deu um golpe no povo brasileiro", diz Eduardo Jorge. ....	84
<b>Figura 6.</b> O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 1 .....	87
<b>Figura 7.</b> O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 2 .....	88
<b>Figura 8.</b> O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 3 .....	89
<b>Figura 9.</b> O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 4 .....	90
<b>Figura 10.</b> O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 5 .....	91
<b>Figura 11.</b> Psolista pergunta diferença entre capitalismo e socialismo; Kim Kataguirí dá aula. ....	107
<b>Figura 12.</b> Marchas contra os impostos.....	121
<b>Figura 13.</b> Símbolo das manifestações. ....	123
<b>Figura 14.</b> Natal Dilma Rousseff.....	129
<b>Figura 15.</b> Stalin. ....	132
<b>Figura 16.</b> Coisas que não funcionam. ....	134
<b>Figura 18 –</b> Fernando Haddad .....	137

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – EM BUSCA DAS IDEIAS POLÍTICAS NA ERA DA INTERNET .....</b>	<b>15</b>
1.1 A NOVA DIREITA E O SÉCULO XXI.....	24
1.2. AS IDEIAS POLÍTICAS DA DIREITA NO MUNDO VIRTUAL .....	32
1.3. AS DIREITAS BRASILEIRAS E OS USOS DA INTERNET .....	40
<b>CAPÍTULO 2 – O LIBERALISMO DIGITAL .....</b>	<b>60</b>
2.1 AS REDES E A POLÍTICA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO .....	60
2.2. O MBL NO <i>YOUTUBE</i> .....	62
<b>CAPÍTULO 3 – O MBL NO FACEBOOK .....</b>	<b>117</b>
3.1 2013: AS JORNADAS DE JUNHO E O SURGIMENTO DO MBL .....	118
3.2. 2014: O MBL E AS ELEIÇÕES DE DILMA ROUSSEFF .....	122
3.3. 2015: ANÁLISE DO DOCUMENTO DE DIRETRIZES DE FILIAIS .....	125
3.4. 2016: A ATUAÇÃO FRENTE AO GOLPE .....	130
3.5. 2017: O ANO DO TRIUNFO .....	133
3.6 2018 O MBL E A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO .....	136
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>142</b>

## INTRODUÇÃO

Teremos dois movimentos fundamentais ao longo deste texto. O primeiro consiste em apresentar a história da fundação do Movimento Brasil Livre (MBL), investigando o que motivou a formação do grupo e quais os atores envolvidos nesse processo. Para atingir essa finalidade, estabeleceremos diálogo com outros trabalhos acadêmicos que também tiveram o MBL como objeto de pesquisa, além de um debate teórico sobre a configuração dos movimentos sociais. O segundo consiste em pensar a atuação do MBL no campo digital e no processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff.

O MBL assumiu certo grau de protagonismo durante o golpe, principalmente no que tange à mobilização popular. Mais precisamente, o trabalho busca debater com as ideias políticas (neo)liberais que foram articuladas no mundo virtual para esse propósito. Em diálogo com as análises contextualistas da história intelectual, argumentaremos que há, no Brasil, uma reconfiguração das ideias liberais no período de 2013-2020, a qual é indissociável tanto da conjuntura histórica brasileira e mundial, quanto do próprio meio privilegiado de difusão e construção dessas ideias, isto é, os meios digitais. O MBL, desse modo, tem um papel central nessa transformação.

Os *corpora* documentais compõem-se de produções das primeiras manifestações do movimento, veiculadas seja por meio das redes sociais, seja por meio de hinos ou entrevistas. Temos como pretensão discutir as primeiras ideias que foram expostas ao público. O livro de autoria dos membros do MBL (2017)<sup>1</sup> também será utilizado como fonte histórica, uma vez que exhibe uma narrativa pela perspectiva dos próprios integrantes do Movimento. Como a proposta é discutir as ideias do MBL e sua relação com a tradição liberal, tentaremos situar e relacionar as ideias expostas.

As fontes digitais, assim como os materiais, podem ser editadas, reeditadas ou excluídas. Ao longo da escrita deste texto, algumas fontes digitais mapeadas inicialmente foram excluídas pelo próprio MBL, o que evidenciou a necessidade da criação de um banco de dados que armazenasse essa documentação; temos trabalhado, então, na formação desse banco de dados.

---

<sup>1</sup> KATAGUIRI, Kim; SANTOS, Renan. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidente: MBL: a origem**. São Paulo: Editora Record, 2017.

A internet ocasionou a “convergência entre diversas mídias”<sup>2</sup>, isto é, o rádio, a televisão e o jornal, de modo que estão todos presentes nas redes *online*. Portanto, a informação digital, mesmo que se apresente sob formatos já conhecidos, tem seus elementos agora unidos em sons, textos, imagens e vídeos.

Desse ponto de vista, as redes sociais se tornaram um canal oficial de comunicação, na medida em que órgãos públicos e privados, representantes políticos e uma parcela da população habitam esse espaço e interagem, seja de forma harmônica, seja de forma conflituosa. Assim, a abordagem central deste trabalho consiste na análise do linguajar político empregado, somado às formas pelas quais o MBL opera suas redes sociais. Trata-se de uma busca pela intencionalidade dos discursos políticos? Existe hoje um amplo debate acadêmico sobre as possibilidades de acessar as “intencionalidades”, pois elas estão em um campo altamente subjetivo, que nem sempre está ao alcance do historiador. É certo que o discurso pode tomar projeções que o autor não previu, da mesma forma que os usos posteriores dos discursos, isto é, os significados que eles tomam, muitas vezes estão além das pretensões do autor, se é que ele as tinha com clareza. Nos termos de Skinner<sup>3</sup>, “os textos podem ter significados intencionais originais, mas sublinha que ao longo do tempo, e também pelas características polissêmicas e metafóricas da linguagem, qualquer texto adquire um espaço autônomo de sentido que já não é animado pela intenção do seu autor”.

As mensagens que o MBL formula e divulga despertam efeitos no debate público, “interagindo no campo em que as ideias políticas se formam”<sup>4</sup>. As ações e significados que o discurso tomou, nesse sentido, podem ser mais importantes do que as pretensões que o MBL tinha ao proferir determinado discurso. Essa é a chave interpretativa que é utilizada nas publicações do Movimento.

A trajetória do MBL é composta por alianças e rompimentos com partidos e figuras políticas. As ideias exteriorizadas pelo Movimento se apropriam da linguagem conceitual de autores liberais, embora tomem um sentido próprio. As mensagens são voltadas para a realidade brasileira, bem como os objetivos que circundam os discursos. O MBL coloca-se, portanto, como um ator histórico engajado nas ações políticas de seu tempo. O fio condutor da pesquisa,

---

2 JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008, p.10.

3 SKINNER, Quentin. *Motivos, intenciones e interpretación*. **Ingenium Revista Electrónica de Pensamento Moderno y Metodología en Historia de la Ideas**, Madrid, n. 1, pp. 77–92, 1º de maio de 2009, p. 80.

4 Id., *Visions of Politics* (Vol. 1). Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 85.

por conseguinte, reside na batalha entre as ideias e a luta pela sua hegemonia no ambiente político<sup>5</sup>.

Por isso, é de suma importância que as mensagens proferidas pelo MBL sejam localizadas em seus contextos de produção, nas disputas discursivas e políticas que se desenrolam em períodos recentes. Embora o neoliberalismo construa uma narrativa de Estado mínimo, os desejos não aparentes dessa corrente estão na própria definição da atuação do Estado. Dito de outra forma, o desejo neoliberal não recai sobre o fim do Estado, mas fala de um Estado mais alinhado a determinados interesses de mercado.

O MBL, além disso, é um movimento político. Um movimento político é uma ação coletiva. É formado um grupo que adota certas ideias políticas com a intenção de influir nos processos decisórios. Se “movimentos políticos se distinguem dos partidos políticos porque não passam necessariamente pela institucionalização”<sup>6</sup>, é preciso dizer que surgem a partir das tensões sociopolíticas, das reações dos agentes frente às dinâmicas do sistema, podendo, grosso modo, assumir três caminhos de militância: conservar, reformar ou romper com a ordem estabelecida. Os movimentos se constituem a partir de motivações, valores e exigências, e se articulam sob a teoria e a prática política.

Ao longo da história do Brasil, os movimentos políticos ascenderam e foram responsáveis por modificações significativas. As Diretas Já (1983-1984) propunham eleições para a escolha do presidente, após um longo período de ditadura civil-militar. O movimento dos “caras-pintadas” clamava pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor (1990-1992), devido aos esquemas de corrupção e às medidas econômicas adotadas na época. Mais recentemente, houve as Jornadas de Junho de 2013, evento crucial para a situação política atual.

As Jornadas de Junho de 2013 foram uma série de protestos que se espalharam por todos os estados brasileiros, caracterizando um levante popular nacional. Começaram devido ao aumento da tarifa dos transportes públicos, com forte protagonismo do Movimento Passe Livre (MPL). Com o tempo, outras reivindicações começaram a ganhar contornos nos protestos. A adesão popular às manifestações evidenciou um novo fenômeno no jogo político, qual seja, a utilização das redes sociais na internet para organização e divulgação dos protestos. Os grandes

---

<sup>5</sup> SOBRAL, Karine Martins; RIBEIRO, Ellen Cristine dos Santos. A concepção de hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci. **Cadernos GPOSSHE On-line**, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2020, p. 103.

<sup>6</sup> BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. UnB, 1992, p. 786.

canais televisivos, inicialmente, se colocaram contrários aos manifestantes. Entretanto, as redes sociais seguiam atuando nas organizações das manifestações.

Os telejornais tentavam desconstruir as manifestações, apresentando os manifestantes como arruaceiros que só estavam causando o caos nas cidades a partir da paralisação do trânsito. Porém, ao mesmo tempo, ativistas tentavam apresentar pelas mídias sociais o que não era contado pelos telejornais. Por fim, a mídia tradicional da televisão teve a luta vencida pelas mídias sociais, um fato histórico.<sup>7</sup>

Impulsionadas pelas mídias digitais, as Jornadas de Junho trouxeram um novo público ao debate político. As manifestações cobravam tanto demandas de direitos sociais quanto teciam críticas ao sistema político. Inicialmente, as reivindicações populares pareciam centralizadas em pautas específicas. Com o tempo, o debate foi sendo ampliado, polarizado e radicalizado. Novamente, as redes digitais foram fundamentais nesse processo de radicalização, por meio dos algoritmos, que são as linhas de programação que determinam o funcionamento de uma plataforma digital.

É truísmo dizer que o interesse primordial dos donos das redes digitais é que os usuários permaneçam nas redes pelo maior tempo possível. Para atingir esse objetivo, as redes digitais direcionam um conteúdo específico para cada usuário, baseado em seus gostos e preferências. A rede define os gostos a partir das pesquisas dos usuários, além dos conteúdos com os quais interagem, o tempo que o usuário permanece em determinada publicação, os assuntos que procuram, essas informações são armazenadas. Toda utilização dos meios digitais deixa rastros, e esses rastros são usados para traçar as preferências de cada usuário. Os algoritmos são responsáveis por operar essa dinâmica.

Como visto, as novas tecnologias passaram a impactar o mundo político. Marcus Abílio afirma que a popularização das redes digitais acaba por produzir dois efeitos no cenário político:

Os representantes públicos têm um novo canal de comunicação com a população, tentam legitimar seus discursos e ações nesse ambiente, e novos atores passam a ocupar o cenário político, uma vez que pessoas, através de seus discursos, são reconhecidas como representantes legítimos perante uma parcela da opinião pública.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 7, n. 21, 2015, p. 103.

<sup>8</sup> ABILIO, Marcus. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. *In*: **IV ENCONTRO DA COMPOLÍTICA**, Rio de Janeiro: UERJ, 2011, p. 3.

Dentro dessa dinâmica está o MBL. O contexto de popularização dos meios tecnológicos, somado à “crise” que se evidenciou nos protestos veio junto com uma quebra no monopólio informativo com o advento da internet. Ainda que o ambiente virtual possa ser questionado enquanto espaço democrático<sup>9</sup>, é inegável que os canais informativos das massas (jornal, rádio e a televisão) não são os únicos a informar a grande população, principalmente na era digital. Portanto, as redes sociais formam novos modos de construção e compartilhamento de informações, sendo um campo fértil para novas ideias.

As redes sociais, enfim, permitem a interação humana, embora cada rede social conte com especificidade. Os tipos de conteúdo que circulam, assim como os modos de interação entre os utilizadores, variam de acordo com a rede social. Nesse sentido, optamos por duas sociais específicas: *Facebook*, *YouTube*. A escolha foi baseada na popularidade dessas redes no contexto de emergência do MBL.

O *Facebook*, de fato, foi a rede social mais popular durante o surgimento do MBL. Foi o principal local de contato entre as ideias do movimento e o grande público. O *Facebook* mostra-se a rede social com maior potencialidade nas misturas das mensagens; imagens, vídeos e áudios que circulam, algumas vezes separados, outras vezes fundidos, dando origem a um novo tipo de conteúdo.

Já o *YouTube* é uma rede social baseada em vídeos de diversas durações. A plataforma foi pioneira no processo de digitalização de conteúdos “audiovisuais”<sup>10</sup>. Além de promover um sentido de comunidade, uma vez que provoca interações como as “curtidas” ou os comentários. Os conteúdos digitalizados por meio do *YouTube* expressam ideias e estimulam a interação, configurando um novo processo de comunicação digital.

---

<sup>9</sup> O financiamento ou impulsionamento pode garantir o crescimento de determinada publicação, fazendo com que a publicação seja vista por um maior número de pessoas. Outro ponto, a internet é acessada por intermédio de aparelhos que não estão disponíveis a toda população, há uma fração social presente em rede. Portanto, visto que o poder econômico age nesse ambiente e o acesso não é pleno, a ideia de rede social como um espaço democrático pode ser questionada.

<sup>10</sup> SERRANO, Paulo Henrique Souto Maior. **Cognição e interacionalidade através do *YouTube***. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior. Covilhã/Portugal: UBI, v. 1, p. 04-29, 2009, p. 03. Disponível em: <https://bocc.ubi.pt/pag/serrano-paulo-cognicao-interacionalidade-youtube.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2023.

## CAPÍTULO 1 – EM BUSCA DAS IDEIAS POLÍTICAS NA ERA DA INTERNET

A política pode ser interpretada como um campo da ação humana em que ocorrem implementações, acordos, exclusões e concessões de ideias. Portanto, o campo político é, acima de tudo, um campo de disputas e compromissos. Essas disputas ocorrem a partir de grupos, indivíduos, partidos e instituições dotados de poderes, que são, de formas distintas, assimétricos. As diferentes formas de governo estabelecem-se, perpetuam-se e se dissolvem-se em meio a esses conflitos. Os países ocidentais, em sua maioria, se organizam sobre as assim chamadas democracias representativas liberais. Não é à toa que David Harvey aponta para ideologia liberal – aqui entendida tanto em sentido político: instituições representativas, liberdades individuais e propriedade privada constitucionalmente asseguradas, quanto em sentido econômico: livre iniciativa, livre mercado e competição – como hegemônica<sup>11</sup>. Nesse sentido, muitas concepções e ideias formuladas por pensadores associados ao liberalismo foram e são implementadas. Apesar de ser a ideologia dominante, o liberalismo não é a única vertente presente; por isso, há um interesse de seus adeptos em seguir disputando campos, narrativas e ideias. Da mesma forma, não existe consenso sobre o próprio liberalismo, que é naturalmente plural; por exemplo, se os liberais, de forma geral, advogam por uma redução (e não extinção) do Estado, não há qualquer consenso sobre as áreas efetivas em que essa redução deve acontecer. Um importante instrumento das disputas políticas é a mídia, uma vez que ela é responsável por interagir com a opinião pública. Em períodos recentes, as democracias representativas têm parte do corpo político definido por voto popular, de modo que as mídias conseguem, em alguma medida, alavancar ou manchar figuras e órgãos políticos, ocupando, assim, um papel de protagonismo em meio às disputas políticas.

A relação entre a política e a mídia é antiga. Se considerarmos os periódicos, jornais e panfletos como mídias, nós temos registros desde a antiguidade. No Império Romano, já circulavam escritos em grandes placas brancas (*Acta diurna*), que eram expostas nas praças públicas; esses escritos buscavam exaltar as vitórias militares enquanto omitiam as derrotas<sup>12</sup>. Outro exemplo, já na Era Moderna, se dá na França do século XVIII, quando os parlamentos

---

<sup>11</sup> HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008, p. 2.

<sup>12</sup> SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no ocidente. In: SOUSA, Jorge Pedro (org.). **Jornalismo**: História, Teoria e Metodologia. Perspectivas Luso-Brasileiras. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008, p. 34.

podiam enviar advertências às decisões do rei; essas advertências eram impressas e publicadas, submetendo as decisões monárquicas ao conhecimento de parte da população<sup>13</sup>.

A mídia se revoluciona incessantemente com o surgimento das indústrias, assim como o desenvolvimento e a sofisticação das máquinas permitem que os jornais sejam impressos, circulem com maior velocidade e em regiões mais afastadas. O desenvolvimento do rádio (1896) e da televisão (1930) inauguraram novas formas de mídia, as quais, ao lado dos jornais, são chamados de veículos de informação de massa, pois, a mensagem transmitida por essas mídias pode atingir uma significativa parcela social.

Mais recentemente, contamos com o advento do computador (1943- 1946), da internet (1969) e da popularização dos smartphones (1990 – 2010). Essa nova mídia digital assimilou características das mídias anteriores. Na internet, circulam textos, áudios e vídeos, por isso Jenkins utiliza o conceito de convergência das mídias<sup>14</sup> a partir do desenvolvimento da internet. A convergências das mídias é a união entre a mídia de massa e as novas tecnologias digitalizadas, mais do que isso, o autor demonstra que o surgimento de uma nova mídia incorpora noções das mídias anteriores, por isso é possível notar elementos do rádio, na TV, assim como da TV, do rádio e dos jornais na internet. Pois, o desenvolvimento tecnológico acaba por fundir as características midiáticas dando forma a uma nova mídia instaurada sob os elementos de suas antecessoras.

Porém, não somente mensagens típicas das mídias antigas circulam na esfera digital, mas também existem novas formas de linguagem e conteúdos específicos ao formato digital. Entre as especificidades desses conteúdos estão a simultaneidade, a memética<sup>15</sup>, os espaços de socialização, que não se restringem aos limites físicos, e há um contínuo crescente de conteúdos disponibilizados todos os dias, configurando uma superprodução.

Diferentes pesquisadores, como Fernanda Kemper Moreira<sup>16</sup> e Marcelo de Oliveira<sup>17</sup>, apontam para o desenvolvimento da internet como a quarta etapa da Revolução Industrial. Os autores notam que o mundo digital acabou por promover uma revolução no campo dos sistemas, nos modos de produção, gerenciamento e governança. A quarta etapa da Revolução Industrial

---

<sup>13</sup> CARVALHO, Daniel Gomes de. **A Revolução Francesa**. São Paulo: Ed. Contexto, 2022, p. 49.

<sup>14</sup> JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008, pp. 26- 32.

<sup>15</sup> CHAGAS, Viktor. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [S. L.], n. 95, 2021.

<sup>16</sup> AIRES, R. W. do A.; MOREIRA, F. K.; & FREIRE, P. S. (2017). Indústria 4.0: competências requeridas aos profissionais da quarta Revolução Industrial *In*: **Anais Do Congresso Internacional De Conhecimento e Inovação**. [S. L.], v. 1, n. 1, 2017.

<sup>17</sup> CARDOSO, Marcelo de Oliveira. **Indústria 4.0: a quarta revolução industrial**. 2016. 43 f. TCC (Especialização em Automação Industrial). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

consolida-se com a velocidade da internet, com a sofisticação da inteligência artificial, com as fusões das tecnologias em aparelhos, com máquinas conectadas que geram uma produção de personalização em massa.

Realmente, o desenvolvimento digital acabou impactando a sociedade de tal maneira que vários segmentos da comunicação, interação social e produção foram modificados.

Marcus Abílio sinaliza dois fenômenos políticos que perpassam as mídias digitais: os agentes e órgãos públicos têm um novo canal de comunicação, buscando legitimidade de suas ações perante a opinião pública; e novos atores e grupos políticos migram da esfera digital para os órgãos políticos institucionais, pois adquirem, por meio da internet, apelo social.<sup>18</sup>

As novas tecnologias, assim, fornecem inéditas formas de atuação política por meio da militância digital e os repertórios usados continuam sendo descobertos. Nesse sentido, a presente Pesquisa busca investigar os usos das redes sociais pelo Movimento Brasil Livre (MBL), identificando quais as estratégias adotadas para a mobilização e organização dadas por meio das redes sociais. Para isso, contemplaremos as principais ideias do movimento, rastreadas a partir das fontes primárias, isto é, as publicações do movimento entre os anos de 2014 a 2018.

Buscar ideias políticas no espaço digital é adentrar em um campo instável, maleável e crescente. As publicações podem ser editadas, reeditadas ou excluídas. Esse passado revisitado está sujeito a alterações definidas pelos embates e posicionamentos recentes. As redes sociais foram instrumentalizadas nos jogos de poder. O ativismo político *online* recorre às velhas táticas de propaganda e agitação. A militância digital envolve a produção de conteúdo em diferentes formatos: vídeos, textos, áudios e imagens. Esses materiais permeiam a subjetividade dos sujeitos. Muitos dos conteúdos que transitam na esfera digital apresentam um sentido político, mesmo que não assumidamente.

Apesar da recente popularização dos smartphones, a exclusão digital ainda é um fator determinante para se pensar o uso das redes digitais. As redes sociais são frequentadas por uma parcela social, por mais plural que essa parcela seja.

Desse modo, um conceito que está ganhando popularidade entre os pesquisadores no campo digital é a conhecida "bolha social"<sup>19</sup>. As redes sociais funcionam com base em algoritmos, que são linhas de programação responsáveis por determinar o funcionamento dos

---

<sup>18</sup> ABILIO, M. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. In: **IV ENCONTRO DA COMPOLÍTICA**, Rio de Janeiro: UERJ, 2011, p. 3.

<sup>19</sup> MAGRANI, Eduardo. **Democracia conectada**: A internet como ferramenta de engajamento político-democrático. 2014. 224 f. Tese (Doutorado). Curso de Direito, FGV Direito Rio, Curitiba, p. 120.

aplicativos e *sites*. Como os proprietários das redes sociais têm o interesse de manter os usuários engajados pelo maior tempo possível, os algoritmos monitoram e registram as preferências individuais de cada usuário. Com base nessa análise, eles fornecem informações digitais específicas, direcionando vídeos, fotos e *memes* que se alinham com as preferências e perfis de cada usuário. Essa dinâmica desempenha um papel fundamental na criação de grupos de pessoas que compartilham interesses, visões de mundo, gostos e valores semelhantes, dando origem ao fenômeno conhecido como "bolhas sociais".

Presenciamos inéditos níveis de vigilância e controle; o uso das plataformas digitais deixa rastros que são armazenados e utilizados para diversas finalidades, a mais aparente é a do comércio. Os algoritmos trabalham incessantemente para a indução da compra. Porém, os usos dos dados também atendem finalidades políticas e ideológicas.

Os dados armazenados revelam, precisamente, os gostos, valores e condutas dos utilizadores, dando a possibilidade da manipulação com base nos aspectos da personalidade. Os algoritmos direcionam informações específicas para cada usuário e, com isso, formam comunidades que se associam com base nas preferências. Essas comunidades que se relacionam por meio de interesses em comum são as chamadas bolhas sociais digitais.

A primeira definição de algo semelhante ao fenômeno vivenciado com o aparecimento das bolhas sociais virtuais é o das comunidades virtuais, que são construídas com base nas afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre processos mútuos, através da troca ou cooperação, não sendo dependente mais de proximidades geográficas e das filiações institucionais (...) Desde o surgimento da internet as comunidades virtuais foram criadas com o intuito de aproximar aqueles que pensam igual, sem mais a barreira física ou geográfica. A diferença dessas bolhas pretéritas para as sociais modernas é a escolha voluntária do usuário de se juntar aquela comunidade, sem a influência direta de um algoritmo, como decorre do advento informático.<sup>20</sup>

No campo digital, ocorrem diversas manifestações políticas ao mesmo tempo em que se estabelecem relações sociais que se articulam no âmbito político. Oliveira destaca o poder das redes sociais na atuação democrática, estabelecendo um comparativo entre essas plataformas e as Ágoras gregas da antiguidade, a comparação se dá na proximidade dos dois locais encarados como espaços de manifestação do corpo civil sobre questões políticas. Nesse contexto, as redes

---

<sup>20</sup> BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco.; PELIZZARI, Bruno Henrique Miniuchi. Bolhas sociais e seus efeitos na sociedade da informação: ditadura do algoritmo e entropia da internet. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**. Salvador, v. 5, n. 9, 2019, p. 61.

sociais tornam-se espaços públicos nos quais a população debate assuntos relacionados à vida em sociedade<sup>21</sup>.

Uma outra perspectiva demonstra que o espaço digital reflete as hierarquias econômicas e materiais da sociedade. Portanto, não podem ser encaradas como um espaço verdadeiramente democrático:

Em tese – mas apenas em tese – trata-se de um vasto campo propício ao diálogo e à participação política, mas não se pode jamais esquecer de que, justamente por isso, a internet reflete as contradições e hierarquias que estão na sociedade. Não é possível elidir a questão do poder: não só quem manda ou quem controla, mas quem tem autoridade ou prestígio para falar e ser ouvido. Essas hierarquias não se rompem simplesmente com a chegada de um novo aparato tecnológico.<sup>22</sup>

Esse debate sobre a apropriação das redes digitais nas disputas políticas tem levado pesquisadores a discutirem o real impacto dessas ferramentas, às vezes vistas como aliadas a participação democrática, às vezes como ferramentas de alienação, manipulação e domínio. O livro *colonialismo digital*<sup>23</sup> coloca em perspectiva as relações de domínio do campo cultural e econômico que foram adaptados na época digital. A relação de dependência é transferida para o ambiente virtual. Os países periféricos fornecem dados e consomem tecnologia dos países desenvolvidos, com isso, os países desenvolvidos estão em um estágio de acumulação primitiva de dados, ao mesmo tempo que lucram, e muito, com a exportação de tecnologia digital complexa.

No caso, a relação – periferia e colônia – em que a lógica de exploração da colônia para o acúmulo de riqueza da metrópole está presente nas relações geopolíticas. O conceito de convergência midiática de Henry Jenkins<sup>24</sup> é útil para compreender as modificações e permanências decorrentes das novas tecnologias.

Apesar de as redes sociais parecerem inéditas e revolucionárias, elas ainda incorporam velhas táticas do campo político-eleitoral, articulando estratégias de *marketing* e propaganda partidária, ainda que sob uma nova roupagem.

---

<sup>21</sup> CAMPOS DUTRA, D.; OLIVEIRA, E. Ciberdemocracia: a internet como agora digital. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, [S. L.], v. 6, n. 11, p. 134–166, 2018.

<sup>22</sup> MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O mundo “divertido”: o fetiche da internet e a mobilização política nas redes sociais. **Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global**. Santa Maria, v. 1, n. 2, 2012, p. 319.

<sup>23</sup> SOUZA, Jessé. **Colonialismo digital**: como o Big Data aumenta as desigualdades sociais. São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/colonialismo-digital-1329>. Acesso em: 8 set. 2023.

<sup>24</sup> JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

Para Jamil e Sampaio, “a questão fundamental indica a necessidade de se reconhecer, mais uma vez, a noção de que dimensões específicas do jogo democrático são refratárias a modificações bruscas, respondendo, então, mais a uma cultura política do que a um avanço tecnológico específico”<sup>25</sup>.

Para compreender melhor quais são essas novas roupagens e como elas reforçam determinadas posições políticas, é necessário adentrar nas produções pós-modernas. A sociedade e sua produção estão em constante transformação. Periodicamente, novos conceitos emergem, ganhando destaque nos meios intelectuais ao definir as características específicas dos momentos históricos e das transformações vivenciadas pela sociedade. A discussão em torno da pós-modernidade perdura há décadas, apresentando contornos nem sempre nítidos, o que dificulta a identificação dos elementos que persistem advindos da sociedade moderna e das rupturas que se manifestam nos âmbitos artístico, cultural, político e ideológico, marcando assim o início de uma nova fase social.

Perry Anderson, em sua obra "As origens da pós-modernidade", assumiu a desafiadora tarefa de discutir a pós-modernidade, bem como suas características e efeitos. Para isso evocou uma série de autores, a fim de captar as contribuições e mudanças de perspectiva sobre a pós-modernidade. A pós-modernidade não é uma ideia e sim um fenômeno que atinge as sociedades contemporâneas. Essa nova classificação temporal baseia-se em um presente absoluto<sup>26</sup>. A pós-modernidade é, portanto, uma referência coletiva, que se estende às artes, à política, à tecnologia e a própria forma com que as sociedades se relacionam com o espaço e com o tempo.

O campo artístico que é sensível na captação das mudanças sociais, demonstrando, criticando e transformando essas mudanças, apresentadas sob uma linguagem artística por meio de filmes, séries, do teatro, entre muitas outras manifestações artísticas que apresentam elementos do real por meio de obras ficcionais. A arte pós-moderna “não é de delimitação, mas de mistura, de celebração do cruzamento, do híbrido”<sup>27</sup>.

É nesse sentido que a “arte digital” do MBL pode ser encarada, enquanto um artefato pós-moderno. Ao mobilizar e misturar signos, ao apropriar-se do passado e evocá-lo no presente, essa produção artística digital do MBL mistura-se com a “nova classe média ocidental

---

<sup>25</sup> JAMIL, Francisco Paulo.; SAMPAIO, Rafael. Internet e eleições 2010 no Brasil: rupturas e continuidades nos padrões midiáticos das campanhas políticas online. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, 2011, p. 209.

<sup>26</sup> ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Tradução Marcus Penchel. RJ: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 20.

<sup>27</sup> *Ibid*, p. 110.

combinada com a desilusão política de muitos dos seus integrantes mais articulados fornece o contexto para proliferação do discurso pós-moderno”<sup>28</sup>.

A arte, para alguns críticos, passa a ser pastiche e ecletismo porque perdeu a originalidade, não sabe mais criar. A antiarte não apresenta propostas bem definidas. O pluralismo e o ecletismo são a norma. O pós-moderno é uma miscigenação de muitas coisas, é composto de diversos paradoxos e porque falar de pós-modernidade é falar de tudo e não conseguir falar de nada ao mesmo tempo.<sup>29</sup>

As redes digitais ampliam a interação com as informações e permitem uma multiplicidade de conteúdo. Nesse contexto, os conteúdos digitais misturam sentidos e contextos, utilizando a linguagem estética da pós-modernidade, que se apropria de uma bagagem cultural fornecida pela indústria *pop* para produzir novos significados. A estética da pós-modernidade mescla aspectos banais da vida cotidiana com a arte propagada pela indústria cultural.

É importante destacar que as redes sociais, como espaço de debate político, podem tanto promover a participação e o engajamento democrático, quanto reforçar desigualdades e polarizações. Por meio da análise das produções pós-modernas no contexto digital, é possível compreender melhor como os conteúdos são construídos, como as mensagens políticas são disseminadas e como os atores políticos utilizam essas plataformas para alcançar seus objetivos.

Noberto Bobbio estabelece uma tipologia de três tipos de poderes, que são interligados, mas podem ser vistos de forma separada<sup>30</sup>. São eles: o poder econômico, o poder político e o poder ideológico. O poder econômico atua na esfera digital, uma vez que a partir do investimento financeiro é possível impulsionar as publicações para que elas atinjam um maior número de pessoas. Portanto, os conteúdos impulsionados são reforçados e aumentam sua projeção de circulação. Já o poder político, aquele que impõe regras à sociedade por meio de normas e leis, embora seja executado por instituições e atores políticos em processos alheios aos mecanismos digitais, também são externalizados e debatidos nas redes sociais, uma vez que a população pode legitimar ou rechaçar essas condições. Por fim, o poder ideológico, ou seja, aquele poder capaz de definir valores, ideias e crenças também está presente nas redes sociais

---

<sup>28</sup> ANDERSON, Perry. As origens da pós-modernidade. Cidade: Editora, ano, p. 96

<sup>29</sup> MAYORCA, Juliana Pessi. As contradições da arte pós-moderna. **Revista Trías**, [S.L.], v. 3, 2011, pp. 1-9. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180421131652id/http://www.revistatrias.pro.br/artigos/ed-3/as-contradicoes-da-arte-pos-moderna.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2023, p. 3.

<sup>30</sup> BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Trad. Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 115.

digitais, já que as redes sociais se articulam na interação intelectual. As ideias são expostas e debatidas, interagindo com parte da opinião pública.

Entendemos que o poder ideológico é exercido pelo Movimento Brasil Livre por meio da extensa produção intelectual que ocupa as páginas das redes sociais do Movimento. A palavra ideologia, enfim, comporta uma série de significados, como demonstra Terry Eagleton:

- a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social;
- b) um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social;
- c) ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- d) ideias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- e) comunicação sistematicamente distorcida;
- f) aquilo que confere certa posição a um sujeito;
- g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais;
- h) pensamento de identidade;
- i) ilusão socialmente necessária;
- j) a conjuntura de discurso e poder;
- k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo;
- l) conjunto de crenças orientadas para a ação;
- m) a confusão entre realidade linguística e realidade fenomenal;
- n) oclusão semiótica;
- o) o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social;
- p) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural.<sup>31</sup>

Podemos pensar as redes sociais enquanto espaços de disputas ideológicas, que são os mecanismos pelas quais os sujeitos interpretam a realidade e agem em seu meio social. Sob uma vertente marxista, o conceito de ideologia está interligado ao domínio das crenças e valores das classes dominantes e seu poder de moldar a interpretação da realidade. Já dentro de uma outra linha de pensamento, as ideologias são capazes de buscar a compreensão sobre a função das ideias na vida social.

Pensando nessa perspectiva, as ideias expostas pelos mecanismos digitais atuam na legitimação ou na contestação do poder existente, podendo inclusive transitar por esses espaços. Os conteúdos das redes digitais crescem exponencialmente, o que faz com que os produtores de conteúdo tenham que tornar seus materiais atrativos para o público. Para isso, eles recorrem a uma tática recorrente no jogo político, qual seja, a espetacularização da política.

A política institucional é marcada por formalismos e documentos, algo que acaba, em alguma medida, afastando parte da população. Com as redes sociais, o jogo político torna-se um entretenimento. O livro de Guy Debord<sup>32</sup>, “A sociedade do espetáculo”, é uma das grandes

<sup>31</sup> EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: UNESP/Boitempo, 1997, p. 15.

<sup>32</sup> DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

referências no estudo das sociedades modernas, formadas e informadas pelas mídias de massa, constituindo assim relações sociais que são intermediadas por imagens. O espetáculo invade a vida política, artística e cotidiana. Pode-se dizer que a espetacularização foi reforçada pelas mídias digitais, uma vez que há uma intensa disputa pela atenção dos utilizadores das plataformas digitais. Ocorre então uma verdadeira batalha para capturar essa atenção, e os métodos utilizados para isso são polemizar e personificar o jogo político. A política torna-se, nas redes digitais, uma *performance* narrativa, pois assim, consegue cativar o seu público, uma vez que, como enunciado por Debord, a imagem é mais relevante que o conteúdo.

Os espetáculos, difundindo pelos meios de comunicação, foram mercantilizados. Para além dos interesses políticos, as redes sociais digitais inauguram uma lucrativa forma de negócio, uma vez que o capital social reverbera em capital econômico.

Segundo Moretzsohn, “a ideologia da excitação permanente que prevalece no mundo contemporâneo: uma excitação previsivelmente canalizada para atividades lúdicas, que alimentam uma das indústrias mais lucrativas da atualidade”<sup>33</sup>.

Nas redes sociais, a opinião pública debate determinadas pautas específicas. Essas pautas tornam-se tendência e são debatidas pelas bolhas sociais digitais, caso ganhem projeção, podem, inclusive, se espalhar para novas bolhas sociais digitais. Portanto, para uma análise das ideias e dos usos das redes sociais, temos que entender qual era a pauta do período. Por isso recorreremos ao contexto linguístico de Pocock.

Os atos de falas proferidos e as linguagens selecionadas na formação do material digital visam posicionar-se sob as pautas do momento. Portanto, a análise das ideias políticas na era da Internet não recai, apenas, nas palavras proferidas e seus significados em sentido mais elementar. Pelo contrário, a análise recai nas próprias circunstâncias, condições e elementos que envolvem os atos de fala. Dito de outro modo, uma análise das ideias políticas também busca remontar o contexto do debate público em pauta no momento que os atos de fala são externalizados. Contexto linguístico, em sentido contextualista, relaciona-se com os discursos e ideias — “paradigmas”, nos termos de Pocock — disponíveis para que o ato de fala se realize; desse modo, o ato de fala pode, por exemplo, reforçar, contestar, negar ou subverter os paradigmas em questão<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O mundo “divertido”: o fetiche da internet e a mobilização política nas redes sociais. *Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global*. Santa Maria, v. 1, n. 2, 2012, p. 320.

<sup>34</sup> POCOCK, John G. *As linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 45.

Investigar as ideias políticas que circulam na internet é perceber as formas pelas quais essas ideias são moldadas, disseminadas e como elas interagem com o imaginário social. Por isso, faremos uma coleta de dados a partir das publicações do MBL, em seguida, vamos identificar as palavras-chave mais utilizadas em cada período, buscando compreender qual a função social desses atos de fala. Englobando a retórica, as metáforas e as estratégias discursivas adotadas. Por fim, vamos compreender parte do impacto que essas ideias surtem na esfera política e social.

Para seguirmos esse percurso devemos entender quais as continuidades e as rupturas entre as ideias e atores políticos da chamada direita política. Assim como devemos considerar o século XXI como um período histórico que conta com novos mecanismos de diálogo e interação, situados no mundo digital.

### 1.1 A NOVA DIREITA E O SÉCULO XXI

As ideologias são um compilado de ideias que buscam intervir na realidade material do corpo social. Elas apropriam-se de diferentes mecanismos para disseminar suas ideias, como as mídias, que, em períodos recentes, estão migrando para a esfera digital.

As doutrinas ideológicas que orientam as práticas políticas foram adaptadas para as redes digitais, vestindo assim uma nova linguagem. Há, como se sabe, uma disputa secular nas ideias políticas entre o marxismo e o liberalismo ou entre a direita e esquerda. Essas nomenclaturas não abarcam toda a ramificação e contradição do pensamento político, sendo com frequência termos generalizantes, ressignificados de acordo com o período ou o local referido. Entretanto, do ponto de vista do debate político, são termos constantemente utilizados nos discursos políticos para demonstrar a contraposição entre as interpretações da realidade e as diretrizes políticas que devem ser tomadas; ou seja, a despeito de toda generalização do uso político, no debate político efetivo essas ideias têm uma objetividade própria.

Com efeito, esta Pesquisa pretende analisar as concepções liberais que transitam em rede, pontuando os impactos que essas novas mídias provocam no âmbito das ideias políticas. Se a palavra “liberal”, como veremos, assume diferentes significados para diferentes pensadores em diferentes épocas, o que significa, nas redes sociais em nosso tempo, posicionar-se como partidário do “liberalismo”? E que efeito essa ressignificação específica possui em nosso debate político? Para isso, analisaremos o Movimento Brasil Livre (MBL), grupo político autointitulado liberal. O grupo ascendeu socialmente a partir do uso das plataformas virtuais,

sendo um produtor de conteúdo político digital e um dos responsáveis por “traduzir” as ideias liberais à linguagem das redes.

A origem do termo direita e esquerda, dentro de um sentido político, remete a Revolução Francesa. Durante uma de suas assembleias, foi votado se o rei deveria ou não ter o poder do veto. Os que eram favoráveis ao poder do veto real se sentaram a direita, enquanto os contrários à proposta se sentaram a esquerda, “Desde então, as assembleias revolucionárias jamais deixaram de estar divididas”<sup>35</sup>. Houve também, ao longo do processo revolucionário, transições de atores políticos que iam da esquerda para direita e da direita para a esquerda a depender do embate travado, o que demonstra que o campo de ideias entre o que é ser de direita ou de esquerda não permaneceu estático e nunca foi bem delimitado.

Os termos direita e esquerda podem ser utilizados, pois situam a contraposição entre ideias políticas; mas, para isso, é necessário localizá-los e contextualizá-los dentro dos embates políticos travados que se modificam de acordo com o período histórico abordado. Outro ponto fundamental para se pensar as direitas e esquerdas recai no surgimento de novas linhas ideológicas e políticas, que são apropriadas nesses embates. Temos ainda as posições de centro, que acabam mesclando ideias dos dois espectros políticos mencionados. Com o passar do tempo, os termos direita e esquerda deixaram de ser apenas uma divisão espacial para se tornarem identidades políticas.

Dentro dessas recorrentes adaptações que ocorrem no campo político, surgem novos conceitos que buscam explicar novos fenômenos. Entre as décadas de 1970 a 1990, consolidou-se uma nova ideologia política acompanhada de sua própria teoria econômica, o neoliberalismo. Os estadistas Ronald Regan, presidente dos EUA (1981-1989), e a primeira-ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher (1979-1990), ficaram conhecidos por implementar a agenda neoliberal<sup>36</sup>.

Seus governos ficaram marcados pelo combate aos sindicatos e as políticas de bem-estar social, além de se posicionarem antagonicamente às diretrizes da esquerda. Na economia, houve privatizações e o desmanche de serviços públicos, utilizando como retórica a defesa do livre mercado, apoiado na desregulamentação, na defesa da não intervenção do Estado no campo econômico e no equilíbrio financeiro dos gastos públicos.

---

<sup>35</sup> CARVALHO, Daniel Gomes de. **A Revolução Francesa**. São Paulo: Ed. Contexto, 2022, p. 18.

<sup>36</sup> MAZZA, Giorganio Moisés; MARI, Cezar Luiz de. Meritocracia: origens do termo e desdobramentos no sistema educacional do Reino Unido. **Pro-Posições**, Campinas/SP, v. 32 (setembro), 2021, p. 17.

Wendy Brown conceitua o neoliberalismo como uma ofensiva das elites financeiras às políticas de bem-estar social<sup>37</sup>. Já Dardot e Laval mostram que o neoliberalismo vai além de uma diretriz política e econômica, agindo também em uma nova racionalidade, que estimula a competitividade, o individualismo, a mercantilização de todos os aspectos da vida, e novos sujeitos preocupados em se autogerir como se fossem empresas, por meio de metas e uma intensa produtividade, o que causa um negativo impacto psíquico. Para eles, o neoliberalismo “é, em primeiro lugar e fundamentalmente, uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados”<sup>38</sup>.

Os autores se valem dos escritos de Foucault sobre a biopolítica e sobre o sistema normativo, considerando uma questão muito cara a Foucault: as relações de poder, mesmo dentro de microexpressões que ocorrem na vida cotidiana. As microformas de poder atuam modulando a conduta dos homens. Desse modo, seja por um domínio político direto por meio de chefes de governo, seja pela disseminação de valores, conceitos e condutas, o neoliberalismo se consolidou e foi disseminado em outras regiões do globo.

A América Latina sofreu golpes militares durante as décadas de 1960 e 1970. Os regimes militares perseguiram e assassinaram pessoas vinculadas ou simpáticas às esquerdas. O neoliberalismo, enquanto teoria econômica, foi adotado pelo regime militar chileno, embora com diferenciações em relação ao neoliberalismo europeu e norte americano, pois “assumiu uma face mais moralizante (católica) e muito mais autoritária, especialmente como reação à ascensão aos movimentos populares reformistas da década de 1960”<sup>39</sup>.

No Brasil, mesmo com a transição para a democracia representativa, o neoliberalismo seguiu presente. Nos anos de 1990, a agenda política de Fernando Henrique Cardoso ainda contemplava a agenda neoliberal. Durante as décadas seguintes emergiram na América Latina regimes da esquerda radical e moderada, o que ficará conhecido como a Primavera Rosa<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Ed. Politeia, 2019, p. 28.

<sup>38</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 15.

<sup>39</sup> CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião Carlos et al. (orgs.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 117.

<sup>40</sup> “As vitórias de Lula da Silva (2002; 2006) e Dilma Rousseff (2010; 2014) no Brasil; de Michelle Bachelet no Chile (2006; 2014), Nestor (2003) e Cristina Kirchner (2007; 2011) na Argentina, Jose Mujica (2010) no Uruguai, Evo Morales (2006) na Bolívia, Hugo Chavez (1999; 2001 e 2007) e Nicolas Maduro (2012) na Venezuela; e Rafael Correa (2007) no Equador, estimularam muitos politólogos a tentar compreender o ressurgimento da esquerda na região. Governos de democracias mais consolidadas, como Brasil, Uruguai e

David Harvey analisou o neoliberalismo e conseguiu apontar algumas de suas características. É importante frisar que o neoliberalismo, enquanto ideologia globalizada, se adapta a questões locais ou regionais. Portanto, seus discursos e agendas, embora sejam parecidas nas diferentes regiões que alcança, ainda sofre adaptações. De toda forma, Harvey fornece importantes contribuições teóricas para se pensar as políticas neoliberais, que atuam no fortalecimento do setor privado, asseguram o direito à propriedade privada, retiram ou diminuem as barreiras comerciais, e desestimulam os movimentos sociais, principalmente os de base trabalhista<sup>41</sup>.

O neoliberalismo é uma das bases da teoria econômica que sustenta a chamada nova direita. A nova direita é vista dentro de um sentido global, que se molda às especificidades locais, mas compartilha certas ideias, valores, e até formas discursivas<sup>42</sup>. Ortellado e Solano analisam o surgimento dessa nova direita e constatam que o termo é generalizante, uma vez que o movimento não é homogêneo<sup>43</sup>. Dentro dessa nova direita, há vertentes ideológicas diferentes e, muitas vezes, conflitantes entre si. De todo modo, o surgimento de novos atores e partidos políticos somado a reelaboração do discurso de agentes vinculados à direita fez com que o termo “nova direita” ganhasse projeção nos meios acadêmicos, jornalísticos e nos debates públicos.

No Brasil, a nova direita ascendeu como um fenômeno político em meados de 2010. Assim como qualquer outro fenômeno político, para compreendermos o surgimento dessa nova direita temos que remontar a conjuntura da época. O primeiro e essencial ponto que vinculou setores da direita que englobava conservadores, reacionários e setores liberais foi o antipetismo. Como se sabe, o Partido dos Trabalhadores ficou no poder de 2003 até 2016<sup>44</sup>.

O texto de Vera Alves também investiga as matrizes ideológicas dessa nova direita brasileira. A obra aborda três questões fundamentais que devem ser consideradas ao analisar essa nova direita<sup>45</sup>. O primeiro ponto é justamente essa matriz ideológica, as identidades

---

Chile, foram classificados como “esquerda moderada”; já seus pares na Venezuela, Equador, Argentina e Bolívia foram enquadrados dentro da terminologia de “esquerdas populistas” ou “radicais”. *Ibid.*, p.118.

<sup>41</sup> HARVEY, D. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 9.

<sup>42</sup> BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Ed. Politeia, 2019, p. 14.

<sup>43</sup> ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Perseu**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, v. 7, n. 11, 2016.

<sup>44</sup> Retornando em 2023. p.177.

<sup>45</sup> CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 23, n. 2, 2018, pp. 41-45.

teóricas e as linhas argumentativas, que dão corpo a uma nova corrente política e ideológica. A segunda questão está nos marcos temporais, qual o período de formação dessa nova direita e em que momento histórico ela surge. O terceiro ponto recai nas adaptações locais, visto que essa nova direita se configura como um fenômeno global, mas se adapta às especificidades locais, construindo ideias e discursos próximos mas singulares.

A autora demonstra que essa nova direita se vale das noções de Gramsci para travar conflitos no campo cultural, buscando assim disputar narrativas, atuar na formação das mentalidades e influenciar políticas concretas.

Sem entrar em uma análise detalhada do governo petista e suas nuances, é possível dizer que, de forma geral, foi um regime reformista que investiu em políticas assistencialistas. Para Boito<sup>46</sup>, trata-se de um governo neodesenvolvimentista que busca diminuir as desigualdades por meio de políticas públicas, mas sem romper com a ordem burguesa.

As políticas assistencialistas causaram um descontentamento das classes médias que, historicamente, buscam aparatos simbólicos para se diferenciar das classes mais baixas. Seja por meio de bens de consumo, seja por meio de títulos ou da cultura erudita. As políticas assistencialistas dos governos petistas permitiram a ascensão social de determinados indivíduos, o que gerou descontentamento das classes médias, que se sentiram ameaçadas e não contempladas.

O fator de disputas entre as classes não pode ser ignorado, uma vez que os membros do MBL apontam esse descontentamento dos setores de classe média como uma oportunidade para adquirir capital social: “A classe média — aquela lá, que paga a conta e leva a fama — não só resolveu entrar na brincadeira como botou ordem na casa. Foi dela o grito sem bandeira de partido! Foi graças a ela que o movimento ganhou corpo, peso e relevância”<sup>47</sup>.

Gamba Torres compara o golpe civil-militar do Brasil de 1964 com o golpe jurídico que depôs a presidenta Dilma Roussef em 2016 e constata que “demonstram uma cultura política de classe média e alta que considera qualquer diminuição da desigualdade social como a antessala do comunismo e percebe, nos governos PT e de João Goulart, um plano malicioso de tomada de poder, por pessoas ligadas ao perigo vermelho”<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> BOITO JUNIOR, Armando. Os conflitos de classe na recente história política do Brasil. **Princípios**, São Paulo, v. 42, n. 166, 2023, p. 12.

<sup>47</sup> KATAGUIRI, Kim; SANTOS, Renan. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidente: MBL: a origem**. São Paulo: Editora Record, 2017, p. 28.

<sup>48</sup> TORRES, Mateus Gamba. Duas Marchas, um objetivo: Os movimentos golpistas de 1964 e 2016 em imagens. *Religación: revista de ciencias sociales y humanidades*, Quito, Equador, v. 2, 2017, p. 1.

Entretanto, o antipetismo não se resume ao aspecto da ascensão das classes populares e ao descontentamento das classes médias. A crise econômica gera um impacto negativo para os governos vigentes, uma vez que o poder de compra diminui e os problemas decorrentes da falta de renda aparecem. Seja como for, a grande mídia desempenhou um papel fundamental na formação de grupos contra o governo. Utilizando do velho método de espetacularização rechearam o imaginário social, reforçando os escândalos de corrupção.

Segundo Torres, “a grande imprensa à época de 1964 apoiou o golpe com vários editoriais. Podemos citar: o Globo, a Folha de São Paulo e o Correio da Manhã, jornais que também apoiaram o *impeachment*”.<sup>49</sup>

Corroborando com Matheus Gamba Torres, Ortellado e Solano apontam para o protagonismo midiático da televisão quando comparada a outras mídias: “Aqui prevaleceu o grande desconhecimento dos comentaristas da imprensa escrita – o que sugere que a televisão ainda é o meio de comunicação predominante na formação da opinião política”<sup>50</sup>.

A grande e tradicional mídia brasileira, embora não se coloque como tal, atua como um agente político ativo, interferindo e atuando sobre a opinião pública. A grande mídia televisiva consegue destacar determinadas questões e a forma como elas são abordadas. As relações comerciais, as pressões políticas e outros fatores são determinantes na atuação midiática, e demonstram que a imparcialidade é inexistente, pois toda mensagem busca produzir um determinado efeito social.

Não por acaso, boa parte das críticas da oposição se concentraram na produção e veiculação de escândalos de corrupção – como nos casos do “Mensalão/Caixa 2” e do atual escândalo envolvendo a Petrobras –, nos quais os grandes meios de comunicação de massa ganharam um papel de destaque como forças opositoras. Como se viu acima, com a atuação da mídia na crise do pré-1964, esse papel não tem em si nada de novo. O que talvez seja inédito é o grau que atingiu o protagonismo da mídia como centro articulador das forças conservadoras do País.<sup>51</sup>

O perfil dos manifestantes ajuda a compreender a mobilização popular que legitimou o surgimento e a conciliação de setores da direita. Pablo Ortellado e Esther Solano efetuaram uma pesquisa de opinião realizada em 2013, quando os protestos nas ruas estavam em alta. Ela pode

---

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>50</sup> ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. *Perseu*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, v. 7, n. 11, 2016, p. 170.

<sup>51</sup> KAYSEL, A. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CRUZ, S. V.; Kaysel, A.; CODAS, G. (orgs.). **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 70.

constatar o descontentamento popular frente ao campo político como um todo. Foi uma surpresa, por exemplo, que a maior parte dos entrevistados presentes nas manifestações era a favor que o Estado proveesse acesso gratuito à saúde, educação e transporte.

Por fim, a despeito da agenda de Estado mínimo e privatizações dos grupos que convocavam as manifestações, os manifestantes eram ainda fiéis às demandas de consolidação, ampliação e melhoria dos serviços públicos que tinham emergido em junho de 2013. Ao contrário do estereótipo do manifestante privilegiado e ressentido com o avanço social dos mais pobres, há um notável consenso entre os manifestantes a favor dos direitos sociais fundamentais.<sup>52</sup>

Esses dados contrapõem a questão de a insatisfação popular frente ao governo federal estar apenas relacionada com o descontentamento da classe média devido a ascensão das classes populares. Ele revela que existem outros aspectos fundamentais que vão além dos conflitos simbólicos entre as classes. Além disso, os “escândalos de corrupção” foram determinantes para as manifestações, os mais citados são a lava jato e o mensalão. A indignação contra a corrupção é um dos motivos mais evidentes para a mobilização<sup>53</sup>. Dito isso, a ascensão das classes populares é uma das variáveis que contribuem para a organização social contra o *establishment*, porém, não é o único fator envolvido.

Boito posiciona as disputas entre a burguesia ligada ao capital nacional e a burguesia ligada ao capital internacional como os propulsores da crise política<sup>54</sup>. Trata-se, portanto, de uma disputa entre o neodesenvolvimentismo (FHC, Lula e Dilma) e o neofascismo (Bolsonaro).

Desde a crise política de 2015-2016, que resultou no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT), o arranjo político que dava estabilidade ao bloco no poder sob a hegemonia da grande burguesia interna e sua política neodesenvolvimentista foi substituído por outro, que representa a hegemonia da grande burguesia associada ao capital estrangeiro.<sup>55</sup>

As disputas que ocorrem no interior da burguesia também devem ser consideradas no jogo político, pois essas movimentações podem desencadear o surgimento de movimentos políticos que representem essas frações sociais que detêm participação e poder na arena política.

---

<sup>52</sup> ORTELLADO, P.; SOLANO, E. op. cit., p. 177.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 175.

<sup>54</sup> BOITO JUNIOR, A. Armando. Os conflitos de classe na recente história política do Brasil. **Princípios**, São Paulo, v. 42, n. 166, 2023, p. 24.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 11.

Aqui entram dois fatores fundamentais para o surgimento da nova direita: o primeiro, a popularização das redes sociais e o manuseio político ideológico que as mensagens digitais assumem; o segundo, a reação conservadora que se mobiliza frente ao avanço – ainda que limitado – dos movimentos feministas, negros e LGBTQI+<sup>56</sup>.

A nova direita surgiu em meio a esse conturbado contexto, que inclui a popularização das redes sociais, o crescimento de pautas progressistas indenitárias, o antipetismo que uniu setores outrora ramificados da direita, a instabilidade política alimentada e espetacularizada pelas mídias tradicionais e as próprias disputas travadas no interior da burguesia, a reação as políticas de bem-estar social, os interesses transnacionais apoiados no neoliberalismo.

A nova direita pode ser percebida a partir do surgimento de novos atores, movimentos e partidos políticos. Mesmo que nessa nova direita constem identidades individuais e coletivas que a muito tempo já participam e atuam no jogo político. Para além do surgimento de novas identidades políticas vinculadas à direita, tem-se uma nova subjetividade<sup>57</sup> e novas ordens discursivas<sup>58</sup>.

O trabalho de Messemberg<sup>59</sup> investiga as ideias de formadores de opinião de grupos e indivíduos associados à nova direita. Um fator que interliga esses diferentes atores políticos está no uso das redes sociais. A autora sinaliza e capta as principais ideias das seguintes figuras da nova direita: os movimentos sociais, o MBL, o Vem pra Rua e o Revoltados Online. Alguns líderes desses movimentos, que incluem Kim Kataguiri, Fernando Holiday, Rogério Chequer, Marcello Reis e Beatriz Kicis, Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Raquel Sheherazade, Felipe Moura Brasil e Rodrigo Constantino. E os deputados federais Jair Bolsonaro e Marco Feliciano.

O passo seguinte foi a análise das postagens desses atores políticos no *Facebook* em 2015. O principal objetivo era captar as “ideias-forças” ou a “cosmovisão” dessas identidades.

---

<sup>56</sup> BOITO JUNIOR, A. Armando. op cit., p.10.

<sup>57</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 316.

<sup>58</sup> MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, 2017, p. 643.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p.636.

## 1.2. AS IDEIAS POLÍTICAS DA DIREITA NO MUNDO VIRTUAL

“É como um time de futebol; a defesa é a academia, e os políticos são os atacantes. E já marcamos alguns gols”, diz Beltrão, referindo-se ao *impeachment* de Dilma. “O meio de campo seria ‘o pessoal da cultura’, aqueles que formam a opinião pública”<sup>60</sup>. A declaração de Hélio Beltrão, líder do Instituto Mises no Brasil, evidencia uma estratégia política bem delineada. Apesar da analogia feita com o futebol, ele apresenta um projeto cuidadosamente pensado. Em primeiro plano, surgem instituições, cursos e universidades destinados a moldar indivíduos alinhados aos princípios neoliberais. São pessoas que recebem formação e orientação específicas para participar e argumentar no cenário público.

Em segundo lugar, destacam-se os formadores de opinião, os agentes midiáticos que disseminam ideias, valores e comportamentos à população. Esses comunicadores aprimoram a arte da comunicação, adotando novas linguagens que cativam um amplo público. Com isso, eles conseguem influenciar parte da opinião pública e até mesmo influenciar os tópicos que dominam os debates públicos. Essa capacidade de influência permite que eles desempenhem um papel na determinação da agenda pública.

Por fim, encontramos os políticos, que desempenham o papel de consagrar os interesses neoliberais em âmbito constitucional, desenvolvendo políticas públicas e projetos de lei correspondentes. Eles se incumbem de traduzir as ideias em ações concretas dentro da esfera legislativa e governamental.

O MBL se envolve ativamente nessas três esferas. Em 2021, abriu sua própria academia, a Academia MBL, oferecendo cursos com o propósito de formar “lideranças liberais”. Eles atuam também nas redes sociais e outros veículos midiáticos, embora com ênfase no espaço digital, atuando sobre a opinião pública. E, por fim, detém alguns membros eleitos em cargos públicos, que avançam suas pautas na esfera institucional do Estado.

As mensagens que o MBL formula e divulga despertam efeitos no debate público, “interagindo no campo em que as ideias políticas se formam”<sup>61</sup>. As ações e significados que o discurso tomou, nesse sentido, são mais importantes do que as pretensões que o MBL tinha ao proferir determinado discurso.

---

<sup>60</sup> LEE, Fang. Atlas: assim atua a rede global da ultradireita. **Outras mídias**, São Paulo, Publicado 27/08/2017 às 10:29, Atualizado 09/01/2019 às 17:34. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/atlas-network-assim-atua-rede-global-da-ultra-direita/>>. Acesso em: 08 set. 2023.

<sup>61</sup> SKINNER, Q. *Visions of Politics* (Vol. 1). Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 85.

A atuação da nova direita, incluindo grupos como o MBL, é impulsionada por meio das *think tanks*, instituições não governamentais que desempenham um papel no cenário político por meio da produção intelectual. Essas *think tanks* têm como principal função disseminar ideias e gerar conhecimento no contexto moderno. Elas publicam artigos, contribuições em revistas e jornais e, mais recentemente, têm se inserido no ambiente virtual com a divulgação de publicações, vídeos, textos e *memes*. A orientação ideológica defendida por essas instituições está diretamente ligada aos seus financiadores que podem permanecer no anonimato.

Boito evidencia essa atuação midiática que está além do firmamento de concepções, atuando também no desmanche e na desmoralização das ideias divergentes.

Para chegar ao controle sobre a percepção, a modelagem de mentes e corações, não basta difundir, “construir” mapas conceituais conservadores. E preciso dissolver (de qualquer modo) as tentativas de consolidação de mapas conceituais progressistas. Assim, na cena eleitoral, por exemplo, os *think tanks* não são apenas instrumentos de promoção de candidatos, partidos ou programas. São também “destruidores de reputações” – a reputação de pessoas, partidos ou programas, bandeiras.<sup>62</sup>

Autoras como Camila Rigolin e Maria Hayashi enxergam parte das *think tanks* brasileiras como derivadas da política externa norte-americana, encaixando-se no conceito de “poder suave”<sup>63</sup>. Dado que os Estados Unidos não podem intervir diretamente em eleições e debates ideológicos de outras nações, devido à preservação da soberania nacional e às lembranças das ditaduras militares na América Latina no século XX, optaram assim por mudar suas estratégias<sup>64</sup>.

Desse modo os EUA investiram na indústria cultural e em instituições locais, como as *think tanks*, que se alinham aos interesses norte-americanos e operam em países periféricos. Essa abordagem aproveita-se das redes digitais para a produção e disseminação de ideias. É essencial recordarmos que “não podemos ignorar que o pensamento hegemônico se firma por meio de um permanente estado de negociação no campo das mentalidades”<sup>65</sup>.

<sup>62</sup> MORAES, Reginaldo. A organização das células neoconservadoras de agitprop: o fator subjetivo da contrarrevolução. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião Carlos et al.(orgs.). **Direita, voler!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 241.

<sup>63</sup> RIGOLIN, Camila.; HAYASHI, Maria Cristina. Por dentro dos "reservatórios de ideias": uma agenda de pesquisa para os *think tanks* brasileiros. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2012, p. 23.

<sup>64</sup> LEE, Fang. Atlas: assim atua a rede global da ultradireita. **Outras mídias**, São Paulo, Publicado 27/08/2017 às 10:29, Atualizado 09/01/2019 às 17:34. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/atlas-network-assim-atua-rede-global-da-ultra-direita/>>. Acesso em: 8 set. 2023.

<sup>65</sup> BALLERINI, Frantisco. **Poder Suave:** a força mais eficiente do mundo. São Paulo: Summus, 2017, p. 4.

A hegemonia pode ser vista como uma forma de dominação cultural, econômica e social por parte dos grupos detentores do poder. Essa hegemonia permeia a produção cultural, tendo como alicerce, por sua vez, as mídias. Logo, o pensamento predominante flui pelos principais meios de comunicação.

Um tópico para reflexão é: com as redes sociais amplificando a disseminação de posicionamentos, o pensamento contrário à hegemonia está ganhando força? Ou será que o ambiente virtual está sendo moldado principalmente pelo discurso hegemônico?

Possivelmente, estamos presenciando uma acirrada batalha por esse território digital, o qual tem o poder de modificar a dinâmica do jogo político. Dentro desse contexto, as redes sociais desempenham um papel central e ativo no panorama atual. As redes sociais são locais de conflitos, nas quais os pensamentos hegemônicos e contra-hegemônicos se articulam.

O pensamento hegemônico se favorece pelos algoritmos e filtros, que criam bolhas sociais de pessoas com algum alinhamento ideológico. As mensagens ainda podem ser impulsionadas. Ou seja, a partir de um investimento é possível que seu alcance se amplie. Já o pensamento contra-hegemônico articulado nas redes sociais é capaz de amplificar a voz, os sentimentos e perspectivas de grupos e indivíduos marginalizados pela mídia tradicional. Portanto, a questão central não é sobre as redes sociais e sim nos seus usos pelos agentes que se apropriam desse ambiente. As plataformas digitais são ferramentas, tecnologias que amplificam as capacidades sensoriais e de comunicação.

Quanto às reflexões sobre o pensamento hegemônico, Messemberg argumenta que “a formulação de qualquer discurso implica estabelecer uma versão do mundo diante de versões competitivas”<sup>66</sup>. O foco central deste estudo reside nas ideias políticas da direita que encontram expressão no espaço virtual. Torna-se necessário discutir qual a identidade dessas personalidades da direita e elucidar suas convicções, posturas, posicionamentos e ideias. Como suporte teórico, recorreremos novamente à pesquisa realizada por Messemberg que mapeou as chamadas “ideias força” da nova direita, ao mesmo tempo que identificou os atores imbuídos em sua propagação. Messemberg analisou os seguintes atuantes nas mídias:

Movimento Brasil Livre (MBL), 4.996 postagens; Vem Pra Rua, 1.723 postagens; Fernando Holiday, 1.159 postagens; Kim Kataguiri, 1.051 postagens; Olavo de Carvalho, 2.175 postagens; Reinaldo Azevedo, 1.882 postagens; Felipe Moura Brasil, 1.563 postagens, Rachel Sheherazade, 548

---

<sup>66</sup> MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, 2017, p. 626.

postagens; Marco Feliciano, 2.178 postagens; e Jair Bolsonaro, 318 postagens.<sup>67</sup>

As figuras são jornalistas, políticos e movimentos políticos, todos vinculados à direita brasileira. Como dito, a nova direita surge tendo como ponto de conciliação o antipetismo, que interligou setores reacionários, conservadores e liberais.

Carvalho reflete sobre a relação entre o campo conservador, contrarrevolucionário e reacionário. Demonstrando que, ao longo da história, essas linhas podem se associar em casos específicos, principalmente quando o horizonte é tomado pela incerteza e instabilidade<sup>68</sup>. O alinhamento de ideias pode ter sido formulado no crescimento das pautas indenitárias que assombram o espectro conservador e uma investida econômica que visa uma diminuição da atuação estatal.

Ao diagnosticar o fenômeno da nova direita não se pode, claro, cair na armadilha da causalidade única. Essa nova direita não surge por conta de um fator específico, mas a partir de uma série de elementos que formam a conjuntura. Primeiro, ela surge como uma reação conservadora ao avanço das pautas feministas, dos movimentos negros e das causas LGBTQI+. Segundo, ela se forma pelo descontentamento de setores da classe média frente a políticas assistencialistas, somado ao descontentamento de setores da burguesia ligadas ao capital estrangeiro. A crise econômica no Brasil (2013) ocasiona o avanço da agenda neoliberal em nível global, que é responsável pelo corte de investimentos e serviços públicos, privatizações, precarização das relações de trabalho, mercantilização de todos os aspectos da vida humana, o que se traduz em uma piora significativa na qualidade de vida da maior parte da população, que passa a ansiar por mudanças.

Messemberg avalia os campos semânticos<sup>69</sup> dos atores citados, captando as linhas argumentativas presentes nos diferentes grupos e atores políticos da direita no mundo virtual. De acordo com sua pesquisa, o antipetismo se baseia nas ideias de anticorrupção, crise econômica, no *impeachment* – com slogans de fora Dilma, fora PT e fora Lula. Essa linha enfatiza a crise econômica e se apropria do sensacionalismo midiático em cima dos escândalos de corrupção propagadas pelas mídias tradicionais.

---

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 624.

<sup>68</sup> CARVALHO, Daniel Gomes de. A Revolução Francesa, as direitas e as esquerdas: persistências. **Cult**, Uol, São Paulo, 27 de out. de 2022. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/revolucao-francesa-as-direitas-e-as-esquerdas-persistencias/>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>69</sup> Como método de pesquisa a autora utilizou por volta de 6.000 publicações dos atores já mencionados, e pode identificar quais as palavras mais apareciam em seus discursos.

Outra ideia-força está no conservadorismo moral, que busca glorificar um certo estereótipo do que entende ser a “família tradicional”, modelada sob os princípios do patriarcado e da monogamia, e que estabelece papéis sociais claramente demarcados no gênero e na sexualidade. Além disso, o conservadorismo utiliza, em seu discurso, o patriotismo, o anticomunismo, o "combate" à criminalidade por meio de um aumento punitivo, e posiciona-se como opositor das cotas raciais, que era um assunto em pauta durante o ano de 2015, período que a pesquisa foi formulada.

A terceira ideia-força identificada está no campo econômico e trata-se do neoliberalismo. Os discursos embasados no neoliberalismo recorrem aos conceitos de Estado mínimo, privatizações, empreendedorismo, meritocracia e corte de políticas sociais. Com base na análise de Messemberg, pode-se afirmar que essa nova direita centra seus discursos, por conseguinte, em aspectos comportamentais, morais e econômicos.

Se adotarmos uma perspectiva linguística, conforme sugerem os pressupostos metodológicos de Skinner e Pocock, torna-se evidente que as linguagens são entidades complexas. Elas se assemelham a organismos vivos em constante evolução, sempre se redefinindo e incorporando novos significados<sup>70</sup>. Paralelamente, quando alguém emite um ato de fala, esse interlocutor se apropria da rica tradição conceitual que envolve a palavra em questão. Demonstrando uma dinâmica cíclica sob a linguagem e seus significados. Um exemplo notório é a concepção de Estado mínimo, que foi abordada por Carvalho, demonstrando que: “expressão genérica e imprecisa ‘Estado não intervir na economia’ pode ter os mais variados significados conforme o período, o lugar e o autor – afinal, que tipo de Estado, que formas de intervenção e qual concepção de economia estamos falando?”<sup>71</sup>.

Para além de seus significados, essas palavras têm um efeito prático e material, no caso, legitimar perante a população as privatizações. Quanto à abordagem do Estado mínimo, observa-se uma colaboração entre correntes neoliberais e conservadoras que advoga pela não intervenção estatal nas transações comerciais. Isso se traduz na desregulamentação e redução das taxas de impostos, por exemplo. Contudo, essa coalizão interfere de maneira significativa na esfera privada, difundindo valores altamente delimitados em questões pessoais. Um exemplo é a defesa da proibição do aborto e do consumo de drogas.

---

<sup>70</sup> POCOCK, John G. *As linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 70.

<sup>71</sup> CARVALHO, Daniel Gomes de. O que é o liberalismo? O que significa ser liberal?. *Café História – história feita com cliques*. Publicado em: 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/o-que-e-o-liberalismo-o-que-significa-ser-liberal/>>. Acesso em: 8 nov. 2023, p. 8.

Está posta uma contradição: a restrição da liberdade de escolha no âmbito privado e a carência de mecanismos direcionadores na esfera econômica, que têm a responsabilidade de intermediar os interesses das empresas, dos trabalhadores e da sociedade em geral.

Um ponto adicional digno de nota é o papel desempenhado pelo Estado como guardião da propriedade privada. Nesse contexto, o Estado assume uma postura punitiva, focando nos desafios relacionados à segurança pública sem contemplar a complexidade subjacente. Isso simplifica a questão, levando a crer que pode ser resolvida por meio de uma abordagem mais coercitiva por parte das forças policiais e do aumento do encarceramento em massa.

Portanto, a noção de um Estado mínimo, defendida pelos neoliberais, muitas vezes se transforma em um Estado robusto quando se trata de proteger os interesses das classes média e alta que se sentem ameaçadas pela perda da propriedade privada, o que se verifica, por exemplo, nas demandas pelo aumento do policiamento e no próprio punitivismo.

Após discutirmos algumas das ideias centrais da nova direita que estão circulando no ambiente digital, é momento de direcionarmos nossa atenção para a análise dos conteúdos midiáticos. Inspirados pela célebre frase de Marshall McLuhan, "o meio é a mensagem"<sup>72</sup>, esta investigação reposiciona o enfoque da análise da mensagem para o próprio meio de comunicação.

Nesse sentido, nossa pesquisa concentra-se nas plataformas de mídia digital, especialmente nas redes sociais. Conforme apontado por Raquel Recuero, as redes sociais podem ser definidas como

um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> MCLUHAN, Herbert Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964, p. 21.

<sup>73</sup> RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Meridional, 2009, p. 24.

Ou seja, as redes sociais são espaços de socialização, seja de ordem conflituosa, seja de forma amistosa. As relações se estabelecem no campo simbólico (curtidas e emojis, por exemplo), no diálogo e na troca de informações. Dito de outra forma, as redes sociais são veículos nos quais se formam e transitam discursos.

Os discursos em circulação tendem a ser simplificados e, da mesma forma rápida com que se "tornam virais", logo caem no esquecimento. Os materiais digitais gerados por essas personalidades, que alcançam certo nível de visibilidade no debate público, são confeccionados por meio de uma dinâmica laboral.

Os influenciadores digitais, indivíduos que operam nas redes sociais produzindo conteúdo digital, quando abordam questões políticas, se integram à cultura política do Brasil. No cenário virtual, a capacidade de organização simbólica e habilidades retóricas frequentemente superam os argumentos concretos em relação a temas complexos.

Os influenciadores digitais estabelecem uma relação direta com o público. Porém, há mais pessoas que operam as páginas do movimento, os produtores de conteúdos digitais. Essa nova direita formada por uma amálgama entre ultraliberais e conservadores se forma durante o auge dos governos lulistas, articulando, assim, parcelas sociais descontentes com o governo. Essa nova direita — por influência externa ou não — percebeu que as redes sociais, quando ocupadas, podiam desempenhar um papel fundamental, disseminando valores e ideias, recheando o debate público com pautas uteis aos grupos em questão.

Para isso, foi necessária uma nova configuração de linguagem, pois, como nos lembra McLuhan, cada mídia contém particularidades que moldam a mensagem, modificando-a em um formato único<sup>74</sup>. No caso da sociedade formada pós século XX, que teve contato com o cinema e a televisão, há um quadro de referenciais que habita o imaginário social, a chamada cultura *pop*. A grande estratégia dessa nova produção política digital, foi de mesclar esses símbolos da cultura *pop* com ideias políticas, atribuindo significado.

A parte estética do conteúdo digital é voltada para o grande público. São textos em letras grandes e coloridas, com frases curtas e geralmente acompanhadas de imagens. Outra forma são os vídeos, esses recorrem a uma atuação teatral, quanto mais enfático for, melhor; o uso de fantasias e a troca de ofensas apenas alimentam o público sedento pelo espetáculo. A disputa de atenção das redes sociais faz com que os produtores espetacularizem suas produções. Ou seja, faz com que eles transformem sua atuação em uma *performance* com elementos apropriados

---

<sup>74</sup> MCLUHAN, Herbert Marshal. *op. cit.*

dos jornais, filmes, noticiários, programas policiais. Constroem assim uma narrativa, com personagens, vilões, reviravoltas, surpresas. Eles variam seus tons em mensagens mais enfáticas, tristes, alegres, ofensivas, defensivas.

Esse sucesso da nova direita se dá apenas pela habilidade de articular as mensagens em rede? Não é possível afirmar com tanta certeza. O ambiente virtual está submetido ao poder econômico, ao impulsionar suas mensagens via investimento, é possível aumentar o alcance das publicações.

Outro fator fundamental são as mensagens produzidas que apelam para os sentimentos humanos, as quais utilizam da insatisfação popular em uma lógica dualista. O primeiro passo é apontar os culpados dos problemas sociais, delegando culpa, quais sejam, o Estado, os movimentos feministas, os petistas, os comunistas, os imigrantes, entre muitos outros grupos que são demonizados:

Demonização de um grupo social real ou imaginário é um dos pilares do “mito do complô”, que assume função social explicativa das mais importantes no universo da política. Ao reduzir a uma única causalidade os acontecimentos desconcertantes e incômodos, finda por lhes restituir a inteligibilidade, minimizando a terrível angústia provocada pelo desconhecido. A personificação do mal (petistas, comunistas, imigrantes, judeus) permite, assim, o seu fácil reconhecimento e, por conseguinte, a vigilância e o combate.<sup>75</sup>

A lógica do maniqueísmo se apresenta de forma mais explícita. Os sentimentos que buscam causar são o da raiva e do medo, isto é, sentimentos poderosos. A criação de um inimigo ou de grupos antagônicos, não é fruto de uma causalidade, é, na verdade, uma forma de atuação, uma lógica de se contrapor e, com isso, se associar. Essa nova direita, que outrora esteve fragmentada, compartilha entre si essas publicações, se alimentam internamente. É o poder das redes sociais, que estabelece conexão entre pessoas que tem pontos semelhantes em seu pensamento. É, também, o poder ideológico.

Quanto mais absurda, performática e teatral for a publicação, melhor. Pois assim, mesmo que por meio do ridículo, essas publicações vão transitar, mesmo em meio às camadas contrárias às ideias propagadas. É um jogo que briga por audiência e, embora se apoie em resquícios da realidade, como por exemplo, a insatisfação popular, remonta à realidade,

---

<sup>75</sup> MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 32, 2017, p. 635.

reescrevendo-a por meio de suas publicações e, nesse processo, atribui significados, dita o que é certo e errado, normaliza condutas e pensamentos.

Por isso suas intenções vão para além do campo eleitoral. Obviamente é um espaço de poder e é disputado, mas as ideias que ecoam no imaginário social cumprem uma função muito mais articulada. O neoliberalismo, aliado ao conservadorismo que emerge no campo virtual, configura-se como um poderoso dispositivo ideológico.

### 1.3. AS DIREITAS BRASILEIRAS E OS USOS DA INTERNET

Um ponto de partida fundamental para a análise do cenário político de direita emerge no contexto da redemocratização, que se estendeu de 1970 a 1988. Os danos causados pela ditadura militar, que, vale destacar, recebeu apoio considerável da ala direitista, foram verdadeiramente catastróficos. Apesar dos esforços de certos grupos em controlar a narrativa sobre esse período sombrio por meio da "gestão da memória da ditadura", uma parcela significativa da memória popular guarda viva as atrocidades ocorridas naquela época.

Mesmo com a promulgação da Lei de Anistia, de 1979, que em muitos aspectos permitiu a continuidade de elementos da ditadura militar, seja por meio de personalidades que permaneceram influentes, partidos políticos que mudaram de nome, mas mantiveram sua base ideológica, ou da persistência da violência estatal, especialmente nas áreas periféricas, parte da população relutava em se identificar com a direita devido aos resquícios deixados pela Ditadura. O artigo de Mateus Henrique Pereira<sup>76</sup> demonstrou como, por meio de uma batalha de narrativas sobre a ditadura militar, essa nova direita passa a negar ou revisionar esse período autoritário da história brasileira, de modo que esse revisionismo se alia a “uma ausência de ressonância na esfera pública”<sup>77</sup>, encontrando um terreno fértil para se propagar e se consolidar em parte do imaginário popular. Para o autor, “a negação e/ou revisionismo aqui destacado são impedimentos à construção de uma ‘justa memória’, isto é, de uma memória ‘salva’ dos abusos da memória, da história e do esquecimento”<sup>78</sup>.

---

<sup>76</sup> PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, pp. 863-902, set/dez, 2015.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 888.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 889.

A análise de Camila Rocha<sup>79</sup> sugere que essa relutância começou a ceder espaço durante o auge do Lulismo, entre 2006 e 2010, período em que as pessoas começaram a debater ativamente questões relacionadas ao governo petista, especialmente por meio da rede social *Orkut*, que garantia um certo anonimato e abrigava debates acalorados.

É importante notar que, apesar do surgimento desse movimento antipetista nas redes sociais, ele não teve um impacto eleitoral significativo imediatamente. Os governos petistas continuaram no poder, enfim, até 2016. No entanto, o ano de 2012 marcou um ponto de virada com o escândalo do mensalão, que alimentou grupos de direita ativos nas redes sociais. Esses grupos passaram a promover um discurso contra a corrupção. Nesse contexto, muitas pessoas que anteriormente hesitavam em se associar à direita começaram a se identificar com ela, conforme exemplificado por Camila Rocha:

Neste momento o fenômeno da direita envergonhada passou a ser algo do passado, no entanto, a nova direita em formação ainda continuava a ser constituída por diferentes forças políticas que não haviam se unificado sob um único projeto.<sup>80</sup>

Dilma, em 2014, ganha com uma margem apertada. Os grupos e indivíduos descontentes com seus governos passam a se relacionar nas redes sociais. As redes sociais acoplam parcelas sociais, ainda que plurais.

Entre os anos de 2005 e 2007, o auge do *Orkut* no Brasil, o acesso à internet no país era bastante restrito a grupos formados sobretudo por adolescentes, e jovens adultos com alta escolaridade, em sua maioria oriundos das classes A e B, localizados principalmente nas regiões Sul e Sudeste, que possuíam computadores em casa ou frequentavam centros de acesso públicos pagos.<sup>81</sup>

Nesse contexto, Olavo de Carvalho emergiu como uma figura de destaque, aproveitando as oportunidades oferecidas pelo ambiente virtual para ampliar sua influência. Ele sustentava a tese de que a esquerda estava conquistando terreno, principalmente no campo cultural. Olavo de Carvalho desempenhou um papel crucial ao fornecer argumentos e diretrizes para grupos e indivíduos que, anteriormente, se viam marginalizados nos meios de comunicação tradicionais. A internet se tornou sua plataforma de articulação política.

---

<sup>79</sup> ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 232 fls. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 109.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p.112.

<sup>81</sup> ROCHA, Camila. “Imposto é Roubo!” A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, 2019.

Sem dúvidas, Olavo de Carvalho agiu como um aglutinador da nova direita, sendo um de seus principais ideólogos. Os próprios membros do MBL reconhecem a atuação de Olavo, que foi um dos primeiros escritores a disseminar suas ideias por meio das plataformas virtuais. No momento em que a nova direita começou a ganhar corpo, os membros do MBL recorrem a uma união entre pensadores. De um lado, Ludwig Von Mises, economista austríaco que argumenta sobre a responsabilidade da ação individual como preponderante na formação do mercado; dando ênfase ao indivíduo, Mises também se posiciona contra as experiências socialistas e, geralmente, coloca-se como um crítico a intervenção estatal. Além de Mises, Olavo de Carvalho escrevia sobre um suposto domínio da esquerda e as formas de combater esse crescimento. Foi um casamento arranjado por essa nova direita, que uniu a teoria econômica da escola austríaca ao conspiracionismo Olavista, “era normal fundir a crítica econômica austríaca obtida no Instituto Mises a uma análise de dominância política da esquerda concebida por Olavo”<sup>82</sup>.

É interessante notar como algumas postagens no *Orkut* ilustram sua habilidade argumentativa. Geralmente, essas postagens eram ataques diretos a instituições que, segundo os autores, promoviam as ideias da esquerda. Alguns exemplos de títulos dessas postagens incluíam: "Lavagem cerebral nas escolas", "Novela das 7: mais um show do comunismo", e "A nova petralhada uspiana".

Esse antagonismo e o uso de linguagem forte podem ser vistos como recursos retóricos deliberados. Olavo de Carvalho se tornou não apenas um ponto de referência para grupos que se opunham às narrativas dominantes, mas também forneceu as bases para a expressão de uma nova corrente de pensamento de direita que estava gradualmente se formando.

O ano de 2017 marcou um ponto importante na institucionalização dessa nova direita, que ainda estava em processo de consolidação. Os *think tanks* mencionados anteriormente desempenharam um papel fundamental na rentabilização e sistematização da disseminação das ideias da nova direita. Eles se tornaram a fórmula ideal para ampliar o alcance e a influência dessas ideias.

A pesquisa de Camila interpreta o fenômeno do crescimento da direita como orgânica, sem colocar o peso da geopolítica e das relações transculturais. Segundo essa perspectiva, o crescimento da direita no Brasil foi se consolidando graças aos atores aqui envolvidos, que

---

<sup>82</sup> KATAGUIRI, Kim; SANTOS, Renan. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidente: MBL: a origem**. São Paulo: Editora Record, 2017, p. 41.

montaram narrativas com pontos em comum, ainda que, em meio a esses grupos, estejam espectros políticos variados como o conservadorismo, o reacionarismo, o ultraliberalismo, entre outras vertentes da direita.

Para essa nova direita, Camila Rocha prefere utilizar o termo ultraliberal<sup>83</sup>. Para a autora, o neoliberalismo, ainda que busque extremar os aspectos privatistas, admite certos debates sobre órgãos, instituições e serviços feitos pelo Estado; em contrapartida, o ultraliberalismo posiciona-se a favor da privatização de quase todos os setores, incluindo a saúde e a educação, argumento presente e difundido pela página oficial do MBL, na qual consta: “progressivo aumento da participação do setor privado em serviços públicos passíveis de serem privatizados, tais como educação, saúde, infraestrutura, administração de serviços penitenciários, dentre outros”<sup>84</sup>.

O ultraliberalismo seria o neoliberalismo extremado. A autora observa um notável processo de ascensão da direita. Esse fenômeno teve início nas redes sociais, unindo indivíduos anteriormente dispersos que se conectavam por meio do compartilhamento de ideias de oposição ao governo vigente. Posteriormente, evoluiu para a institucionalização desses grupos, que se vincularam a *think tanks*, passando a operar de maneira a buscar lucro e ganhar adesão popular, assemelhando-se a empresas privadas. Após essa institucionalização, esses grupos intensificaram sua atuação no âmbito da esfera cívica, com a organização de manifestações e encontros. Por fim, consolidaram-se como uma nova força política ativa, ocupando espaços institucionais e eleitorais, e, sobretudo, exercendo influência significativa no campo das ideias no imaginário social, operando na subjetividade dos cidadãos expostos a esse tipo de conteúdo.

A obra de Dardot e Laval desempenha um papel fundamental na compreensão do neoliberalismo para além de seu aspecto puramente econômico ou na esfera institucional. Esses pensadores exploraram os efeitos psicológicos do neoliberalismo, ou seja, como ele influencia a maneira como as pessoas interpretam a realidade e se posicionam dentro dela. Eles percebem um aumento da competitividade, uma vez que o neoliberalismo prega uma diminuição da ação do Estado, essa responsabilidade tem que ser transferida para o indivíduo, ou, no máximo, para a família. A pobreza, a desigualdade e as mazelas sociais passam a ser vistas como responsabilidade do indivíduo, retirando todo caráter estrutural dessas relações. Os indivíduos

---

<sup>83</sup> ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 232 fls. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

<sup>84</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). **Valores e Princípios**. Disponível em: <<https://mbl.org.br/valores-principios>>. Acesso em: 09 set. 2023.

se tornam “homens empresariais”, ou seja, eles devem gerir suas vidas como se fossem empresas, pensando nos seus gastos e lucros, e travando uma intensa batalha competitiva com outros cidadãos.

Uma importante mudança que ocorreu com o advento do capitalismo foi a submissão das relações humanas à regra do lucro máximo. As tradições são deixadas de lado junto com a reciprocidade simbólica. Desta forma, as novas relações entre os homens passam a ser baseadas numa contratualização, que parte da lógica individualista. Segundo os autores, na sociedade neoliberal, cada um é responsável por si. O homem neoliberal é empresarial: ele se caracteriza por uma busca incessante pela realização pessoal, pelo sucesso perante a sociedade.<sup>85</sup>

#### 1.4 LIBERALISMO DIGITAL

O MBL integra o que podemos caracterizar como uma vertente do liberalismo, uma vez que essa corrente de pensamento se adapta a cada contexto histórico e comporta uma série de ideias que podem divergir internamente. De todo modo, as ideias liberais que o MBL constrói são atualizadas pelo termo “digital” uma vez que esse ambiente é a principal fonte de produção e disseminação de suas ideias. Como não podemos dissociar totalmente a forma do conteúdo, o campo digital configura um elemento central na atuação política do MBL, sendo um de seus principais polos de atuação e comunicação. É por meio desse ambiente que o movimento constrói e dissemina suas ideias, é por ali que o grupo disputa a adesão popular, além de ser o canal que permite sua inserção do debate público. O elemento digital, configura, portanto, uma atualização no panorama de atuação das ideologias políticas, onde inclui-se o liberalismo.

O liberalismo digital trata-se, portando, de uma atualização performática, linguística, ideológica e política que é condicionada pelo seu ambiente de formação, o mundo virtual. É a apropriação que as forças políticas fazem das ferramentas disponíveis em seu tempo. É a manipulação da linguagem destinada a produção de efeitos sociais. O liberalismo digital atua na consolidação de reformas políticas através de uma linguagem revestida pela estética digital. A forma que o conteúdo do MBL assume é digital, o conteúdo que carrega comporta ideais que extremam o neoliberalismo. O liberalismo digital é uma face atual das ideias liberais que se estabelecem por meio das plataformas digitais, através dessa articulação em rede, o movimento

---

<sup>85</sup> SOUZA, Alice Rocha de; MENDONÇA, Camilla de Brito; PECCLAT, Lorena Novis Brandão Cotrim; SILVA, Melissa Moreira da. Resenha do livro: A nova razão do mundo, de Pierre Dardot e Christian Laval. **RCJ - Revista Culturais Jurídicas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 2016, p. 290.

consegue legitimar e inspirar ações do corpo coletivo, algo que envolve tanto a institucionalização de normas via os aparatos legais de legitimação quanto uma gestão da coletividade social estabelecida no consciente da população.

As ideias que perpassam a atuação do MBL variam conforme o período investigado – afinal, o grupo já tem dez anos de atuação e nesse ínterim modificaram algumas de suas pautas. Não obstante, parecem constantes os ataques às políticas assistencialistas e a defesa das privatizações, além de uma ferrenha oposição a esquerda, e um esforço extensivo na modelagem dos valores e comportamentos sociais.

O MBL surgiu no *Facebook* em 2013. Nesse momento, suas publicações não atingiam uma grande repercussão popular e os eventos criados contavam, em média, com dois participantes. Suas publicações tinham em torno de 40 curtidas e a publicação com maior repercussão naquele ano foi a apresentação, que contou com 229 curtidas e 10 comentários:

Menos de 20 horas após a sua criação, a página do Movimento Brasil Livre já contava com mais de 1.000 apoiadores. Isso demonstra a vontade dos brasileiros de mudar seu País, mas também a sua preocupação em se alinharem a um movimento que traga consigo propostas factíveis, objetivas e responsáveis, e não simplesmente carregadas de boas intenções, porém desprovidas de contato com a realidade. Engaje-se e ajude-nos a construir um Brasil mais livre.<sup>86</sup>

Nos meses seguintes, sua atuação nas redes sociais foi sendo sofisticada. Sua *performance* de comunicação, bem como suas estratégias discursivas e retóricas foram moldadas pelo contexto de produção. As redes sociais do movimento estão inseridas em estratégias de poder e sustentam normas culturais.

O Movimento Brasil Livre (MBL) conta com uma grande quantidade de estudiosos. O trabalho de Kiane Follman<sup>87</sup>, por exemplo, sustenta que a adesão às ideias do MBL foi predominantemente observada entre as classes médias. No entanto, ao analisar as classes médias sob uma perspectiva histórica, a autora ressalta que, naturalmente, as classes médias não constituem um grupo homogêneo. As diferenças em relação ao trabalho, remuneração, ideologia e participação política dentro das classes médias são notáveis, o que nos leva a nos referir aqui a frações distintas dessa classe.

---

<sup>86</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. Publicação sem título. 18 de junho de 2013. Disponível em <<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/204309729693178/>>. Acesso em: 7 jun. 2022.

<sup>87</sup> FOLLMAN, Kiane. **MBL, Crise política e conflito de classes no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

A pesquisa parte do pressuposto de que os integrantes das classes médias têm acesso a bens culturais e de consumo, além da possibilidade de investir mais tempo na educação formal. Esse contexto garante que as classes médias tentem manter sua posição na hierarquia social, sustentada por privilégios imateriais transmitidos pela família e pelas relações sociais. Essa posição na hierarquia social proporciona acesso a bens simbólicos e de consumo que não estão disponíveis para as classes populares. No entanto, com as políticas recentes de redistribuição e assistência social, que ascenderam na crise de 1929 e foram reforçadas, dentro do âmbito ocidental, no pós-guerra, parte das classes médias engaja-se politicamente com o objetivo de preservar o controle desses recursos. Em outras palavras, a guinada à direita de certos segmentos da classe média, que apoiam grupos como o MBL, está ligada a disputas internas entre frações dessa classe.

A autora também argumenta que o passado colonial e escravista do Brasil contribuiu para estabelecer uma divisão social do trabalho bem definida, separando trabalhadores manuais de não manuais. Essa divisão hierarquizou as ocupações; enquanto as classes médias tendem a desempenhar trabalhos burocráticos não manuais, resta às classes populares o trabalho braçal. Essa divisão social do trabalho acaba por difundir, em setores da classe média, a adesão a ideia de meritocracia, que explica as desigualdades sociais com base em supostos esforços, dedicação e qualidade produtiva. Ou seja, o discurso meritocrático ecoa entre setores das classes médias, pois legitima a posição que integrantes da classe média ocupam na hierarquia social. Em suas palavras,

Assim, o período de industrialização e ampliação dos serviços urbanos no Brasil, bem como a expansão da estratificação social evidencia o seu modo de atuação e dominação dos “grupos médios”, ou seja, a classe média, com seus trabalhadores de escritório, profissionais liberais, funcionários da administração pública ou privada, uma fração dos trabalhadores do comércio, os empregados dos bancos, dentre outros, dedicados ao desenvolvimento do trabalho não manual e com uma “consciência média” distinta da consciência operária.<sup>88</sup>

Em contrapartida, Messemberg interpreta o surgimento do grupo como uma reação conservadora ao avanço das questões indenitárias que ganham destaque nos campos jurídicos e culturais<sup>89</sup>. A autora, desse modo, define o conservadorismo como uma forma de sociabilidade, um compilado de práticas e discursos que atingem a vida pública e privada, com soluções políticas e econômicas feitas na direção de restaurar a moral e a razão. O conservador

---

<sup>88</sup> FOLLMAN, Kiane. **MBL, Crise política e conflito de classes no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 32.

<sup>89</sup> MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 32, 2017.

sempre estaria, assim, em conflito com grupos sociais que ameaçam as formas já enraizadas na sociedade. É uma preservação do “eu” frente as mudanças sociais que são inerentes. Nos termos de Carvalho, “o conservadorismo não postula teorias, sistemas ou planos a longo prazo, mas busca dar coerência à defesa das “tradições” econômicas e sociais”<sup>90</sup>.

Alguns veem o MBL como um grupo contra-hegemônico que se opõe às ideias da esquerda, especialmente durante o que foi chamado de "Primavera Rosa"<sup>91</sup>. A primavera, ou onda rosa, é o conceito atribuído a uma guinada à esquerda dada por meio de vitórias eleitorais de governos progressistas na América Latina pós década de 1980. Esses governos implementaram reformas que os distanciaram, em alguma medida, da agenda neoliberal em vigor nos anos subsequentes. É chamada de onda rosa pois não é vermelha, uma forma de demonstrar o limite dessas reformas quando comparadas com as ideias da esquerda radical, esta historicamente associada à cor vermelha. Sobre a experiência política brasileira estabelecida nessa onda rosa da América latina temos,

Na onda rosa que se esgotou, a experiência brasileira foi evidentemente das mais relevantes, pelas dimensões econômicas, demográficas e territoriais do país, pela ascendência do Partido dos Trabalhadores (PT) e de Lula sobre as esquerdas da região, pela difusão de políticas públicas como o Bolsa Família, por seu peso na constituição de alternativas de integração regional agora em vias de abandono<sup>92</sup>.

Já Modesto e Medeiros enxergam o Movimento como um aliado do discurso hegemônico fruto da globalização e do neoliberalismo<sup>93</sup>. Os autores destacam uma tendência global de movimento políticos, no qual inclui-se o MBL, que promove discursos e ideias alinhadas aos interesses do mercado internacional, utilizando *slogans* como “liberdade” e “democracia”. No entanto, observar-se que, na prática, esses movimentos contribuem para a

---

<sup>90</sup> CARVALHO, Daniel Gomes de. A Revolução Francesa, as direitas e as esquerdas: persistências. *Uol*. São Paulo. 27 de outubro de 2022. **Revista Cult**. Edição do mês de outubro/2022. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/revolucao-francesa-as-direitas-e-as-esquerdas-persistencias/>>. Acesso em 08 nov. 2023.

<sup>91</sup> SILVA, Ederson. As bases da nova direita: estudo de caso do Movimento Brasil Livre na cidade de São Paulo (2013-2016). **Conversas e Controvérsias**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2018.

<sup>92</sup> PEREIRA DA SILVA, F. O Fim da onda rosa e o neogolpismo na América Latina. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 4, n. 2, p. 165-178, 27 dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rsulacp/article/view/14207>>. Acesso em: 8 nov. 2023, p. 175.

<sup>93</sup> MODESTO, Salem Edrey. Orientadora: Dra. Mônica Xavier Medeiros. **Globalização, neoliberalismo e redes sociais: a ascensão do Movimento Brasil Livre (MBL)**. 2018. 32 f. TCC (Graduação). Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA), Manaus, 2018.

desestruturação dos serviços públicos e fomentam uma competição desenfreada. Sua abordagem efetiva manifesta-se por meio de um agressivo ciberativismo nas redes sociais.

Esse fenômeno pode ser visto dentro do contexto da globalização, uma vez que está interligado a uma ofensiva neoliberal que se desdobra em vários países. Quanto a questão hegemônica, sua complexidade é evidente, já que tais ideias surgem e se consolidam em meio a disputas. Nesse sentido, é crucial a ocupação de espaços midiáticos variados, para estabelecer e disseminar tais ideias. É inegável que o conservadorismo moral e o liberalismo político, ainda que não apresentem consensos internos, exercem influência nas mentalidades que moldam a compreensão do campo político. Ao reforçar, e ao mesmo tempo, modificar essas ideias, o MBL posiciona-se como um agente ativo que disputa noções de consenso.

Camila Rocha, por sua vez, denomina esses movimentos como ultraliberais, que é uma face mais extremada quando comparada ao neoliberalismo. Segundo a autora, os neoliberais admitem certa participação estatal em alguns segmentos específicos, como promovedor da saúde e da educação, por exemplo. Já os ultraliberais desejam e se esforçam para uma privatização integral, limitando o Estado a atuação dos âmbitos jurídicos<sup>94</sup>.

Para Maurício Bozzi Tonetto, o Movimento é associado a uma rede de pessoas, partidos e instituições que visam uma mudança estrutural no País, alinhada ao sistema financeiro internacional, às elites empresariais e industriais. Por meio do campo digital, o movimento conseguiu assentar-se nas disputas políticas brasileiras. Entre suas táticas digitais constam, por exemplo, o uso de *bots*, que são robôs que simulam ações humanas, postando e curtindo publicações nas redes sociais; com isso, conseguem alavancar as publicações do Movimento. Outra estratégia adotada recai sobre o uso de *Voxer*, um aplicativo capaz de publicar no perfil particular dos seguidores do Movimento, que após aceitarem essa intervenção do MBL, tinham dois *posts* criados pelo MBL e publicados em suas redes sociais. Quanto mais um *post* é curtido e compartilhado, maior seu alcance e fluxo de tráfego.<sup>95</sup>

Segundo Pedro Brodbeck, as redes sociais foram fundamentais para fortalecer uma aliança que já estava em curso, o conservadorismo moral e o neoliberalismo econômico. O campo digital propiciou a emergência de novos atores e grupos políticos, pautados nessa aliança, que adotaram discursos que promovem uma disputa entre um povo legítimo contra uma elite

---

<sup>94</sup> ROCHA, Camila. “Imposto é roubo!” A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff. **Dados**, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, 2019. p. 48.

<sup>95</sup> TONETTO, Maurício Bozzi. Ciberativismo nas redes sociais: um estudo do Movimento Brasil Livre no pós-*impeachment* de Dilma Rousseff. 2018. Dissertação de mestrado (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

política corrupta, além de recorrerem a uma retórica alarmista. Estabeleceu-se uma mudança performática em parte da direita. Antes, a militância da velha direita era vista, por parte da população, como inautêntica e fruto de manipulações das elites; já essa “nova direita” recorre aos anseios populares para a construção de seu discurso, ou seja, adota um caráter populista para a conquista de adesão. Outra marca dessa nova direita recai sobre o campo digital, o movimento obteve sucesso em instrumentalizar a internet para adquirir adesão popular e, com isso, transformar curtidas em votos<sup>96</sup>. De todo modo, com a ascensão das plataformas digitais, os atores digitais transformam o embate político em *performances* que evocam dramas, medo e humor, com isso, afetam as formas como as pessoas se identificam e reagem com as posições ideológicas.

Essa multiplicidade de interpretações destaca a complexidade do MBL e sua influência em diversas esferas da sociedade brasileira; trata-se de um fenômeno multifacetado. Ao longo deste trabalho vamos discutir as nuances que envolvem o MBL, bem como seu modo de atuação por meio das plataformas digitais e sua origem.

Além disso, existe um consenso na maioria da literatura especializada de que o ciberativismo e a militância digital desempenharam papéis cruciais na consolidação do Grupo, demonstrando a capacidade de influência social que as mensagens digitalizadas podem exercer. O MBL conseguiu canalizar parte dos anseios sociais e adaptar seu discurso para angariar apoio. Portanto, o MBL se posiciona como um agente político contemporâneo e pode ser visto como uma extensão das *think tanks* ou mesmo como uma *think tank* nacional consolidada.

De forma geral, pode-se dizer que o Brasil está organizado politicamente dentro das democracias representativas liberais. Nesse modelo, os representantes políticos – atores e partidos políticos – necessitam do voto popular e, não raro, formam-se assimetrias nas representações políticas. Nas disputas eleitorais, o carisma, a capacidade de comunicação e o investimento em propaganda são alguns dos ingredientes que podem garantir o sucesso eleitoral. O poder político é, em parte, definido pela capacidade dos agentes políticos de mobilizar as massas. Portanto, grupos como o MBL exercem uma importante função política, agindo na captação de votos e na disseminação de determinadas ideias de ação política.

Oficialmente, o MBL surge em 2014, embora já seja possível notar articulações do grupo em 2013. Durante as manifestações, um grupo de amigos do estado de São Paulo debatia

---

<sup>96</sup> BRODBECK, Pedro.; PRUDENCIO, Kelly Cristina. Liberais ao estilo populista: a argumentação do MBL no YouTube. *Media & Jornalismo, [S/L]*, v. 22, n. 40, 2022, p. 262.

política e decidiu formalizar um grupo. Eles definiram o liberalismo como ideologia<sup>97</sup> e voltaram seus discursos para a classe média, criando uma sede em São Paulo. Passaram, então, a atuar no ambiente virtual, organizando manifestações e produzindo conteúdos digitais que



apresentam críticas e ideias sobre as diretrizes do Estado. O grupo se colocou contrário às demandas pela diminuição da tarifa dos transportes públicos, como evidência a seguinte publicação:

**Figura 1.** Não ao passe livre.

Fonte: MBL, *Facebook*<sup>98</sup>

Optamos por trazer algumas fontes da pesquisa já na introdução, para demonstramos os tipos de mensagem que o MBL constrói dentro do liberalismo digital. No caso, as fontes apresentadas expõem esse posicionamento contrário a determinadas demandas sociais que apelam ao Estado como garantidor de serviços. Demonstrando que, mesmo os direitos

<sup>97</sup> Bobbio revela os três tipos de poderes: econômico, ideológico e político (BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo*. Tradutor: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Paz & Terra, 2009). O poder ideológico é aquele que se vale da posse de certas formas de saber, doutrinas, conhecimentos, às vezes apenas de informações, ou de códigos de conduta, para exercer uma influência sobre o comportamento alheio e induzir os membros do grupo a realizar ou não realizar uma ação.

<sup>98</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. 28 de junho de 2013. **Não ao passe livre**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/posts/205274552930029>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

constitucionais assegurados são atacados pelo movimento, que dispõem de um repertório digital para difundir suas concepções e conquistar a adesão popular a suas ideias.

Com efeito, ideologia é uma palavra polissêmica que comporta uma série de significados. Neste trabalho, consideramos ideologia como descrito por Eagleton: “conjuntos de ideias pelas quais os homens [sic] postulam, explicam e justificam os fins e os meios da ação social organizada, e especialmente da ação política, qualquer que seja o objetivo dessa ação, se preservar, corrigir, extirpar ou reconstruir uma certa ordem social”<sup>99</sup>.

Essa publicação demonstra algumas estratégias que são utilizadas até os dias atuais, bem como a adequação das ideias a uma linguagem digital, que busca adaptar o conteúdo para que seja digerido pelo grande público. Outro ponto importante é a utilização do contexto para legitimar uma ideia; ao referir-se ao sistema de transporte público como “caro e ruim” empregase conjuntamente uma insatisfação popular que eclodiu nos protestos. A segunda parte da frase: “espera até ele ser grátis”, é uma crítica aos serviços estatais.

A publicação dá acesso ao *link* de um vídeo, e essa é outra característica das informações digitais. Elas apresentam-se sob uma cadeia de legitimação, o utilizador da rede tem acesso a determinadas bolhas que compartilham valores e ideias.

Follman<sup>100</sup> recorre ao Marxismo como chave para pensar o surgimento do MBL, analisando as disputas entre as classes no Brasil contemporâneo. Para a autora, os governos petistas promoveram políticas públicas que atenderam às classes mais baixas, enquanto as elites seguiam lucrando. As classes médias se sentiram ameaçadas pela ascensão das classes populares; surgem, então, movimentos para representar essa insatisfação das classes médias, entre esses grupos, o MBL.

Nesse sentido, no livro escrito pelos fundadores do Movimento<sup>101</sup>, os autores expõem as primeiras ideias, além das suas influências geradoras. O principal elo do movimento foi a oposição aos governos petistas. Olavo de Carvalho foi citado por eles como um dos pensadores que contribuíram para as pautas anticomunistas. Outra influência que eles declaram é a teoria econômica liberal austríaca: “Era normal fundir a crítica econômica austríaca obtida no Instituto Mises a uma análise de dominância política da esquerda concebida por Olavo de Carvalho”<sup>102</sup>.

---

<sup>99</sup> EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: UNESP/Boitempo, 1997, p. 20.

<sup>100</sup> FOLLMAN, Kiane. **MBL, Crise política e conflito de classes no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 32.

<sup>101</sup> KATAGUIRI, Kim; SANTOS, Renan. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidente: MBL: a origem**. São Paulo: Editora Record, 2017.

<sup>102</sup> Ibid. p. 41.

Essa passagem do livro demonstra um fenômeno importante: a tentativa de convergência de vários segmentos da direita que antes estavam ramificados. Uma frase que foi muito utilizada no período, “liberal na economia e conservador nos costumes”, demonstra essa coligação, ou, melhor dizendo, tentativa de coligação de forças. Afinal, Olavo de Carvalho era uma figura controversa e polêmica, mais alinhado a um pensamento conservador e conspiratório do que liberal.

Nesse primeiro momento (2013), as ideias do MBL começavam a ganhar contornos, formalizando críticas ao Estado, ao Poder Federal e aos políticos de forma geral, não citando nenhum partido específico. Também é possível notar uma tentativa de assumir algum grau de liderança nos protestos. Para isso, foram criados eventos em diferentes regiões do Brasil.

O início do Grupo é voltado à formação de sua identidade e suas manifestações desejavam o apoio popular. Em 2013, no *Facebook*, a página do MBL fez sete publicações, nas quais podemos traçar os seguintes posicionamentos: o MBL, como já se viu, foi contrário ao Movimento Passe Livre, tentando direcionar os protestos a outras pautas, e criticou o Estado e os serviços públicos.

**Figura 2.** Impostos malditos.



Fonte: MBL, *Facebook*<sup>103</sup>

Há um enquadramento discursivo nessa publicação, pois ela recorre a uma linguagem contemporânea, a dos memes. Os memes são um conteúdo que circula predominantemente na esfera digital, por meio de imagens e vídeos que apresentam, em sua grande maioria, um cunho humorístico. Além disso, os *memes* são sazonais e fazem referência aos eventos contemporâneos a sua publicação. O *meme* utiliza-se de uma imagem ou vídeo já existente e dá outros sentidos às mensagens preexistentes<sup>104</sup>.

Portanto, manteremos o foco nas mensagens políticas que são transmitidas por meio dos *memes*, levando em consideração que há uma quebra do formalismo institucional que permeia as relações políticas nesse tipo de mensagem. O *meme* mistura os contextos, faz associações e constrói uma narrativa que se torna presente no imaginário popular. Dardot e Laval discorrem sobre uma racionalidade neoliberal, uma maneira de interpretar a realidade a partir das lógicas neoliberais, essa racionalidade é perpassada por diferentes mecanismos, entre eles, as mídias e a produção cultural popular. O neoliberalismo, enquanto ideologia de mercado que conseqüentemente favorece os indivíduos e as instituições que o monopolizam, necessita participar ativamente da autoformação dos sujeitos. Nesse sentido, a cultura empreendedora é aprendida, é parte da formação subjetiva, pois, “o combate ideológico é parte integrante do bom funcionamento da máquina”<sup>105</sup>.

Segundo Viktor Chagas, os *memes* configuram um novo tipo de linguagem política, capaz de persuadir, ensinar e transmitir ideias e valores, esse tipo de conteúdo “se inscreve em um novo gênero de política midiático e oportuniza uma experiência completamente nova de letramento político distante da política que leva em consideração apenas as ações formais e o processo decisório”<sup>106</sup>. Dessa forma, há uma certa convergência entre a forma do *meme* e a própria racionalidade neoliberal tal qual descrita por Dardot e Laval.

---

<sup>103</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. **Impostos malditos**. 25 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/posts/205032086287609>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

<sup>104</sup> SOUZA, Carlos Felipe; VASCONCELOS, Wesley Guilherme; PARENTE, Thiago Coutinho. Cultura dos memes e as formas de se pensar a política do presente. In: **43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Formato virtual. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e UFBA, 2020, p. 8.

<sup>105</sup> DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 149.

<sup>106</sup> CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. **Revista Famecos**, v. 25, n. 1, Porto Alegre, 2018, p. 26.

No caso da publicação do MBL, há um apelo à cultura *pop*; com um filme *hollywoodiano* relativamente conhecido no cenário mundial, a montagem faz com que o protagonista do filme carregue a bandeira do Brasil. Ao fundo da imagem estão as siglas do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) e do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). Com isso, o MBL coloca uma imagem que faz uma construção simbólica de que o brasileiro tem que lutar ou está lutando contra os impostos estatais. A imagem vem acompanhada do texto: “Demande menos Estado e mais dinheiro no nosso bolso”<sup>107</sup>; o nome do canal compartilhado, “canal do otário”, estabelece uma divisão entre aqueles que estão de acordo com as pautas do MBL (os “espertos”) e seus contrários (os “otários”). A utilização do termo “nosso” pode evidenciar a tentativa da formação de um coletivo, agrupado pelo interesse mútuo em diminuir ou acabar com os impostos.

Por mais simples e satírica que seja a mensagem que o *meme* traz, ele carrega um sentido político bem definido: a ideia de menos Estado. A mensagem visa incluir o cidadão comum em processos que requerem participação. Esses *memes* políticos interagem com a formação da opinião pública, reunindo pessoas que compartilham essas ideias e aumentando seu nível de convencimento.

Como produto cultural, um *meme* depende de um repertório cultural extraído de relações sociais, memórias, referências históricas, geográficas, econômicas, e de aspectos conjunturais específicos. O internauta posta, compartilha e curte o que julga interessante (*positivity*), o que reflete suas impressões sobre um tema (*packaging*), o que o afeta ou o sensibiliza de alguma forma (*provocation*).<sup>108</sup>

Esses materiais digitais, incluindo os *memes*, foram instrumentalizados pelo poder político e passaram a ocupar espaço nas disputas eleitorais. O manuseio das redes sociais compõe o repertório de partidos e agentes políticos, uma vez que ideias e indivíduos podem ascender por meio desse novo ambiente.

Para além do debate intelectual, há um imaginário social sobre as ideologias políticas. Esse imaginário se forma a partir das relações sociais, das instituições e por meio das mídias, o imaginário político popular é alimentado por diferentes mecanismos. O Brasil tem uma longa relação com o anticomunismo: o golpe civil-militar de 1964 colaborou para o fortalecimento

---

<sup>107</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. **Impostos malditos**. 25 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/posts/205032086287609>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

<sup>108</sup> SOUZA, Carlos Felipe; VASCONCELOS, Wesley Guilherme; PARENTE, Thiago Coutinho. Cultura dos memes e as formas de se pensar a política do presente. In: **43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Formato virtual. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e UFBA, 2020, p. 4.

das ideias anticomunistas, uma vez que o Brasil, em meio à polarização da Guerra Fria, alinhou-se aos interesses norte-americanos. As divergências seculares entre interpretações liberais e marxistas, nesse sentido, estão presentes na rede.

O MBL, portanto, se diz liberal, o que o interliga a uma extensa corrente de pensamento vinda desde o liberalismo clássico até os dias atuais, com o neoliberalismo. Segundo Merquior, “desde 1780, embora seja uma corrente de pensamento contínua, ela se modifica de acordo com o lugar e o período”<sup>109</sup>. O MBL se apropria de um vocabulário antigo, formulado pela tradição liberal, e apresenta novas ideias, que estão relacionadas com as disputas contemporâneas. As ideologias, enfim, não estão estagnadas e são reinterpretadas na medida em que as redes de tensões políticas são movimentadas. Dito isso, ao longo da história, diferentes escritores associados ao pensamento liberal formularam suas próprias definições sobre os deveres e os limites do Estado, o qual, enquanto provedor do bem-estar social, foi consolidado durante a década de 1930.

As políticas estatais, que visam ao bem-estar social e garantem serviços básicos à população, foram fortalecidas a partir da teoria de John Maynard Keynes. Em 1929, ocorreu uma grande crise e a recessão econômica atingiu os países capitalistas, que buscaram revitalizar o liberalismo, aumentando o poder de ação do Estado.

Nesse sentido, a ação pública se daria no sentido de mitigar os excessos de pobreza e de desigualdade. Tendo John Maynard Keynes como principal teórico, e Franklin Delano Roosevelt como principal estadista, o liberal-socialismo (associado a expressões como “Estado de bem-estar” ou “democracia social”), ganharia força após a crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).<sup>110</sup>

José Merquior divide o pensamento liberal nas seguintes categorias: protoliberalismo ou liberalismo clássico, liberalismo conservador, liberalismo social e novo liberalismo. É importante frisar que essas classificações são rótulos; ao condensar uma série de pensadores em uma categoria, acaba-se vinculando pensadores a ideias que eles não formularam. Portanto, essas categorias não dão conta de abordar todo o debate interno de uma extensa corrente de pensamento. Ainda assim, Merquior consegue traçar algumas continuidades e rupturas do pensamento liberal e sua obra pode ser utilizada para localizar os autores e seus contextos de

---

<sup>109</sup> MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo antigo e moderno**. São Paulo: É realização, 2011, p. 23.

<sup>110</sup> CARVALHO, Daniel Gomes de. O que é o liberalismo? O que significa ser liberal?. **Café História – história feita com cliques**. Publicado em: 8 jun. 2020, p. 8. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/o-que-e-o-liberalismo-o-que-significa-ser-liberal/>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

produção. Merquior refere-se a esse liberalismo keynesiano como um liberalismo de esquerda, uma renovação do liberalismo diante dos problemas vivenciados. Segundo Merquior,

Keynes propôs “a eutanásia do capitalista” e “uma socialização um tanto abrangente do investimento”, como a resposta criativa do capitalismo à insistência socialista na socialização de produção. Como foi observado, a prescrição de Keynes residia em que o Estado controlasse os gastos e a demanda, em vez de controlar a propriedade e a oferta.<sup>111</sup>

Embora Merquior classifique as políticas keynesianas como liberais, atualmente os debates entre direita e esquerda no Brasil parecem ter redefinido essa classificação, ao menos no senso comum. O Estado é encarado, por parte da esquerda, como o principal responsável pelo combate às desigualdades sociais, enquanto grande parte da direita defende um Estado mínimo e pouco atuante.

O MBL, tal como evidenciado na publicação acima, critica as ações do Estado de forma geral, englobando também críticas ao keynesianismo, e exhibe argumentos para atacar o Estado de bem-estar social. O neoliberalismo, assim, se distinguiria do liberalismo clássico e do liberalismo social na medida em que se opõe às políticas keynesianas tal qual praticadas no pós-guerra, assumindo uma postura abertamente mais estatofóbica do que seus antecedentes ideológicos, que, definitivamente, não eram avessos a medidas de bem-estar social.

Wendy Brown conceitua o neoliberalismo a partir dessa disputa pela direção do Estado. Ela enxerga que as políticas keynesianas amenizaram a desigualdade social. Segundo a autora, o Estado, ao oferecer serviços públicos, confronta-se com uma elite empresarial, uma vez que há uma disputa de mercado entre empresas públicas e privadas. Portanto, para ela, o neoliberalismo baseia-se nessa nova atuação política de desmantelamento do poder estatal por meio da privatização de setores estratégicos da economia.

Esta análise, talhada por uma abordagem neomarxista, concebe o neoliberalismo como um ataque oportunista dos capitalistas e seus laiaos políticos aos Estados de bem-estar keynesianos, às social-democracias e ao socialismo de Estado. Em *Globalists: The End of Empire and the Birth of Neoliberalism*, Quinn Slobodian acrescenta uma camada de sofisticação a esse quadro, enfatizando até que ponto o neoliberalismo foi concebido intelectualmente e desvelado praticamente como um projeto global no qual a soberania econômica do Estado-nação seria suplantada pelas regras e acordos estabelecidos por instituições.<sup>112</sup>

---

<sup>111</sup> MERQUIOR, J. *op. cit.*, p. 173.

<sup>112</sup> BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo. Editora Politeia, 2019, p. 31.

Apropriando-se da análise de Wendy Brown, os posicionamentos do MBL são, por conseguinte, alinhados ao que entendemos ser agenda neoliberal. Essa relação (neoliberalismo e MBL) é reforçada pela dissertação de mestrado de Tatiane Morais, intitulada **Movimento Brasil Livre (MBL) e a agenda neoliberal: trajetória ao poder e projeção social**. Essas obras permitem que se pense a atuação do MBL em eventos globais, ou seja, vê os agentes do Movimento inseridos em processos históricos que se desenrolam em diferentes regiões do globo, nesse caso, o embate travado entre os setores públicos e privados. As disputas entre privatizações e estatizações parecem ser a grande batalha política que se desenrola atualmente.

Coube a McLuhan apresentar o conceito de aldeia global<sup>113</sup>. Para o autor, o aprimoramento das tecnologias facilita a comunicação entre pessoas de diferentes regiões do globo e, com isso, há uma troca cultural intensa. Mais do que isso, o advento digital pode causar um fenômeno de integração, nesse sentido: “Nossa civilização especializada e fragmentada. Baseada na estrutura centro-margem, subitamente está experimentando uma reunificação instantânea de todas as suas partes mecanizadas num todo orgânico”<sup>114</sup>.

Portanto, fenômenos relacionados podem se desenrolar em diferentes locais do mundo, visto essa integração ou correlação citada por McLuhan.

Em 2013, por exemplo, o MBL organizou cinco eventos por meio do Facebook, dois deles nomeados “Manifestação pela desestatização do transporte coletivo” (20 e 24/6/2013), outros dois chamados de “Manifestação pela liberdade no transporte coletivo” (24/6/2013) e, por fim, o evento “Manifestação pela desestatização da vida do brasileiro: menos Estado e mais liberdade” (26/6/2013)<sup>115</sup>.

Se, como afirma Pocock, a linguagem política é viva e mutável e os discursos são vistos como ações com a função de efetuar alguma consequência no leitor ou no ouvinte — “uma comunidade de falantes de uma linguagem política, que a atualiza através de sua intervenção particular<sup>116</sup>”, no caso da nomenclatura das manifestações, há uma tentativa de vincular a ideia de liberdade a não atuação do Estado, propondo que o cidadão não é livre nos locais em que o Estado atua. Em resumo, é precisamente este cruzamento entre a comunicação digital e as ideias

---

<sup>113</sup> MCLUHAN, Herbert Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964, p. 61.

<sup>114</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>115</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook. Eventos*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/events>>. Acesso em: 7 jun. 2022.

<sup>116</sup> POCOCK, John G. **As linguagens do ideário político**. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 11.

políticas, indispensável para o entendimento do Brasil contemporâneo, que interessa a esta dissertação.

No primeiro capítulo, promovemos uma reflexão a respeito da intrínseca relação entre a política e a mídia. Observamos que ao longo de diferentes períodos históricos, as mídias desempenharam papéis cruciais com orientações políticas diversas, manifestando-se como instrumentos de comunicação relevantes. Estas, por sua vez, têm a capacidade de favorecer a manutenção do *status quo* ou instigar rupturas com a ordem estabelecida, dependendo da dinâmica das forças envolvidas. É importante salientar que as mídias operam como ferramentas de penetração subjetiva, desempenhando um papel fundamental na construção de interpretações sobre o mundo. As novas tecnologias, por sua vez, estão redefinindo os padrões de comunicação, lazer e trabalho, possivelmente inaugurando novas formas de experiência do espaço e do tempo.

O primeiro capítulo se debruça sobre a análise do ambiente virtual, destacando as cargas ideológicas associadas a ele. Além disso, explora o surgimento de novos grupos, mesmo vinculados à direita, que incorporam atores, interesses e instituições já presentes na dinâmica política. O conceito de "nova direita" é abordado como uma reconfiguração discursiva e performática, introduzindo novos elementos nas disputas eleitorais e de ideias. A agenda política, o vocabulário utilizado e as ideias expressas são examinadas, culminando na discussão sobre a apropriação do ambiente virtual nas disputas políticas contemporâneas, destacando os limites democráticos e as características que reforçam os níveis de vigilância e controle.

Após esse debate teórico sobre o mundo contemporâneo, suas nuances e formas de organização e comunicação, transitamos para uma análise das fontes em seu estágio primário: as publicações do MBL nas redes sociais, *YouTube* e *Facebook*.

No segundo capítulo, concentramo-nos na análise da atuação do MBL por meio da plataforma do *YouTube*. Os vídeos examinados revelam não apenas as ideias do Movimento, mas também as formas imagéticas que assumem. Investigamos as estratégias de adesão, os sentimentos evocados e a espetacularização da política, buscando decifrar a apropriação que o MBL realiza no campo digital.

No terceiro capítulo, direcionamos nossa atenção para a atuação do MBL no Facebook, abordando as principais ideias do movimento e os modos pelos quais operam em suas redes sociais. O recorte cronológico da pesquisa se estende entre os anos de 2013 até 2018. Ou seja, vai do surgimento do movimento até as eleições presidenciais de 2018 que culminam na eleição

de Jair Bolsonaro, um candidato associado ao neoliberalismo econômico e ao conservadorismo moral. Desse modo, captamos as ideias do movimento em seu período de nascimento, consolidação e auge — *Impeachment* de Dilma e eleição do candidato que apoiaram.

## CAPÍTULO 2 – O LIBERALISMO DIGITAL

Este capítulo aborda duas dimensões estabelecidas na relação entre as redes sociais digitais e a política contemporânea. A primeira se dá no processo eleitoral, ou seja, na captura do voto a partir da manipulação dos dados digitais. A segunda se dá no campo subjetivo, nas ideias que são exteriorizadas e transmitidas no ambiente virtual, interagindo com as concepções de mundo que estão em constante (trans)formação.

Dado que vivenciamos uma democracia representativa com o *slogan* de soberania popular, na qual, a maior ação política é limitada pelo voto que escolhe os representantes públicos, as forças políticas estão constantemente empenhadas em assegurar que seus candidatos ocupem cargos no aparato estatal. O processo eleitoral, por sua vez, teve que se adaptar e evoluir para se alinhar aos novos paradigmas das redes sociais digitais.

### 2.1 AS REDES E A POLÍTICA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Em 2018, um escândalo, noticiado pelo jornal *The Observer*, veio à tona. O Jornal expôs que a empresa Cambridge Analytica utilizou os dados digitais de 87 milhões de usuários, por meio da rede social do *Facebook*. Os dados obtidos foram utilizados para filtrar a preferência dos eleitores e com isso direcionar seu voto para o então concorrente Donald Trump<sup>117</sup>.

Não é surpreendente que o conceito de colonialismo digital esteja ganhando cada vez mais destaque nos círculos acadêmicos. Esse conceito aborda a noção de uma dominação e transferência de recursos que ocorre entre países centrais e periféricos, particularmente na era digital, onde essa transferência se manifesta principalmente por meio dos dados digitais, que representam uma fonte de riqueza econômica e influência ideológica de imensurável valor.

Se no passado os impérios definiam seu controle por meio da ocupação de rotas e matérias-primas, a nova forma de dominação é por meio do uso da tecnologia, dados e poder computacional. Muito se fala acerca dos dados serem o novo “petróleo”, no entanto, diferentemente do combustível fóssil, a extração de dados é feita de maneira muito menos definida e contornada. Na verdade, muitas vezes nem existe o conhecimento de que essa extração está ocorrendo.<sup>118</sup>

---

<sup>117</sup> LEANDRO, Thaysa Luarrah. A influência das redes sociais no cenário político. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca**, São Paulo, v. 16, n. 1, 2021, p. 7.

<sup>118</sup> SIQUEIRA, Alessandra Cristina de Mendonça. O colonialismo digital como nova forma de Imperialismo na sociedade em rede. **Revista do Mestrado em Direito da UFS**, Aracaju, v. 8, n. 01, pp. 29 -50, 2019, p. 41.

Os dados digitais, agora disponíveis e vulneráveis a serem explorados por forças internacionais, representam uma realidade sem precedentes, impulsionada pelo avanço das novas tecnologias. No entanto, os métodos tradicionais da arena política ainda mantêm sua relevância nesse ambiente em transformação. A propaganda eleitoral, os cativantes *jingles*, as transmissões ao vivo que evocam a atmosfera de comícios, os cartazes, as informações em formato de panfletos, os encontros com grupos de interesse, os debates públicos, o ativismo político e muitas outras formas de engajamento político foram habilmente adaptados ao cenário digital.

O que torna essa dinâmica particularmente notável é o fato de que, atualmente, esses materiais circulam a uma velocidade e com um alcance extraordinário. Não se restringem mais a um horário específico; na verdade, estão disponíveis de forma ininterrupta, acessíveis conforme a preferência e a disponibilidade do usuário. Por isso, o conceito proposto por Henry Jenkins<sup>119</sup> sobre a convergência das mídias se revela altamente preciso. Uma mídia não simplesmente desaparece por completo; na verdade, ela é absorvida e incorporada pela nova mídia emergente. Da mesma forma, a atuação política na era digital combina elementos familiares do jogo político com novas formas de engajamento político.

As redes sociais digitais desempenham um papel multifacetado nas esferas políticas contemporâneas. Elas constituem verdadeiras arenas eleitorais, com o potencial de impactar significativamente a escolha de representantes públicos. Simultaneamente, as linguagens e ideias que circulam nesse ambiente virtual são fortemente influenciadas pelo contexto em que surgem, estabelecendo um diálogo intrínseco com a realidade material em questão. Essa dinâmica complexa entre a tecnologia digital e a sociedade ocorre em duas direções distintas, nas quais as tecnologias moldam a sociedade, mas também são moldadas por ela. Como observou Marcus Abílio, “isto porque se trata de um processo no qual a tecnologia, no caso, a internet, determina e é determinada pelo ambiente social no qual está inserida”<sup>120</sup>.

Essas múltiplas funções das redes sociais digitais acabam por tornar o seu papel no cenário político ainda mais intrincado. Elas não apenas refletem as opiniões, preferências e valores sociais, mas também se tornam espaços cruciais para disputas eleitorais, nos quais o debate político se desenrola de forma intensa. São ambientes em que forças políticas se

---

<sup>119</sup> JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

<sup>120</sup> ABÍLIO, Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. *In: IV ENCONTRO DA COMPOLÍTICA*, Rio de Janeiro: UERJ, 2011, p. 12.

organizam e articulam, e nos quais ocorre a interação crucial entre agentes públicos, instituições e a sociedade civil.

Além do âmbito eleitoral, é fundamental compreender o impacto das mensagens que circulam nas redes sociais na moldagem das subjetividades. O ser humano, por sua própria natureza sociável, constrói seu pensamento e identidade por meio da interação com outros indivíduos. Desde o momento do nascimento, somos expostos a valores e conceitos que são transmitidos por instituições e grupos sociais com os quais interagimos. As mensagens mediadas pela mídia desempenham um papel significativo na formação da subjetividade coletiva. Segundo José Swaco e Renato Perissinoto, “toda realidade é interpretada e grande parte da luta política é travada precisamente em torno dessa interpretação”<sup>121</sup>. Portanto, a luta política também ocorre por meio da atribuição de significado da realidade social, o caráter explicativo do discurso tem um efeito prático e pode gerar ações que ultrapassam o campo digital.

Talvez essa análise atribua um caráter passivo ao corpo coletivo, como se ele apenas replicasse uma carga cultural transmitida pela cultura. Entretanto, na verdade, a cultura digital é altamente interativa, além de absorver a cultura o homem a modifica. Os usuários podem interagir, moldar e subverter as mensagens que tem acesso. Ou seja, ao ser transmitida, a mensagem digital é transferida para um local onde pode sofrer inúmeras interferências.

A influência no campo eleitoral, como já evidenciado, é apenas uma das facetas das dinâmicas que ocorrem no espaço digital. No entanto, a normalização de comportamentos e conceitos, junto com a captação da subjetividade das pessoas, permite que os movimentos políticos exerçam influência sobre os processos decisórios políticos, independentemente dos agentes públicos eleitos pelo voto popular. Em outras palavras, a agenda política estabelecida persiste, uma vez que a sociedade civil, como uma força ativa na esfera pública, é capaz de exercer pressão sobre a estrutura burocrática do Estado.

## 2.2. O MBL NO *YOUTUBE*

O canal do MBL no *YouTube* foi criado em 17 de outubro de 2014. Atualmente, encontra-se com 1,2 milhões de inscritos. Seu banco de dados armazena 2.900 vídeos. Trata-se de um extenso e crescente número de vídeos. Por isso, optamos pelo seguinte recorte:

---

<sup>121</sup> SWACO, José. PERISSINOTTO, Renato. Movimentos sociais como teóricos políticos: Wolin, ideias e políticas públicas. *Lua Nova*, São Paulo, v. 102, 2017, p. 232.

analisamos os três vídeos com maior número de visualizações, de 2014 a 2020. Nessa análise, vamos expor a principal ideia do vídeo, a linha retórico-argumentativa proferida, a *performance* linguística, no uso das palavras-chaves, a parte estética e performática que o discurso assume e, por fim, contextualizamos as ideias expostas nos debates que elas (palavras-chaves) se inserem no momento de produção.

Trata-se, portanto, de uma análise qualitativa, que busca perceber as ideias no Movimento e as formas pelas quais eles operam as redes sociais, nesse caso, uma plataforma de audiovisual. Angela Meili<sup>122</sup> argumenta, que no audiovisual transmitido pelos mecanismos digitais, o amadorismo e o profissionalismo se misturam, há uma distribuição massiva de conteúdo propiciado pelo *YouTube* que se torna uma rentável forma de atuação, ao mesmo tempo que se assegura como uma eficaz ferramenta de divulgação de ideias “deste fenômeno que promove a reconfiguração do campo da indústria cultural, reorganizando modos de produção, organização, distribuição e capitalização. O que modifica a linguagem audiovisual”<sup>123</sup>.

O primeiro vídeo foi postado em 17 de outubro de 2014, seu nome “Chico Buarque apoia a Dilma 45”. O vídeo tem 37 segundos de duração e tem 20.756 visualizações. Nele, Chico Buarque, cantor e compositor, aparece falando com uma imagem de Dilma atrás, porém, seu discurso foi substituído e dublado pelos membros do MBL, caracterizando um *meme*, pois mistura os contextos e dá forma a uma nova narrativa. A dublagem segue a seguinte discurso:

Voto na Dilma porque dá dinheiro para os amigos, confio nela. Um robô sobretudo que não sabe completar uma frase, e que desmaia quando apanha no debate. Eu voto nela porque com ela eu tenho certeza que minhas verbas da Lei Rouanet serão mantidas, aprimoradas e aprofundadas. Dilma, você compra o que a gente pensa, você rouba e a gente defende. Em 2010, eu votei na Dilma porque sou uma putinha do Lula, esse ano eu voto porque ele fode tua roda viva.<sup>124</sup>

A principal ideia do vídeo consiste em passar a mensagem de que os artistas se aliam a PT por conta da verba. Dado que a linha discursiva opta por palavrões, é importante lembrar que a mídia televisiva hegemônica do Brasil não utiliza esse tipo de linguagem, mesmo em seus discursos mais sensacionalistas. O uso de uma linguagem mais informal e direta é uma característica presente nas novas mídias digitais.

<sup>122</sup> MEILI, Angela. O audiovisual na era Youtube: pro-amadores e o mercado. *Sessões do imaginário*, [S.L.], ano XVI, n. 25, 2011.

<sup>123</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>124</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). **Chico Buarque Apoia Dilma 45**. YouTube, 17 de out. de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mVsYDQmDDyg>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

Observe como as redes sociais competem pela atenção de seus usuários. Existe uma tendência natural de nos envolvermos com conteúdo fora do comum, que fogem do convencional. O Movimento Brasil Livre (MBL) demonstra um profundo entendimento do funcionamento das redes sociais e o utiliza como uma ferramenta de crescimento.

O vídeo em questão é meticulosamente projetado para provocar reações, até mesmo entre aqueles que se opõem a ele, pois quanto mais pessoas comentarem e compartilharem o vídeo, mesmo que seja para expressar sua discordância, mais engajamento o Movimento irá gerar. Quanto maior for a exposição a esse tipo de material, maior será a probabilidade de conquistar seguidores que, em termos de redes sociais, são conhecidos como capital social, que é um aspecto fundamental para a consolidação e o crescimento nas redes sociais.

Na era digital, a inteligência artificial e os algoritmos computacionais cercam e preenchem os indivíduos por todos os lados, impulsionados pelo crescimento exponencial da capacidade e da velocidade de processamento das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), juntamente com a disponibilidade contínua e sem limites espaciais de uma grande quantidade de dados, leia-se: Big Data, que consiste basicamente na extração, acúmulo e análise de dados (processos realizados pelos algoritmos) que, na verdade, correspondem à digitalização das experiências humanas, que se tornam matéria-prima para os processos de manufatura dessa superindústria do imaginário.<sup>125</sup>

Passemos agora a discorrer sobre um dos objetos centrais do vídeo: a Lei Rouanet, criada em 1991, que prevê um incentivo cultural dado por meio de incentivo fiscal. A lei busca contemplar um direito constitucional, do acesso ao lazer e a cultura. O posicionamento do MBL no primeiro vídeo analisado demonstra um claro e recorrente aspecto neoliberal, que deseja extinguir ou diminuir certos direitos sociais historicamente conquistados pela luta política.

O uso do xingamento nessa nova direita teve entre seus grandes expoentes Olavo de Carvalho que, como já demonstrado, serviu como um expoente retórico e ideológico da nova direita. O uso do palavrão tem o efeito de demonizar o pensamento contrário, deslegitimando o opositor<sup>126</sup>.

---

<sup>125</sup> ARAÚJO, Wecio Pinheiro. A ideologia na era digital: a imagem e os algoritmos como formas tecnológicas de dominação social. *ethic@*, Revista Internacional de Filosofia da Moral, Florianópolis, v. 20, n. 2, 2021.

<sup>126</sup> ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 232 fls. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 131.

Domingues e Paula<sup>127</sup> destacam que, para além de ataques à classe artística, esses movimentos de direita buscam afetar a própria interpretação do que é cultura e do que é cabível de ser auxiliada pelo Estado. Pela construção semiótica e discursiva, o MBL tenta misturar o entretenimento com a mensagem política, utilizando uma paródia, com tons sarcásticos, humorísticos e críticos. Outro ponto importante, durante o governo de Michel Temer foi instalada uma comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em torno da Lei Rouanet, demonstrando que as discussões expostas por meio das redes sociais fazem coro e podem desencadear, ou reforçar, atos institucionais.

Na composição de narrativas sobre "mamatas", "castas de meia-dúzia de artistas" e parâmetros de "boa cultura" não foram exatamente frustrados pelos resultados da CPI. Pelo contrário, a atuação desses novos personagens do campo de debate das políticas culturais parece ter sido exitosa no sentido de promover uma tensão nos critérios que, historicamente, fizeram do financiamento às atividades expressivas um problema público no Brasil.<sup>128</sup>

O segundo vídeo analisado foi postado na data de 23 de outubro de 2014, nomeado de: Mensagem do futuro 2018 de Danilo Gentili, com duração de 2 minutos e 48 segundos, contando com 517.005 mil visualizações. No vídeo, novamente se recorre à ironia. Segue as falas do apresentador:

Atenção, interrompemos essa programação para uma mensagem e alerta enviada diretamente do futuro. Eu sou o Danilo Gentili e esse é o Jornal da República Bolivariana do Brasil. Hoje é vinte e seis de outubro de dois mil e dezoito e comemoramos quatro anos que Dilma foi reeleita em dois mil e quatorze e colocou o Brasil no mesmo patamar de outras potências mundiais como Cuba, Venezuela e Bolívia. Embora a reforma política da Presidenta determinou que o melhor para a Nação era não haver mais eleições, querida e amada mamãe Dilma humildemente declarou hoje que vai abrir mão da presidência em prol da alternância do poder, ela disse é importante para uma madura, a alternância do poder. Por isso eu vou sair da presidência e alternar o poder com Lula. E após o sucesso do programa Mais Médico cubanos, o governo do Brasil anunciou o programa mais policiais cubanos. O programa vai importar policiais de Cuba e promete, de uma vez por todas, erradicar crimes hediondos no Brasil, como por exemplo, o crime de opinião e o crime de criticar o governo, Chico Buarque está na França, mas mandou avisar que apoia esse programa. E depois que a elite branca opressora faliu a Petrobras com suas denúncias fictícias corrupção e desta maneira secou os postos de gasolina do país, um traidor da pátria foi preso, invadindo um laboratório de análises clínicas em busca de uma amostra de urina do grande irmão Lula o traidor da pátria disse que queria com amostra de urina do grande irmão Lula abastecerem o seu veículo burguês. E atenção acaba de chegar uma notícia de última hora a comissão da verdade do Partido dos Trabalhadores acabou de

<sup>127</sup> DOMINGUES, João.; PAULA, Leandro de. "Esse tipo de 'artista' não mais se locupletará da Lei Rouanet": políticas culturais e sentidos em disputa no Brasil pós-*impeachment*. In: **XV ENECULT – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, Salvador, 1 a 3 de agosto de 2019.

<sup>128</sup>Ibidem.

descobrir quem foi o assassino do Celso Daniel. O assassino foi Fernando Henrique Cardoso E o Aécio Neves também. E o Joaquim Barbosa. E eu. Viu.<sup>129</sup>

O vídeo busca articular-se com os medos da população. Trata-se de um alerta que utiliza da retórica de que caso Dilma seja eleita o Brasil vai atingir o mesmo patamar econômico de países como Venezuela, Bolívia e Cuba. Segundo a mensagem do vídeo, caso eleita, será instaurado um governo repressivo “como, por exemplo, o crime de opinião e o crime de criticar o governo”

Quanto a associação entre o Brasil e a Venezuela, Chagas, Modesto e Magalhães<sup>130</sup> discorrem que o uso retórico de apelo emocional esvazia o sentido político, agindo em uma simplificação e distorção no cenário para gerar medo e ameaça sob a opinião pública. De todo modo, o medo é um sentimento poderoso. As informações que circulam na esfera digital atuam sob as emoções humanas. Alegria, medo, raiva, tristeza entre tantos outros sentimentos, todos são mobilizados dentro de um sentido político através das redes sociais, com uma leitura que prioriza “o papel das emoções na conformação de grupos<sup>131</sup>”.

Portanto, a ideia principal do vídeo consiste em tocar o imaginário social. O artigo de Rubim é categórico ao afirmar que as redes sociais inauguram novos modos de sociabilidade, de modo que as redes sociais se tornam espaços públicos nos quais não circulam apenas informações, mas ideias, emoções e sensibilidades. Outro fator no artigo é a questão da espetacularização da política, de maneira que o espetáculo se torna “princípio organizador da vida política”.<sup>132</sup>

A função eleitoral do vídeo está clara: influenciar a decisão de voto dos cidadãos. A linha retórica se apoia em conhecimentos prévios amplamente difundidos no senso comum. A crise humanitária na Venezuela, envolvida em embargos econômicos, juntamente com a espetacularização da mídia em relação às mazelas do País, são todos artifícios utilizados pelo MBL para construir e simplificar a ideia de que a escolha de um governo de esquerda resultaria em uma piora na vida dos brasileiros.

<sup>129</sup> É importante lembrar que os vídeos estão disponíveis e seguem sendo acessados muito tempo depois de postados. Dito isso, não raro, alguns vídeos são revisitados por conta de acontecimentos. No caso, o MBL propôs lançar Danilo Gentili como candidato.

<sup>130</sup> CHAGAS, Viktor; MODESTO, Michelle; MAGALHÃES, Dandara. O Brasil vai virar Venezuela: medo, memes e enquadramentos emocionais no WhatsApp pró-Bolsonaro. *Esferas*, Brasília, n. 14, 2019, p. 3.

<sup>131</sup> SANTOS, João Guilherme; CHAGAS, Viktor. Direita transante: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL. *Matrizes*, São Paulo, v. 12, n. 3, pp. 189-214, 2018, p. 193.

<sup>132</sup> RUBIM, Antônio Albino. Espetáculo, política e mídia. In: FRANÇA, Vera; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv. (Orgs.). *Estudos de Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2003, v. 1, pp. 85-103.

O golpe civil-militar no Brasil também teve suas raízes no anticomunismo e, ao longo do tempo, essa perspectiva foi ampliada para abranger todo o espectro da esquerda política. Isso implica que a demonização da esquerda como a personificação do mal é uma estratégia política antiga que foi adotada pela nova direita. Assim, as mídias digitais servem como uma plataforma para ressuscitar ideias antigas, apresentando-as de maneira inovadora. O tom do vídeo é casual, apesar de abordar temas sérios, e o apresentador é relativamente reconhecido, fazendo parte do cenário midiático televisivo.

O Movimento Brasil Livre (MBL) habilmente utiliza elementos profundamente arraigados no imaginário popular, que são moldados por diversas influências das mídias, instituições e relações sociais. Isso resulta em uma dinâmica ambígua, na qual o MBL não apenas se apropria desses valores já existentes, mas também os fortalece e perpetua.

Quanto a sua oposição aos governos de centro-esquerda, como retratado no segundo vídeo analisado, a nova direita busca romper com a política de conciliação de classes que estava estabelecida nos governos de centro-esquerda na América Latina. Essa perspectiva coloca o MBL em uma posição contra-hegemônica, como expressa Silva, na seguinte citação:

Dentro do contexto histórico o surgimento do MBL faz parte de uma corrente contra-hegemônica que teria emergido a partir de 2006, em busca de criar uma nova narrativa contra as ideias de centro-esquerda reinantes no Brasil e na América Latina nos anos 2000. Está batalha no campo das ideias.<sup>133</sup>

Follman destaca que esse discurso ganha particular atratividade, especialmente entre as classes médias tradicionais, que estão envolvidas em lutas internas de fração de classe<sup>134</sup>. Nesse contexto, essas classes interpretam os governos populistas como uma ameaça, visto que esses governos promovem o crescimento social, simbólico e econômico das classes populares. Em outras palavras, há um temor de que seus privilégios econômicos e sociais estejam em risco. Como resultado, as classes médias passam a aderir a discursos contrários ao papel do Estado.

O terceiro vídeo foi postado no dia 03 de novembro de 2014, nomeado: “01 DE novembro: O vídeo que a mídia não quer mostrar”. Ele conta com um pouco mais de três minutos de duração, já foi visto 155.575 mil vezes. Segue abaixo a transcrição do vídeo:

---

<sup>133</sup> SILVA, Ederson. As bases da nova direita: estudo de caso do Movimento Brasil Livre na cidade de São Paulo (2013-2016). **Conversas e Controvérsias**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2018.

<sup>134</sup> SILVA, Kiane Folmann da. **A reorganização da direita brasileira e o papel do Movimento Brasil Livre (MBL): da fundação ao impeachment de Dilma Rousseff (2013-2016)**. 140 fls. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal da Fronteira Sul, 2020, p. 123.

Nossa, bandeira, jamais será vermelha. Temos que exigir do senado, dos deputados federais, da mídia, do Judiciário, a investigação desse Petrolão. São Paulo tem que tomar iniciativa hoje, nós todos, para iniciar o movimento nas ruas pressionar as instituições e defende a empresa porque a Veja foi atacada. Chega desse governo de iniciativas bolivariana que quer transformar o Brasil em Cuba. Estão tentando dividir pobres e ricos negros e brancos a fim de dividir para poder reinar, o PT e sua corja liderados pelo Lula. Avisa o pessoal do CQC todo engraçadão aí é que a gente tá na rua e é para ir lá para eles continuarem a trabalhar. Isso aqui não é uma manifestação para gente voltar para 64. a hora de estarmos unidos, porque eles querem a nossa divisão. A gente quer que os casos de corrupção do petrolão sejam apurados e comprovados, que seja feito impeachment deles imediatamente. Eu gostaria de parabenizar esse movimento e espero que todos tenham consciência que tem a nossa luta, nós não vamos a lugar nenhum fora PT. Nós estamos aqui para o estado democrático de direito.

Decência legalidade é isso que nós queremos. Estaremos quanto necessários for se possível ou se necessário todos os dias fazendo a voz necessária. Por Justiça, a voz a palavra de Martin Luther King: “o que me assusta não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons”. Vamos para rua. E se falar que eu sou burguês, eu ando de transporte público antes que alguém vai falar que eu sou burguês, é porque eu estudei e é por isso que eu estou aqui hoje por um país melhor para um país sem esse roubo maldito que eles estão fazendo.<sup>135</sup>

Esse vídeo mostra a multidão que participou de algumas das manifestações organizadas pelo movimento, o vídeo faz uma chamada para que as pessoas compareçam às manifestações. Nos discursos são cortados alguns fragmentos das falas feitas nas manifestações, denunciando os escândalos de corrupção e pedindo adesão aos protestos. Ao longo do vídeo circulam algumas imagens escritas, entre elas:

---

<sup>135</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **01 DE NOVEMBRO**: O vídeo que a mídia não quer mostrar. 3 de nov. de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KbsJTGJC-Kw>>. Acesso em 08 nov. 2023.

**Figura 3.** 01 DE NOVEMBRO: O vídeo que a mídia não quer mostrar.



01 DE NOVEMBRO: O vídeo que a mídia não quer mostrar

Fonte: MBL, YouTube<sup>136</sup>

Antes de se posicionar publicamente, um movimento político busca cuidadosamente avaliar as implicações em termos de capital social, considerando tanto os ganhos quanto as perdas decorrentes de sua posição. No caso do MBL, é possível que tenha reconhecido o potencial impacto negativo em seu capital social ao associar-se, de alguma forma, ao legado da ditadura militar e à conotação golpista que esses termos carregam. Isso se deve à existência de esforços legítimos por parte de setores progressistas em denunciar a violência estatal e a falta de legitimidade do regime civil-militar.

O que se evidencia é que essa tomada de posição diferencia o MBL de outros grupos de orientação política de direita que, em contrapartida, defendem abertamente o retorno ao regime militar.

Ao mesclar pessoas falando com imagens escritas, o vídeo constrói uma coreografia audiovisual, algo que é imprescindível “para construir um espaço emocional no qual a ação coletiva pode se realizar”<sup>137</sup>. Esse vídeo faz uma chamada para o comparecimento em manifestações presenciais, ou seja, ultrapassa o campo digital e promove encontros presenciais.

<sup>136</sup> *Ibid.*

<sup>137</sup> MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O mundo “divertido”: o fetiche da internet e a mobilização política nas redes sociais. *Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global*. Santa Maria, v. 1, n. 2, 2012, p. 323.

Moretzshon dedica-se, em partes, em explorar a potencialidade das mídias digitais no processo de mobilização política.

A mídia social tem particular importância na elaboração de uma coreografia de atuação relativa a um processo simbólico de construção do espaço público, que facilita e orienta as reuniões presenciais a partir de manifestações altamente individualizadas e dispersas<sup>138</sup>. Apesar de evidenciar essa potencialidade, a autora chama a atenção para o fato de que essa organização política orientada em rede é passível de um monitoramento e boicote do poder estatal, e que, portanto, as “redes sociais como um elemento complementar — e não substituto— aos encontros presenciais”<sup>139</sup>.

As reflexões de Moretzshon lançam luz sobre o relativo sucesso na consolidação do MBL como um movimento político. Embora o grupo tenha se destacado na utilização de mecanismos digitais, chegou um momento em que começaram a promover encontros presenciais. Como a autora ressaltou, as redes sociais serviram como um complemento ao espaço digital, que era visto como um ambiente de trocas simbólicas. Isso significa que, embora a cibermilitância seja importante e até fundamental para a comunicação no cenário político moderno, ela por si só não é suficiente<sup>140</sup>.

A principal ideia do vídeo consiste em uma chamada popular para o comparecimento nos protestos. A linha argumentativa recorre a questões morais como a da corrupção, além de se inserir no debate da época. Ao afirmar que “estão tentando dividir pobres e ricos, negros e brancos a fim de dividir para poder reinar”<sup>141</sup>, os produtores do vídeo fazem uma crítica a alguns segmentos da esquerda que enxergam no corpo social uma luta entre as classes. Já a fala “e se falar que eu sou burguês, eu ando de transporte público antes que alguém vai falar que eu sou burguês, é porque eu estudei e é por isso que eu estou aqui hoje” tenta abertamente desmitificar a noção de que os participantes dos protestos pertencem a uma classe social com mais privilégios econômicos. A parte final da fala — “é porque eu estudei por isso que estou aqui hoje”<sup>142</sup> — acaba por corroborar a ideia exposta por Kianne Follman da Silva, que afirma que o discurso meritocrático ganha projeção em segmentos da classe média, pois oferece uma maneira de justificar sua posição social perante as classes populares, como se o local ocupado

---

<sup>138</sup> *Ibidem*.

<sup>139</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>140</sup> *Ibid.*, p.326.

<sup>141</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **01 de novembro**: o vídeo que a mídia não quer mostrar. 03 de nov. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KbsJTGJC-Kw>. Acesso em: 08 nov. 2023.

<sup>142</sup> *Ibidem*.

fosse decorrente do esforço individual, desconsiderando todo meio social que influencia na formação e nas oportunidades do indivíduo<sup>143</sup>.

A parte performática utiliza-se de filmagens de manifestações populares, tentando demonstrar o alto número de adeptos, uma nova característica propiciada pelo avanço tecnológico digital, o compartilhamento de imagens e vídeos das manifestações que passam a transitar em determinadas bolhas digitais.

Davi Cavalcante nota que, nas Jornadas de Junho de 2013, o centro e a esquerda também estavam ativos no protesto com pautas contra a corrupção, contra o aumento dos transportes públicos e contra a Copa do Mundo de 2014; entretanto, as crises econômicas e do lulopetismo somadas aos escândalos de corrupção causaram um esvaziamento dos setores de esquerda, esse vazio logo foi ocupado por movimentos de direita, entre eles o MBL.

Mas uma série de fatores que apontaremos adiante, como as crises econômicas e do Lulopetismo, fizeram com que movimentos de direita ocupassem provisoriamente vazios territoriais deixados por Junho de 2013, com seus representantes sendo atores fundamentais para viabilizar o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. As manifestações organizadas pelo Movimento Brasil Livre (MBL) e Vem pra Rua (VPR), nesse sentido, ficaram entre as maiores registradas na história do Brasil.<sup>144</sup>

A questão central que estamos abordando diz respeito à adesão das massas às manifestações populares, que ocorreram tanto durante as emblemáticas Jornadas de Junho de 2013, quanto na onda de protestos que se desencadeou em 2014, o momento em que o vídeo em questão foi publicado. Embora a insatisfação das classes médias desempenhe um papel significativo nesse contexto, é importante destacar que não é o único fator responsável pela adesão massiva da população a essas manifestações.

Nesse sentido, é crucial analisar mais profundamente o contexto político dos governos liderados por Luiz Inácio Lula da Silva, a fim de compreender a formação desses grupos que, em determinado momento, uniram-se para se tornar uma oposição contundente ao governo. Essa oposição se manifestou por meio de protestos cívicos e demonstrações populares, além de uma vasta produção digital que passou a permear, ou reforçar, o imaginário social.

---

<sup>143</sup> SILVA, Kiane Follmann da. **MBL: crise política e conflitos de classe no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 141.

<sup>144</sup> CAVALCANTE. Davi Barboza. **Quem são os grupos de direita que ganharam as ruas do país: uma análise de redes com ênfase nos atores e nas pautas do Movimento Brasil Livre e do Vem pra Rua**. 2019. 105 fls. Tese de doutorado. Doutorado em Ciências Políticas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019, p. 21.

O cenário político entre 2003 e 2010 se beneficiou de uma conjuntura internacional favorável. Nesse período, as *commodities*, que são produtos em estado primário com pouco valor agregado, experimentaram um substancial aumento de valor. Esse fator impulsionou as contas públicas do País e estimulou o mercado interno por meio das exportações. Além disso, o governo petista implementou políticas para fortalecer a economia interna. Houve um aumento significativo do salário mínimo, que serviu como referência para a renda no Brasil. Além disso, promoveu-se o crescimento do emprego formal, por meio da carteira de trabalho, ampliando assim os direitos trabalhistas para novos estratos sociais.

Essa época também testemunhou um aumento na oferta de crédito, o que resultou em maior gastos e endividamento por parte da população. Adicionalmente, foram implementadas políticas redistributivas que tiveram um impacto significativo na redução da pobreza extrema. Todas essas políticas públicas dinamizaram o mercado interno e, como resultado, houve uma melhoria substancial na qualidade de vida das classes populares. Ao mesmo tempo, o setor privado continuou a lucrar e a se beneficiar do crescimento econômico do País, e a chamada "classe C" experimentou um aumento de sua relevância. Combinados, o crescimento econômico mais rápido e a redução de renda mais ampla levaram à maior redução da pobreza da história brasileira.<sup>145</sup>

As políticas implementadas se mostraram altamente eficazes na conquista da fidelização de votos, resultando em um índice de popularidade que ultrapassou os 85% para o presidente Lula até o final de 2013. Perry Anderson destaca que essa conjuntura econômica, junto com a atuação do governo brasileiro durante esse período, desempenharam um papel fundamental no impulso econômico que beneficiou toda a nação e foi refletida em diversas camadas sociais.

O PIB cresceu a um ritmo médio de 4% de 2004 a 2006. O salto deveu-se essencialmente à boa situação internacional. Esses foram os anos em que a demanda chinesa por duas exportações mais valiosas do Brasil, soja e minério de ferro, decolou, em meio a um aumento exorbitante das *commodities*.<sup>146</sup>

A relativa adesão popular aos protestos que levaram um contingente às ruas foi resultado de uma série de fatores. Esse fenômeno pode ser encarado como uma investida da burguesia internacional e à divisão do trabalho em nível mundial. Isso ocorreu com o peso do valor da Petrobras, uma lucrativa e valiosa empresa estatal.

---

<sup>145</sup> ANDERSON, Perry. **Brasil à parte**: 1964-2019. São Paulo: Boitempo Editorial. 2020. p. 62.

<sup>146</sup> *Ibid.*, p. 61.

Petrobras é uma empresa de capital misto capaz de se inserir nas disputas transnacionais, competindo no mercado e gerando altos níveis de riqueza para o Brasil. No entanto, a atuação imperialista, embora presente, não foi o único fator determinante para os protestos.

Os governos petistas, apesar de promoverem avanços significativos para a classe trabalhadora, optaram por uma conciliação de classes. "Os bancos nunca lucraram tanto"<sup>147</sup>, o que representou uma aliança que se mostrou momentânea e passageira entre classes historicamente antagônicas. Além disso, os impostos continuaram a aumentar para as camadas mais populares, e o sucateamento dos serviços públicos não foi resolvido. Os governos petistas criaram consumidores e eleitores, mas também promoveram a despolitização. Após uma forte atuação das esquerdas durante o regime militar, os anos seguintes foram marcados pelo enfraquecimento da militância popular. Não existe vazio na política e, conseqüentemente, esse espaço foi ocupado pela nova direita.

Reforçados pelas mídias digitais, os protestos contra Dilma levaram às ruas pessoas que não estavam politicamente organizadas, ou seja, pessoas que podiam ser seduzidas pelos diferentes espectros políticos presentes. Perry Anderson ilustra essas contradições na seguinte passagem genial: "Progresso sem conflito; distribuição sem redistribuição; quão comuns eles são historicamente?"<sup>148</sup>.

Ao adotar medidas paliativas e reformistas, os governos petistas não abordaram os pontos estruturais nas formas de produção. Singer<sup>149</sup> demonstra que, ao longo de seus governos, as classes médias foram migrando para a oposição, enquanto as classes populares aderiam ao governo. Portanto, esse vídeo do MBL postado em 2014 pode ser visto dentro da marola das Jornadas de Junho de 2013. Ele elucida essa articulação do espaço físico, para além do campo digital. Além disso, se insere nos debates presentes, utiliza de uma crítica às noções de luta de classe e tenta captar adesão as manifestações organizadas pelo movimento. As mensagens são curtas e diretas, sem desenvolver uma crítica mais aprofundada; a ideia é conquistar a adesão de parte das massas.

Podemos identificar duas perspectivas distintas para compreender a adesão de um segmento da sociedade aos protestos. Por um lado, há autores que se referem a isso como uma forma de "guerra híbrida", caracterizada por uma ofensiva de atores ligados ao capital

---

<sup>147</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>148</sup> *Ibid.* p. 89.

<sup>149</sup> SINGER, André. Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo. **Psicologia USP**, [S. L.], v. 26, n. 1, p. 7-14, 2015, pp. 7-8.

estrangeiro. Essa ofensiva se manifestou por meio de boicotes, recessão econômica, controle de informações e pela manipulação da estrutura institucional burocrática. Esses atores conseguiram mobilizar partes dos três poderes com o objetivo de retirar o PT do Poder Executivo. Por outro lado, existe uma corrente de pensamento que enxerga os limites e contradições do governo petista como um aspecto fundamental para a insatisfação popular.

As análises convergem em alguns pontos, destacando a crise econômica, o declínio do *boom* das *commodities*, a despolitização e, por fim, o papel crucial das plataformas digitais, que possibilitaram novas formas de comunicação e organização social. Importante ressaltar que a análise dos três vídeos mais assistidos do MBL em 2014 revela a construção de uma retórica fortemente centrada em ataques aos movimentos de esquerda e ao governo em vigor. Além disso, novos atores políticos emergiram no cenário público por meio das redes sociais.

Segundo Anderson Perry, “em nenhum outro lugar as crises políticas e econômicas se fundiram de forma tão explosiva quanto no Brasil, cujas ruas, no último ano, tiveram mais manifestantes do que todo o mundo em conjunto”<sup>150</sup>.

Ao analisarmos os três vídeos de 2014, podemos notar que o MBL mistura a política com o entretenimento. As sátiras, piadas e o humor não são mecanismos novos na esfera política, o que se altera com as redes digitais é a velocidade da distribuição desse material, que pode ser revisitado inúmeras vezes, além de que os mecanismos de edição digitais acabam por misturar contextos e elementos do imaginário social. Também é possível notar que o MBL apresenta o debate político como uma escolha entre polos muito simples e definidos, para que ele seja melhor assimilado pelas massas.

No ano de 2015, o MBL intensifica sua produção audiovisual por meio da plataforma do *YouTube*. É possível notar um maior engajamento nas redes sociais, ou seja, seu público, e, conseqüentemente, o número de visualizações aumenta. O modo como as plataformas digitais distribuem seus conteúdos segue dentro de um campo misterioso, dado que os acessos às linhas de código são limitados. Entretanto, as pessoas que se utilizam das plataformas digitais, mais precisamente do *YouTube* como sua forma de trabalhar e adquirir renda, conseguem perceber alguns mecanismos que ampliam a distribuição, como por exemplo, o uso de palavras que envolvem a sexualidade- palavras como estupro ou pedofilia. É importante frisar que, se não há uma forma dos seres humanos vigiarem de forma integral todos os vídeos postados, a solução

---

<sup>150</sup> ANDERSON, Perry. **A crise no Brasil**. Blog da Boitempo, 21 de abr. 2016. Disponível em: <<https://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2016/abril/16.04-Crise-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

encontrada é atribuir essa tarefa a programas. Portanto, alguns utilizadores das plataformas digitais conseguem perceber as formas de disseminação e, assim, moldar sua linguagem para que seu material atinja um número maior de visualizações e, conseqüentemente, de renda econômica e engajamento digital.

O vídeo foi postado em 22 de julho de 2015. Nomeado de “Faça Parte da Mudança! - 16 de agosto”. Ele conta com 36 segundos de duração e já atingiu a marca de 36.557 mil visualizações. Segue a citação direta transcrita:

16 de agosto será o dia Nacional daqueles que acordam cedo todas as manhãs. Será o dia nacional daqueles que cansaram de ser roubados em silêncio. Será o dia nacional daqueles que voltaram a sonhar e daqueles que mantêm o nosso país vivo. 16 de agosto estará nos livros de história, cabe a você escolher como ela será contada a mudança já começou, por um Brasil livre.<sup>151</sup>

O primeiro vídeo analisado também remete a uma chamada pública para uma das manifestações antigoverno que ocorreram em 2015. Ortellado, que analisa o perfil dos manifestantes, bem como suas reivindicações, nota mudanças fundamentais nas manifestações de 2013 e de 2015. Em suas palavras, as reivindicações de 2013 cobravam “consolidação e expansão de direitos sociais (principalmente transporte, saúde e educação)”<sup>152</sup>. Enquanto os manifestantes de 2015 posicionavam-se contra as instituições representativas — executivo, legislativo e partidos políticos. Segundo a pesquisa, 73% do público presente na manifestação organizada também pelo MBL não confiavam nos partidos políticos e 69% não confiam em nenhum político ingresso.

Ortellado relaciona essa rejeição às instituições e agentes políticos do Brasil; com uma crise mais ampla que perpassa toda a esfera da democracia representativa liberal. Endossando essa perspectiva, Kierecz destaca que, com o avanço dos meios de comunicação de massa, a questão da comunicação entre o público e os representantes políticos se torna mais relevante do que a carga ideológica que sustenta esses representantes. Em outras palavras:

A situação atual de grande parte dos sistemas democráticas denota, no entanto, que o partido político não é mais fator preponderante para a escolha do eleitor, mas sim a personalidade individual dos candidatos. Com o grande desenvolvimento dos meios de comunicação, a distância entre eleitor e representante encurtou e, assim, o candidato dispõe de muitos meios para se comunicar com os eleitores, como pelas modernas redes sociais. Prestígio pessoal em dada localidade ou méritos intelectuais cedem diante da habilidade

<sup>151</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube. Faça parte da mudança- 16 de Agosto*. 22 de jul. de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x28vvlKBg58>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>152</sup> ORTELLADO, Pablo.; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. *Perseu*, v. 7, n. 11, 2016, p. 170.

de comunicação com o público. Com isso, tem-se notado que programas de governo e partidários são deixados de lado e o “brilho pessoal” do candidato e a confiança que ele inspira acabam sendo os fatores determinantes.<sup>153</sup>

De toda forma, a parte elocutiva do vídeo apela para o sentimento de cidadania, afirmando que a participação nas manifestações é um evento grandioso que ficará marcado nos livros de história. A mensagem é reforçada por uma trilha sonora que evoca um sentimento de grandiosidade, heroísmo e magnitude, com uma orquestração expansiva cantada em coro, criando uma atmosfera que intensifica as emoções do público. As imagens, por sua vez, mostram pessoas participando de manifestações.

O segundo vídeo analisado denota outro tipo de comunicação, bem como as condições de sua produção. É um vídeo no qual Kim Kataguiri, um dos principais membros do Movimento, e eleito deputado federal em 2018, aparece discursando. O que chama a atenção é a atuação parlamentar para a tentativa de organizar e controlar as mensagens transmitidas por meio dos veículos digitais. O vídeo foi intitulado “Jean Wyllys persegue Movimento Brasil Livre”, conta com 1 minuto e 23 segundos de duração, e já foi acessado mais de 50 mil vezes, vindo ao ar no dia 1º de setembro de 2015. Segue abaixo o discurso do vídeo transcrito:

Olha, sinceramente não queria falar o nome desse Deputado nunca mais, mas existe um tipo de perseguição política por parte dele, e um abuso de poder. O deputado Jean wyllys recentemente abriu um requerimento na CPI de crimes cibernéticos para que representantes do MBL prestassem depoimento. Como assim prestar depoimento? Deputado Jean wyllys, quem tem que prestar depoimento é criminoso, são pessoas, por exemplo, do partido dos trabalhadores, grandes empreiteiras, grandes empresários que fizeram acordo com o partido dos trabalhadores. Você quer falar de crime de ódio na internet, mas você não cita todas as informações, todas as calúnias feitas por blogs pagos pelo partido dos trabalhadores pagos com dinheiro do petróleo comprovadamente que fazem calúnia contra o movimento Brasil livre, contra mim, contra todos que protestam contra esse governo, então antes de querer inventar CPIS, antes de inventar requerimentos e desviar completamente o foco utilizar dinheiro público para fins pessoais, por favor Olhe para o seu próprio umbigo. Olhe para o partido que você defende. Você não defende impeachment de Dilma Rousseff porque você compartilha dos ideais criminosos dela. Não venha querer utilizar a máquina pública para perseguir cidadãos pacíficos, cidadãos que querem o Império da lei. Eu só estou exigindo que a constituição seja cumprida. Não abusa do seu poder Jean Williams você não pode fazer isso Nós não somos criminosos, aqueles que você defende são.<sup>154</sup>

---

<sup>153</sup> KIERECZ, Marlon Silvestre. A crise da democracia representativa no Brasil. **Cadernos do programa de pós-graduação em Direito PPGDir./ UFRGS**, vol. XI, n. 2, pp- 360-385, 2016, p. 367.

<sup>154</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **Jean Wyllys persegue Movimento Brasil Livre**. YouTube. 1º de set. de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1vu-gJhdmMQ>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

O vídeo em questão não é tão produzido e editado, ele traz a figura de um membro do MBL defendendo-se da acusação e da chamada para depor na CPI dos Crimes Cibernéticos. O discurso traça um polo de oposição; a estratégia do MBL se baseia em uma contraofensiva. O discurso recorre à criação de polos antagônicos, de um lado os cidadãos que querem o império das leis, do outro os criminosos pró-governo. Os embates entre membros políticos, dados inclusive por meios jurídicos, não é novidade no jogo político. O que se altera, com o advento da internet, é a potencialidade de tornar esse embate público. Segundo Pocock, a linguagem, quando difundida por meio das falas ou dos textos, passa a ser operada por diferentes atores, que a interpretam de diferentes maneiras conforme os repertórios que lhes são disponíveis<sup>155</sup>. Utilizando dessa perspectiva, ao tornar público o debate, o MBL reforça algumas das acusações contra o Partido dos Trabalhadores, entretanto, sem apresentar nenhuma prova ou evidência concreta que sustente as alegações.

Outro ponto de contexto que o discurso apresenta é essa movimentação sobre a definição das diretrizes jurídicas que orientam a prática digital. Algo que ainda é muito presente e está em formação na atual conjuntura. A questão é que o ambiente virtual é tão amplo e as mensagens circulam de forma tão rápida que é difícil controlar e responsabilizar os indivíduos que a utilizam. A CPI citada no vídeo foi responsável por formar um documento que

trazia consigo diversas propostas de Projetos de Lei, e em maio de 2016 esse relatório teve aprovação integral por parte da Comissão Parlamentar. Um dos PLs envolvidos no relatório, diz respeito a pirataria, e sobre a autonomia de um juiz determinar o bloqueio de um aplicativo de celular, sites, ou até mesmo uma rede social, caso seja considerado que estes estariam sendo utilizados para a prática de crimes virtuais, e se tornou entre os demais o PL mais debatido entre os presentes.<sup>156</sup>

O terceiro vídeo analisado foi nomeado de “Veja o programa do PT na TV!”, publicado em 29 de setembro de 2015. Foi visto por volta de 54 mil vezes e tem 1 minuto e 26 segundos de duração. Segue abaixo o discurso transcrito:

Um país que em apenas 12 anos saiu do mapa da fome da ONU. Colocou mais de 40 milhões de brasileiros na classe média, Marilena Chaui – é porque eu odeio a classe média, a classe média é o atraso de vida. Bateu recorde na geração de empregos, e fez programas como a minha casa minha vida, o PROUNI e o FIES. É capaz de vencer qualquer crise. Um país que fez tanto

---

<sup>155</sup> SILVA, André Luiz da. A história do pensamento político como história do discurso político: considerações acerca do Whiggism no contextualismo linguístico de John Pocock. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 2, pp. 585-609, 2013, p. 592.

<sup>156</sup> NOVAIS, Lucas Cardozo. **Crimes cibernéticos e sua evolução**. 2020. 42 fls. TCC (Graduação em Direito). Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus/ES, p. 36.

em tão pouco tempo, tem que acreditar na força do povo, foi por isso que lutei e vou continuar lutando hoje e sempre.<sup>157</sup>

Entre os três vídeos de 2015 analisados, esse é o que mais inova na sua forma de transmissão de mensagens. Nele, Lula aparece discursando sobre questões benéficas de seu governo, entretanto a cada afirmação do então presidente, o discurso é pausado e aparece uma reportagem que contradiz a afirmação pronunciada. Como evidenciado na imagem abaixo:

**Figura 4.** Veja o programa do PT na TV!



Fonte: MBL, *YouTube*<sup>158</sup>

A forma como o MBL articula sua mensagem é inerente ao mundo digital. Percebe-se, nesse vídeo, que em nenhum momento aparece um membro do MBL para contrapor as afirmações; é feita uma edição do computador para produzir novos sentidos. No caso, a ideia é deslegitimar as afirmações governamentais que Lula faz em seu discurso. O mundo digital permite essas edições, esses cortes e manipulações da imagem. Para além de uma ferramenta

<sup>157</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **Veja o programa do PT na TV!**. 29 de set. de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JAhZQgQThRY>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>158</sup> *Ibidem*.

eleitoral que se insere nas disputas políticas, o mundo digital permite essa fragmentação, manipulação e edição do discurso, produzindo novos sentidos.

Outro ponto que chama a atenção no vídeo mencionado é um rápido corte em que aparece Marilena Chaui – eminente filósofa brasileira e também uma das pensadoras ligadas ao Partido dos Trabalhadores - fazendo críticas à classe média. O recorte com suas falas dura em torno de oito segundos, ou seja, é uma fala retirada de seu contexto, simplificada e fragmentada. Muitos dos visualizadores do vídeo não vão procurar a fala na íntegra; portanto, ao colocar um pequeno recorte de um trecho maior, o MBL tenta manipular a seu favor discursos já proferidos. Pockock já havia avisado que, após um discurso ser transmitido, ele está livre, e pode sofrer inúmeras interpretações, o que se altera com a internet são as formas e as manipulações que esses discursos podem assumir.

Para além do debate da veracidade da narrativa formulada por Lula e do contraponto do MBL, a grande questão do vídeo é a forma que a mensagem é transmitida. No caso, ela se vale da manipulação digital para reforçar a imagem de descredibilidade de Lula.

O que o MBL faz é espetacularizar o jogo eleitoral, colocando-se dentro de um conflito. Esses conflitos, disputas por espaços e projetos que permeiam a política, traduzem interesses contraditórios em disputa. Portanto, faz parte de uma luta pelo poder real. Porém, a parte espetacular tem a liberdade de brincar com as imagens e os discursos. Gut Deyobrod, um dos célebres autores que discutiram os efeitos da indústria cultural e da sociedade que se relaciona, também, por meio de símbolos e signos, aborda os conflitos de poder que são traduzidas no campo do espetáculo.

As falsas lutas espetaculares das formas rivais do poder separado são, ao mesmo tempo, reais no que diz respeito ao desenvolvimento desigual e conflitual do sistema, aos interesses relativamente contraditórios das classes que reconhecem o sistema, e definem sua própria participação no seu poder. O desenvolvimento da economia mais avançada constitui o afrontamento de certas prioridades com outras.<sup>159</sup>

Os três vídeos do MBL mais assistidos e postados no ano de 2015 mostram algumas das formas como o Movimento articula suas redes sociais. O primeiro vídeo é uma recorrente chamada às manifestações, algo que desaguaria em uma força política que reforçou o processo institucional que depôs a então presidenta Dilma Roussef. O segundo vídeo é uma resposta a um deputado que abriu um inquérito de CPI sobre crimes praticados no mundo virtual. E por fim, sobre o terceiro vídeo recai uma edição digital para criar significados e reforçar a imagem

---

<sup>159</sup> DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 56.

negativa de um agente político ao qual o MBL se coloca como antagonista. O que as novas tecnologias permitem são formações de novos tipos de cultura; uma cultura digital formada por símbolos, códigos, comportamentos, linguagens próprias.

O livro “YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a sociedade e a mídia”, escrito por Jean Burgess e Joshua Green, pode ser encarado como uma obra que valoriza os mecanismos digitais enquanto potencializadores da ação democrática, ou seja, trata-se de um texto produzido por entusiastas das mídias, que talvez não se aprofundem nas novas formas de exploração, alienação e manipulação que se consolidam juntamente com os aparatos digitais. Feita essa ressalva, a obra é importante sobretudo em suas reflexões acerca da rede social do *YouTube*, considerada a maior plataforma de audiovisual do tempo presente.

Uma de suas reflexões discute que a produção de conteúdo por meio do *YouTube* acaba por transformar os influenciadores em mídias, ou seja, parte da vida cotidiana acaba tornando-se pública e os indivíduos – ou grupos digitais – acabam por promover a organização, interpretação e divulgação de mensagens, tornando-se mídias. Sendo assim, cada pessoa que produz vídeos acaba por transmitir suas próprias noções, considerações e perspectivas dos acontecimentos, interpretando a realidade a partir de sua ótica e interesses; no caso do MBL, a partir de sua própria agenda política predefinida.

O fascínio da imagem atinge seu ápice quando nós somos a própria mensagem. Talvez por isso o YouTube seja um irresistível local dessa enorme ágora virtual que, independentemente dos seus problemas e formatos, permite a cada um ser a própria mídia, celebridades do nosso cotidiano.<sup>160</sup>

Assim como outros agentes políticos, os discursos são produzidos a partir de um cálculo político, que pode se traduzir nos ganhos políticos, eleitorais e nos conflitos e perdas que a mensagem pode gerar. Ao posicionar-se contra o Partido dos Trabalhadores em um momento em que a popularidade deles estava sendo atacada, o MBL insere e reforça toda uma conjuntura antigoverno, que estava presente nas grandes mídias e em parte do imaginário social.

Ao transferirmos essa reflexão ao MBL e sua produção no *YouTube*, podemos considerar que, ao fornecer uma interpretação da realidade dentro de uma agenda política predefinida, o MBL acaba por produzir uma comunidade imaginada. O conceito de comunidade imaginada se tornou famoso com os escritos de Benedict Anderson, que avalia as construções simbólicas que

---

<sup>160</sup> BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009, p. 9.

dão concretude à nação, se debruçando sobre os esforços para forjar as noções nacionalistas, seja por meio de símbolos, ritos, canções, lendas e o próprio discurso, entre outros mecanismos de associação nacional.

A ideia central reside no fato de que as nações são construções conceituais abstratas e para conquistar a adesão popular. tornam-se necessário esses símbolos, que dão concretude à noção de um pertencimento nacional. Ou seja, os membros de uma nação fazem parte de uma comunidade imaginada pois, “mesmo que os membros da mais minúscula nação jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”<sup>161</sup>.

O conceito de comunidade imaginada pode ser transferido para o fenômeno digital, pois as redes sociais acabam por formar grupos que não se limitam ao aporte geográfico e, muitas vezes, não se conhecem, não se comunicam presencialmente. Mesmo assim, elas compartilham certos valores, noções e, no caso do MBL, ao aderirem ao Movimento, compartilham essa adesão, formando uma comunidade imaginada que não corresponde a um espaço físico, e sim relaciona-se pelo meandro digital.

Eduardo Yamamoto e Julia Moura relacionam o conceito de comunidade imaginada com as articulações discursivas do MBL. Em uma comunidade imaginada, os membros valem-se de um sentimento de camaradagem e pertencimento. O elo entre esses membros consiste no próprio enunciado discursivo que o MBL profere. O papel do MBL é, portanto, o de homogeneizar uma comunidade fragmentada, organizando uma identidade própria dentro do corpo social, definindo

não apenas a posição social dos indivíduos, mas, principalmente, as condições e os lugares de fala de cada um – a separação entre os amigos e os inimigos, os que sabem e os que não sabem, os que podem falar e os que devem se calar –, em outras palavras, determinando o roteiro e o escopo do sujeito brasileiro.<sup>162</sup>

Em 2016 o MBL consegue angariar mais visualizações em seus vídeos, além de aumentarem substancialmente o número de vídeos postados. Os primeiros anos do Movimento contam com uma rápida ascensão e, talvez até então, seu auge dentro do jogo político.

---

<sup>161</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

<sup>162</sup> YAMAMOTO, E. Y.; DE MOURA, J. F. O Brasil a partir do Movimento Brasil Livre: imagens de uma comunidade imaginada. **Comunicologia**, Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v. 11, n. 1, pp. 153-169, 2018, p. 157.

O primeiro vídeo analisado, nomeado “Ary Fontoura - GOLPE QUEM DEU FOI A SENHORA”, atingiu a marca de 119.923 mil visualizações. Foi postado no dia 10 de abril de 2016 e conta com três minutos de duração. Segue abaixo a transcrição do vídeo no qual o ator Ary Fontana promove seu discurso no programa do Faustão:

Que rumo isto daqui deve tomar. Eu acho maravilhoso. Porque esse foi um povo iluminado, país do carnaval, não é? O país do futebol, e de repente a gente vê o povo falando, povo falando, aproveitando a democracia que é uma coisa maravilhosa que temos. Onde nós temos liberdade para dizer aquilo que queremos e evidentemente teve sanções, porque a democracia é assim. Não é verdade?

Então, esse povo brasileiro se interessando, são 200 milhões acreditando que não mais para ter esse tipo de coisa que está acontecendo aqui, que a palavra corrupção deve ser banida. Eu faço questão absoluta, eu sou muito franco, quando mexe comigo. Eu não entendo de política, mas eu entendo que sou um cidadão, entendo que tenho que ter a minha palavra, que tenho que ter, eu tenho os amigos (parte inaudível), cidadãos brasileiros querem também, agente que uma vida melhor. Hoje em dia e essa semana que entra agora é crucial para todos nós, está em andamento o impeachment e inevitavelmente o julgamento aconteceu. Fala-se muito que o impeachment é um golpe, sobretudo a presidente do Brasil, gostaria de mandar um recado para ela: a senhora está empregando a palavra errada, golpe quem deu foi a senhora. (Aplausos da plateia)

E foi o seguinte, a senhora deu um golpe e golpe macho quando prometeu infiridades e coisas e não cumpriu, foi isso que aconteceu. Então vamos aguardar o que aconteceu nesse julgamento. Até porque não sei, esse país com mais de duzentos milhões de habitantes, é um país com tanta possibilidade que não pode ficar na mão de achar um messias, um salvador da pátria, salvador da pátria não do certo nem em time de futebol. Tem que haver isso, a mobilização da sociedade, cobrando, fiscalizando e exigindo, e aprendendo a votar melhor. Porque não tem melhor que a democracia.

Você lembrou bem isso. Sem dúvida somos um país que pertence a 200 milhões, não há um grupo, não é? Então nós temos a obrigação de pensar sempre, sempre no Brasil.

Ordem e progresso de repente é uma frase que não deve sair da cabeça da gente, entendeu? É fiscalizar, quem eu quero na presidência da república e para quem?

Se quiser simplificar, é melhor simplificar. Um presidente da república, o que ele ganha, é você que paga. Um deputado, um senador, vereador, seja quem for, que representa a gente, seja no senado na câmara, seja onde for, está ganhando do dinheiro que você.... Do seu trabalho. Eles são nossos empregados, tem a obrigação sim de realizar sua obrigação sim com correção, e não transformar aquilo somente.<sup>163</sup>

O primeiro vídeo analisado recorre a um ator relativamente conhecido pelo público que assiste os jornais e um programa televisivo de grande audiência. Portanto, o fenômeno das redes sociais possibilita que o conteúdo formulado por outros indivíduos acabe ressoando em sua rede

<sup>163</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. Ary Fontoura “GOLPE QUEM DEU FOI A SENHORA”. 10 de abr. de 2016. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=akZ-hl\\_1tks&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=akZ-hl_1tks&t=3s)>. Acesso em: 8 nov. 2023.

social. Em seu discurso, o ator recorre a velhos sinônimos da cultura brasileira, como o carnaval e o futebol, faz uma crítica a corrupção, tece seus comentários favoráveis ao *impeachment*. Entretanto, os pontos discursivos que mais chamam a atenção são o apelo à responsabilidade cidadã e o dever dos representantes públicos eleitos. O vídeo demonstra os pontos que o MBL tenta sensibilizar: apelando para o sentimento patriótico para promover a adesão na militância política, além de generalizar a classe política como ineficiente.

As mensagens transmitidas pelo meio digital, de certa forma, rivalizam com as mídias tradicionais. Entretanto, para além de uma disputa por espaço e espectadores, essas mídias convergem e se retroalimentam. O campo televisivo, assim como outros segmentos do tempo presente, teve que se adaptar e dialogar com as novas tecnologias. Algo que se acelerou com a pandemia, mas já era possível notar essa interação alguns anos antes, como nesse vídeo em que fragmentos do mundo televisivo foram realocados para o campo digital.

Em uma comparação do mundo televisivo com o mundo digital, Henry Jenkins nota que os meios televisivos estabelecem uma relação passiva, na qual a mensagem é transmitida de forma vertical, ou seja, há um transmissor e uma série de receptores, os receptores apenas absorvem a mensagem. Já o campo digital oferece uma relação ativa, na qual os membros são convidados a interagirem com as mensagens com as quais têm contato, ou seja, as mensagens circulam de forma horizontal, rompendo com a “passividade” das mídias tradicionais e inaugurando novas formas de participação e elaboração do conteúdo, o autor chama essa nova forma de interação de cultura participativa<sup>164</sup>.

Ainda que o vídeo recorra a uma junção entre elementos televisivos transmitidos ao campo digital, essa relação entre mídias tradicionais e mídias digitais também tem tensões.

Os autores Ruth Reis, Daniela Zanetti e Luciano Frizzera notaram que, nos meios acadêmicos, circulam discursos de confronto entre essas mídias. Entre os vídeos políticos que mais viralizaram, constavam os que buscavam construir uma narrativa na qual a grande mídia se colocaria a favor das pautas de esquerda, de modo que “o discurso de confronto com a mídia tradicional é evidente”<sup>165</sup>.

---

<sup>164</sup> JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008, p. 28.

<sup>165</sup> REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela; FIZZERA, Luciano. Algoritmos e desinformação: O papel do *Youtube* no cenário político brasileiro. Pesquisa. **VIII ENCONTRO DA COMPOLÍTICA**, Brasília: UnB, 15 a 17 2019, p. 16. Disponível em: <[http://compolitica.org/novo/wp-content/uploads/2019/05/gt4\\_Reis\\_Zanetti\\_Frizzera.pdf](http://compolitica.org/novo/wp-content/uploads/2019/05/gt4_Reis_Zanetti_Frizzera.pdf)>. Acesso em: 8 nov. 2023.

O segundo vídeo analisado foi postado em 8 de abril de 2016, já obteve 251.026 visualizações, conta com seis minutos e quarenta e oito segundos de duração, e foi nomeado como: "PT deu um golpe no povo brasileiro, diz Eduardo Jorge". No vídeo, Kim Katagiri entrevista Eduardo Jorge, um político e sanitarista brasileiro. Segue a transcrição de parte da entrevista:

Eu sou oposição a esse grupo que está em Brasília desde 2003. Quando eu, depois de dar um terço da minha vida a criação do PT, fui da direção, fui deputado, 20 anos. Em 2003 eu me afastei porque eu já tinha perdido a confiança no patriotismo da direção desse partido. A direção coloca os interesses do partido acima dos da nação. Eu já vinha me chocando com isso a muito tempo, durante 2003 tantos anos que fiquei lá. Você não vai educar ninguém politicamente dessa forma (com a polarização) e eu vi que no governo isso ia seguir.

Tinha interesses pessoais acima do da nação, isso é o mais grave. Criei o partido verde, uma oposição construtiva, o país tem que divergir democraticamente.

Esse governo fez uma fraude eleitoral, o povo tem responsabilidade na hora de votar, foi um golpe dado no povo brasileiro.<sup>166</sup>

**Figura 5.** PT deu um golpe no povo brasileiro", diz Eduardo Jorge.



Fonte: MBL, YouTube<sup>167</sup>

A ideia deste vídeo consiste em deslegitimar o PT com as declarações de um de seus ex-membros. Percebe-se que o discurso proferido no vídeo anterior e nesse vídeo são semelhantes, ambos apelam para críticas abstratas, como os “de colocar o interesse do partido acima dos da

<sup>166</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *PT deu um golpe no povo brasileiro", diz Eduardo Jorge*. YouTube. 08 de abr. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ci3NTG36ZWw>. Acesso em 08 de novembro de 2023.

<sup>167</sup> *Ibidem*.

nação”. Sobre o impacto que o *YouTube* surte na esfera digital, Luciano Frizzera nota que o campo conservador foi responsável por reprocessar e interpretar os conteúdos das grandes mídias. Assim, nomes, personagens e formas de linguagem que já eram conhecidos pelo telespectador televisivo foram realocados para as redes digitais, diminuindo o estranhamento ou fortalecendo uma familiaridade que promove maior adesão. Mais do que isso, essa interação articula diferentes tipos de capitais e, com isso, dá origem a novas formas de capitais simbólicos.

Contudo, deve-se atentar para aos modos de aquisição e manutenção de diferentes tipos de capital – cultural, social, econômico – nesse novo contexto de produção e consumo de informação, o que gera distintas formas de capital simbólico para os atores sociais envolvidos.<sup>168</sup>

O MBL, por meio do *YouTube*, articula diferentes atores sociais para legitimar suas posições; no caso, os dois vídeos de 2016 analisados até aqui tecem críticas ao governo. O primeiro recorre a um ator, o segundo recorre a um agente político que outrora foi intimamente ligado ao partido alvo das críticas. Portanto, a ideia é evocar diferentes figuras para reforçar sua posição. Ao assistir a esses vídeos, podemos notar uma interessante mescla de elementos de entretenimento com informação. Enquanto o público é exposto a perspectivas críticas em relação ao partido em questão, também é envolvido por uma abordagem que busca entretê-lo. Essa abordagem visa tornar a informação mais acessível e cativante.

O exemplo visual que ilustra essa abordagem é a conversa entre Kim Katagiri e Eduardo Jorge, que ocorre ao ar livre, diferenciando-se nitidamente do formalismo característico dos principais telejornais. Essa escolha de cenário tem como objetivo estabelecer uma conexão mais próxima com o público e criar um senso de identificação. A conversa adota um tom informal, promovendo assim um ambiente mais acessível e acolhedor para a audiência.

O conflito que o MBL trava, por meios das redes sociais, com o governo vigente em 2016 é uma disputa por espaço e projeto político. Vania Baldi indica que, perante uma crise nas democracias liberais e das instituições, os discursos em dissenso, que buscam romper com a ordem política vigente, podem se tornar o consenso em muitos parlamentos<sup>169</sup>. Uma estratégia

<sup>168</sup> REIS, Ruth. ZENETTI, Daniela, FIZZERA, Luciano. A conveniência dos algoritmos: o papel do YouTube nas eleições brasileiras. **Revista compolítica**, Rio de Janeiro, vol. 10, 2020, p. 8.

<sup>169</sup> BALDI, Vania. Populismo digital: polarização e viralização do discurso político em rede. In: LANGA-NUÑO, Concha; BALLESTEROS-AGUAYO, Lucia (eds.). *Movimientos populistas en Europa: la actualización del discurso totalitário em los medios de comunicación actuales y su repercusión em la opinión pública*. Egregius editiones, Espanha, 2018, p. 139.

que o MBL parece adotar é a de formar e transmitir um discurso antipetista e, com isso, se vender como a solução e o detentor de um projeto político benéfico para a população.

A dicotomia e o maniqueísmo são as armas mobilizadas pelo Movimento, ao se valer de uma perspectiva há muito presente no imaginário social, esse dualismo que acaba por simplificar questões complexas. Somos acostumados a dividir e organizar o mundo em uma dualidade onipresente; certo e errado, bem e mal, bonito e feio, vilão e mocinho. Essa dualidade, já familiar à cultura ocidental, é amplamente explorada pelo Movimento. Essa posição, reducionista e binária, é sondada pelo MBL na construção de sua linha argumentativa. Portanto, os dois vídeos de 2016 até aqui analisados partem de uma propaganda contestatória, uma retórica antissistema e antipartidária.

Como sabemos, o ano de 2016 contabiliza o golpe jurídico sofrido por Dilma Rousseff, algo que o MBL ajudou a consolidar, principalmente perante a opinião pública. Alberto Melucci demonstra que, ao demandar esforços e projetos, os movimentos políticos e sociais acabam por influir de forma decisória nos acontecimentos.

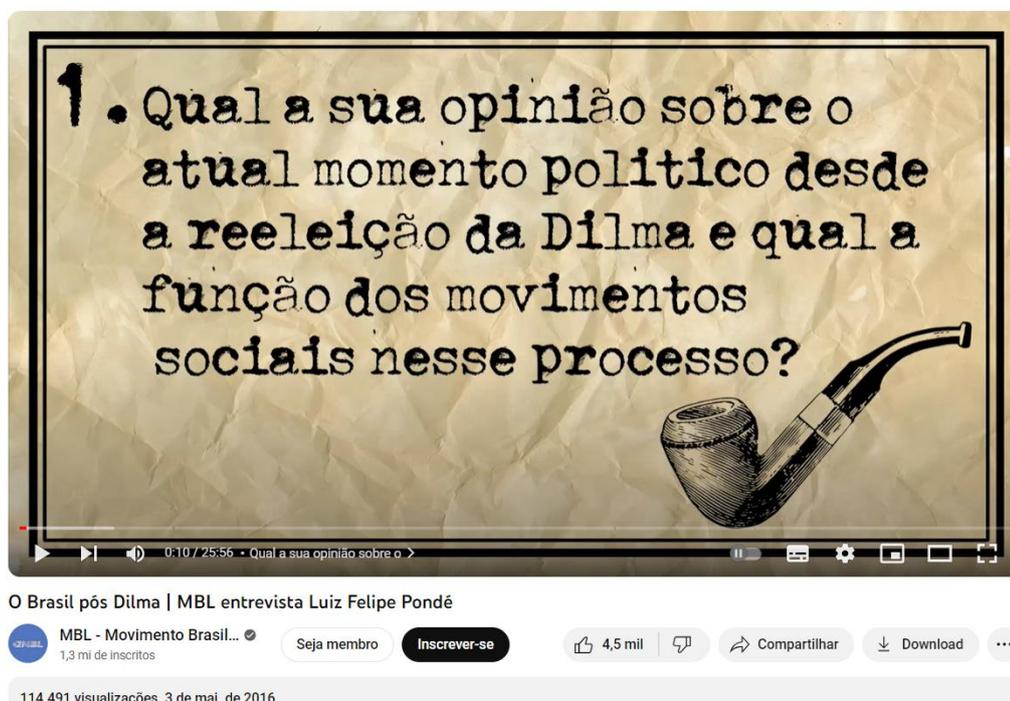
Os movimentos são um sinal; eles são não apenas um resultado da crise, os últimos estertores de uma sociedade passageira. Eles sinalizam uma profunda transformação na lógica e nos processos que orientam sociedades complexas. Tal como os profetas, os movimentos “falam antes”: anunciam o que é tomando forma antes mesmo de sua direção e conteúdo se tornarem claros. A inércia das antigas categorias pode impedir-nos de ouvir a mensagem e de decidir, de forma consciente e responsável, quais ações tomar à luz.<sup>170</sup>

O terceiro vídeo analisado foi postado no dia 3 de maio de 2016. Foi assistido 114.491 vezes, é uma entrevista do filósofo e comentarista político Luiz Felipe Pondé. As perguntas são apenas escritas, enquanto Pondé as responde oralmente, caracterizando um monólogo. O vídeo conta com 25 minutos e 56 segundos de duração, um tempo relativamente longo que impossibilita a transcrição completa, desse modo selecionamos parte das respostas dadas a cinco perguntas formuladas pelo MBL, segue abaixo as respostas de Pondé transcritas:

---

<sup>170</sup> MELUCCI, Alberto. **Challenging codes**: collective action in the information. Inglaterra: Cambridge University Press age, 1996, p. 1.

**Figura 6.** O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 1



Fonte: MBL, *YouTube*<sup>171</sup>

Pondé: Eu acho que a novidade que esses processos têm tido, principalmente quando você fala de rua de movimento, é o surgimento de grupos mais identificados com a pauta liberal, ou seja, distantes da ideia gigantesco, de Estado tutelar, de uma compreensão vitimadora das pessoas. Grupos inclusive com jovens que se aproximam de uma percepção de mais responsabilidade do sujeito pela própria vida. Um olhar mais concreto com relação à economia, mais próximo da economia de mercado, isso é absolutamente novo no processo Brasil. Se pegarmos o código da ditadura para cá, um dos problemas da ditadura, foi que o resultado dela foi a vitória do projeto de esquerda, o que parece uma brincadeira porque a ditadura, dentro do contexto da guerra fria, era ela aliada dos EUA do combate a influência do crescimento da URSS na América Latina. [...]

[...] A partir da reeleição da Dilma, o Brasil, inclusive os jovens que nasceram em um país um pouco mais organizaram, porque os jovens nasceram ou começaram a crescer em um país reconstruído economicamente pelo plano real do Fernando Henrique, então acostumados com uma situação um pouco melhor das que existiam nos anos 90. E a Dilma acabou encarnando a destruição disso daí, ela acabou encarnando, também no caso da campanha, também uma campanha altamente mentirosa, escondendo todas as fraturas da administração econômica do país, escondendo o fato de que o grande trabalho social que o Lula fez foi uma mentira, essa coisa de inclusão social foi na

<sup>171</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé**. 3 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1EaAJeN61M8>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

verdade uma mesadinha para os pobres para garantir que eles iam votar no PT para sempre. [...]

Figura 7. O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 2



Fonte: MBL, *YouTube*<sup>172</sup>

Luiz Felipe Pondé: [...] A classe artística brasileira, ela depende muito de editais, de todos os tipos. Ela depende muito de uma certa rede de financiamento, no mínimo financiamento afetivo, você fazer parte de grupos, ser convidado para jantar, um assistir à peça do outro, ser convidado para participar de filmes, seja lá o que for. Eu acho que a classe artística, ela tem, na sua maior parte, trabalhado a favor do PT, claro, trabalhado a favor. E não só no Brasil, ela tem trabalhado na compreensão socialista de mundo, de um Estado gigantesco, inclusive porque ela depende disso. Ela depende de financiamento de Estado, de uma sintonia com a pauta ideologia, que ela consiga vencer editais, para que ela seja provada na sua necessidade de financiamento.

[...] Quando teve eleição do Color, independente do Color ser pichado, mas ele abriu os mercados de carro no Brasil, ele fez algumas coisas importantes. [...] Color sofreu muito. [...] o papel dos artistas tem sido massivamente apoiar a esquerda, mesmo que corrupta, e do ponto de vista teórico a corrupção não é nenhum problema pra esquerda, se você pegar textos do Marx, ou do Bakunin ou Nietzsche a esquerda socialista, comunista ou anarquista, sempre foi muito claro que a preocupação com a corrupção é de humanismo burguês, coxinha como se diz hoje em dia.

<sup>172</sup> Ibid.

**Figura 8.** O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 3



Fonte: MBL, YouTube<sup>173</sup>

Luiz Felipe Pondé: Com relação ao financiamento de ideias liberais no país, isso é praticamente inexistente. Se você pegar grandes institutos culturais, inclusive financiados por bancos, e revistas que eles criam e exposições culturais, seja lá o que for. Esses institutos culturais eles trabalham basicamente por uma concepção socialista de mundo. Então, os empresários do Brasil, às vezes eu tenho a impressão, que quando eles se distanciam de uma visão estatista, de uma visão de clientelismo com o Estado, e se aproximam de uma concepção mais liberal, eles querem que isso aconteça por um passe de mágica, eles querem que caia no céu um mundo como esse, eles não querem pôr dinheiro nas coisas. [...]

[...] E eu que conheço muita gente do mundo empresarial, já tive a chance de debater isso muito com eles em várias situações, ainda é uma coisa que engatinha. Grandes institutos, grandes empresários que tenham muito dinheiro, ainda estão, por exemplo, hipnotizados com a ideia que o problema do mundo é desigualdade social, quando o problema do mundo é pobreza e não desigualdade social, o mundo sempre vai ser desigual, porque ele só é igual se todos forem miseráveis e ninguém for diferente um dos outros. Algumas pessoas trabalham mais, algumas acordam mais cedo, outras ficam mais doentes, outras têm mais sorte na família que nascem, têm todo tipo de situação. [...]

Porque eu acredito que o problema do mundo é a pobreza e a pobreza só é vencida com atividade econômica, e a atividade econômica depende da desigualdade, no sentido de que a diferenciação das pessoas nasce da atividade que elas realizam. E quanto você quer instituir a igualdade social, na verdade você quer instituir a pobreza como métrica social. [...]

Você falar isso faz com que você ache que você é legal, que você é do bem, que você representa o amor. Uma espécie de cristianismo secularizado. Então eu penso que sim, falta no Brasil um financiamento mais organizado, principalmente de jovens que queiram se dedicar a pensar o país e realizar um

<sup>173</sup> Ibid.

país, viabilizar um país que seja mais distante dessa hegemonia estatista que a gente vive.

**Figura 9.** O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 4



Fonte: MBL, YouTube<sup>174</sup>

Luiz Felipe Pondé: Olha, eu acredito assim que a política é a arte do possível, não o ideal. É claro que pensando no regime ideal, seria muito bom se a gente tivesse tempo e tivesse procedimento burocrático possível institucional, para que a gente chegasse em uma nova eleição. E que o novo mandatário tivesse investido na forma mais imediata de soberania popular que é o voto. Mas dado que você que a gente não acredita em uma agenda burocrática institucional possível, para isso se realizar, então eu acredito que uma posição em que tenta colocar Dilma e Temer no mesmo pacote, no final das contas, mesmo que não seja a intenção, trabalha a favor do PT, certo? Conheço pessoas que não essa intenção, mas quando elas falam isso elas estão à revelia da idealização de mundo que elas, tem e do processo político, elas trabalham a favor da permanência do PT no poder, então a parte desse crivo idealista, eu acredito que em um governo em que o PT se afastasse, que ele deixe de dar as cartas na organização e na gestão econômica e social de um país, no caso de um governo a mão do Michel Temer, como sendo o cara que assuma a partir de um impeachment da Dilma eu acho que esse governo tem algum oxigênio, e ele tem alguma legitimidade a mais, não absoluta, não é uma credibilidade total, mas ele tem a chance de construir uma legitimidade, na medida em que ele escolher figuras mais identificadas com a de credibilidade econômica, mais no mínimo inteligentes pra perceber que a economia, ela é o que ela é. Todo mundo entende economia quando fala do seu dinheiro, mas quando fala do dinheiro dos outros ninguém entende, ninguém não, mas esse moçadinha do PT não entende economia, como funciona a economia. Então eu acho que

<sup>174</sup> Ibid.

um Brasil pós Dilma, um Brasil que no limite do possível parece ser um Brasil que tenha Michel Temer como presidente, pode ser um país que chegue perto de uma agenda liberal de uma forma um pouco mais clara, um pouco mais passiva de ser acredita, ainda que, como todo processo político, isso signifique uma certa aritmética de figuras que não são tão ideais, eu não gostaria de telas do domínio do país ou próximo ao primeiro mandatário, mas ainda sim me parece que é aquela regra: dos males o menor. Na situação que o Brasil está vivendo hoje a gente precisa dos males o menor, porque diminuindo esse clã, o problema não é só a corrupção, o problema é a incapacidade de compreender a necessidade de se ter antes de tudo equilíbrio fiscal, uma economia produtiva, afastamento um plano como esse, eu acho que o futuro fica a médio prazo um pouco melhor.

**Figura 10.** O Brasil pós Dilma/ MBL entrevista Luiz Felipe Pondé. Pergunta 5



Fonte: MBL, YouTube<sup>175</sup>

Luiz Felipe Pondé: Desde o começo desses movimentos mais identificados com uma pauta liberal e de pessoas mais jovens, capitaneando esse processo, imediatamente é uma função essencial. De fazer frente ao que o Lula falou recentemente que só o PT sabe fazer política, o que é verdade nos últimos tempos, mas está deixando de ser verdade agora. Mas o PT é o grande partido do pós-ditadura, capitalização no mundo intelectual, artístico, cultural, produtivo, militância profissional e organizada com dedicação 24 horas por dia, certo?

Esses movimentos sociais mais recentes, como o MBL e outros são movimentos que apontam para um país. Eu tenho dito várias vezes, em várias entrevistas e colunas, ou nas bandeirantes, quer dizer, eu tenho dito várias vezes que acho que a novidade do debate político hoje é a presença desses movimentos sociais mais liberais. Identificados com o mercado, com a liberdade do sujeito, com a responsabilidade, autorresponsabilidade. E com

<sup>175</sup> Ibid.

uma cara de pessoas que não tem aquela inhaca da ditadura. Porque as pessoas mais velhas, elas têm que, o tempo todo jurando e provando que não é a favor de tortura, dá até sono esse negócio. [...] Você tem que fica o tempo todo provando que você não é mal, esse é um capital simbólico que a esquerda tem, que foi muito bem construído em sala de aula, inclusive na imprensa, porque a famosa guerrilha que combatia a ditadura, não combatia a ditadura em nome da liberdade, isso é uma mentira que é dita em tudo quando é programa de Tv, documentário sobre isso. Que é ensinada em sala de aula, a guerrilha combatia a ditadura que era o regime de ruptura institucional, que era um regime que caçava a liberdade, sem dúvida. Mas ela combatia em nome de um outro regime de ruptura, de um outro sistema de cação de liberdade, que se identificava com a união soviética.

Por meio desse vídeo, podemos notar que o MBL investe em várias formas de comunicação e, com essa estratégia, consegue atingir diferentes públicos, aumentando seu capital social em rede. Se os primeiros vídeos analisados se debruçavam sob uma narrativa humorística, mesclando aspectos do entretenimento por meio de uma linguagem memética e menos formal, esse último posiciona um escritor, filósofo e professor universitário para desenvolver sua narrativa. Ou seja, há vídeos em diferentes linguagens para atingir um número ainda maior de usuários. Caso o usuário seja mobilizado por meio de um vídeo mais descontraído, editado com a linguagem digital e com menos profundidade em sua base teórica, há essa tipologia presente no acervo audiovisual do MBL. Entretanto, caso o usuário seja mobilizado por um debate mais sério e conceitual, o MBL oferece também esse tipo de abordagem.

Percebe-se que, assim como o vídeo anterior, os protagonistas do vídeo e os responsáveis por transmitir a mensagem, nem fazer parte do Movimento. Por isso o MBL pode ser pensado como uma mídia alternativa, para além de um movimento político. O MBL é responsável por organizar, dar sentido – interpretar – e transmitir as mensagens, colocando-se como um veículo informativo. Em 2016, o movimento já contava com uma relativa adesão popular em rede, portanto outros indivíduos adquiriram um lugar de fala em meio aos canais do Movimento.

O vídeo em questão é dividido em cinco perguntas. A primeira delas é: Qual a sua opinião sobre o atual momento político desde a reeleição da Dilma e qual a função dos movimentos sociais nesse processo?. Põe parte de uma linha argumentativa que diz que a Ditadura Militar acabou por danificar o projeto da direita, e que o principal beneficiado disso foram os movimentos de esquerda. Por isso, o escritor acha fundamental novos movimentos de direita, de base liberal, que se descolem desse passado autoritário. Além disso, o escritor utiliza o espaço para fazer críticas ao Estado gigante e paternalista. A principal ideia, provocada por

meio da pergunta, é a de que o País vivia em um danoso estado econômico e a revitalização da direita seria fundamental para renovação do quadro político e para a efetivação de um novo projeto de País. Ora, é uma pergunta marcada, que reforça o papel do MBL no jogo político travado na época.

A segunda pergunta: Na sua opinião, qual foi o papel da imprensa e dos artistas no processo?. Aqui, Pondé defende que a classe artística e cultural, em sua grande maioria, defende as ideias socialistas de mundo. Algo que o aproxima, por exemplo, da teoria do conflito cultural trazido por Olavo de Carvalho. Achar que as grandes corporações culturais, que estão entre as mais beneficiadas pelo sistema capitalista de acúmulo de capital, oferecem um projeto de mudança radical de sistema não passa de uma teoria conspiratória.

Isso não nega o fato de que, as minorias de ordem étnica e sexual, que se encontram as margens do sistema normativo, têm encontrado novas formas de organização e representação. O campo cultural, enquanto um produto humano, reflete as contradições e disputas estabelecidos na sociedade. Segundo Mikos e Siena, “desde os anos 1970, produções teóricas e audiovisuais procuram construir e expandir o debate acerca das políticas de representação da homo, bi e transexualidade nas narrativas audiovisuais”<sup>176</sup>.

Na medida em que a hierarquia social se delineia pelo cenário econômico, os grupos marginalizados, ao alcançarem um certo *status* econômico, passam a ser vistos como uma mera fonte de lucro. Dito de outro modo, a indústria do entretenimento reproduz certos conflitos de gênero e identidade, uma vez que essas narrativas estão se tornando cada vez mais rentáveis, inclusive pelos efeitos que surtem nos grupos antagônicos. Ainda que seja fundamental que a arte se aproprie de novas formas de representação e estabeleça discursos desafiadores à hegemonia branca e heterossexual, é importante delimitar que o campo da cultura do entretenimento é apenas uma das frentes de conflito. E estamos diante de um projeto, em curso, que mercantiliza as pautas de esquerda, esvazia seus sentidos e limita suas conquistas. Embora, o protagonismo negro e as pautas LGBTQI+ resignifiquem o campo cultura e forneçam mudanças de visões de mundo. É importante lembrar, por exemplo, que a Disney durante décadas reforçou um padrão de beleza específico e muitos dos personagens LGBTQI+ eram destinados a papéis secundários ou vilanescos:

Inicialmente não era possível encontrar seres ou pessoas fictícias que pudessem ser reconhecidos como membros da comunidade LGBTQIA+ nos

---

<sup>176</sup> MIKOS, Camila Macedo Ferreira; SIERRA, Jamil Cabral. Representações LGBT no cinema contemporâneo: resistências e capturas. **Revista científica/ FAP**, Revista Científica de Artes, Curitiba, vol. 18, n. 1, pp. 1-24, 2018, p. 93.

filmes da Disney. Porém, durante o Renascimento da companhia, surgiram personagens secundários e antagonistas com comportamentos não heteronormativos para compor o catálogo da produtora.<sup>177</sup>

Portanto, a questão de crítica que Pondé faz à classe e à produção artística não demonstra como os filmes e séries, a muito, estão dentro de projetos políticos e atuam na definição de valores. Como, por exemplo, os *westerns* — filmes que retratavam o velho oeste que ascenderam no século XIX, que atuavam na difusão do indígena enquanto um obstáculo a ser exterminado dentro projeto expansionista norte americano, ou seja, a produção fílmica nunca esteve alheia aos projetos políticos de seu tempo. Ou mesmo as representações LGBTQ+, que em sua grande maioria e por muito tempo, atuaram no fortalecimento de estereótipos e generalizações, ou seja, atuaram a favor da construção de representações homofóbicas, orientalistas e xenofóbicas, sendo um importante polo da formação da subjetividade ocidental.

A terceira pergunta feita foi: Você sente falta do apoio da iniciativa privada nos movimentos sociais?. O interlocutor desenvolve sua linha argumentativa sobre o ponto de que a desigualdade não é intrinsecamente prejudicial, mas, na verdade, desempenha um papel fundamental para a sociedade. Em sua perspectiva, o principal problema enfrentado pelo mundo é a pobreza e não a desigualdade. Pondé argumenta que a classe empresarial foi captada por uma narrativa de esquerda que visa o combate à desigualdade e não à pobreza. Essa classe empresarial, segundo o Pondé, não investiria em um projeto ideológico e, portanto, não disputaria espaço com a esquerda. A ideia principal exposta é a de que os empresários e as elites econômicas precisam investir em movimentos sociais que defendam seus interesses.

Ganha contornos uma questão fundamental para se pensar o funcionamento do MBL: seu modo de financiamento. Uma reportagem exposta na revista Piauí ajuda nessa compreensão<sup>178</sup>. Bruno Abbud, fez um estudo no qual ele se inseriu em um grupo de WhatsApp administrado por membros do MBL, por meio dessa interação ele seguiu um dos critérios da pesquisa etnográfica, que consiste em traçar “notas de campo experienciadas pelo pesquisador, sobre as práticas comunicacionais dos membros das comunidades, suas interações, bem como a própria participação e o senso de afiliação do pesquisador etc.”<sup>179</sup>.

<sup>177</sup> SILVA, Beatriz Magalhães Rangel da. **Representatividade LGBTQIA+ nos filmes de animação da Disney**. 2023. TCC (Graduação em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda). 132 fls. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023, p. 54.

<sup>178</sup> ABBUD, Bruno. O grupo da mão invisível: dois meses de conversas no WatsApp do MBL. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 out 2017. Piauí. Disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

<sup>179</sup> SILVA, Suelem de Aguiar. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom**, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 38, n. 2, 2015.

De dentro do grupo, o pesquisador pôde notar a formação de grupos de acordo com o grau de investimento. O grupo que mais obteve pessoas era chamado de “mão invisível”. Nele, os participantes dispunham de 250 reais mensais para o Movimento; com isso, tinham acesso a reuniões e jantares exclusivos. O grupo nomeado de “os agentes da CIA” fazia depósitos de 50 reais mensais, o grupo “exterminador de pelego” contribuía com 500 reais e, por fim, havia aqueles que dispunham de 5.000 reais, inseridos no grupo “privatiza tudo”<sup>180</sup>. No grupo do *WhatsApp*, de forma geral, estavam “pelo menos 158 funcionários de instituições como Banco Safra, XP Investimentos e Merrill Lynch. Objetivos iniciais: levantar dinheiro para financiar o MBL e levar as pautas dos executivos às discussões públicas e aos encontros a portas fechadas que os membros do MBL.”<sup>181</sup>.

O financiamento das atividades do Movimento gera uma agenda fluída, capaz de se adaptar, uma vez que está diretamente vinculada aos interesses dos seus financiadores. A investigação feita no grupo do MBL apenas revela algo muito discernido sobre o aspecto político: o vínculo entre o poder econômico e o poder político, algo que demarca o fazer político. A utilização de plataformas digitais para angariar recursos também não é algo inédito. No entanto, o aspecto mais notável desse estudo é a demonstração da conexão do MBL com agendas, agentes e instituições do mercado financeiro. Além disso, vale ressaltar que o MBL desempenhou um papel significativo ao ser mobilizado por Michel Temer para conquistar o apoio público à Reforma da Previdência.

Nesse contexto, o MBL é instrumentalizado como uma peça-chave no jogo político, atuando como o elo entre os interesses políticos e a população, utilizando meios digitais para persuadir e mobilizar a sociedade.

‘Reunião com Deputado federal do DEM agora. Disse que governo Temer precisa focar em reforma da previdência na divulgação nas redes sociais. Precisam de ajuda na comunicação para população entender’. Um minuto depois, Renan Santos, do MBL, se prontificou: ‘Já estamos, soltamos dois vídeos’.<sup>182</sup>

Portanto, ao argumentar que a classe empresarial deve participar ativamente na associação com movimentos políticos para que seus interesses sejam contemplados e o campo cultural disputado, somos levados a pensar que Pondé reforça uma tática de financiamento do Movimento.

---

<sup>180</sup> ABBUD, Bruno. *op.cit.*

<sup>181</sup> *Ibidem.*

<sup>182</sup> *Ibidem.*

A quarta pergunta feita foi: Qual sua visão no Brasil pós Dilma?. Pondé argumenta que o governo petista está desacreditado e não deve seguir com tanto protagonismo no jogo político. Segundo o pensador, o governo de Temer tem mais oxigênio e credibilidade, frente a má administração econômica do País, dadas pelo governo petista. É apenas mais um vídeo que reforça as críticas e o insucesso do então mandato petista.

Por fim, é perguntado: Qual a função de movimentos sociais como o MBL nessa nova fase?. Pondé afirma que o surgimento de movimentos a direita, que têm como base o liberalismo, são fundamentais para uma renovação política. Ele discorre sobre uma influência perpassada pela mídia e pelas escolas que reforçam o papel protagonista dos movimentos de esquerda no combate à ditadura. Entretanto, segundo ele, esses movimentos de esquerda queriam instalar outro regime autoritário. Essa última pergunta serve para legitimar o protagonismo do MBL frente a um pensador e influenciador mais interligado com o campo acadêmico.

Ao permitir que Pondé aborde questões relacionadas à política, o MBL desempenha um papel crucial na quebra das barreiras entre diferentes grupos sociais na internet. Como sabemos, a *web* tende a criar nichos em torno de tópicos e figuras específicas. Luiz Felipe Pondé, sendo uma personalidade midiática, também possui sua própria esfera de influência digital. Ao estabelecer um diálogo com essa figura, o MBL consegue não apenas atrair parte do capital social de Pondé, mas também possibilita que o pensador alcance uma audiência mais ampla, fortalecendo, assim, a exposição de ambos no ambiente virtual. Isso se traduz em um intercâmbio de público, que é fundamental para entender o notável aumento no número de visualizações.

Essa interação entre as bolhas sociais digitais associadas a Pondé e ao MBL tem um impacto significativo em vários aspectos. É o caso, por exemplo, da expansão do alcance, que resulta na ampliação da visibilidade de ambos no mundo digital, alcançando uma audiência diversificada e, potencialmente, previamente inacessível. Essa interação facilita a diversificação da identidade, contribui para a ampliação da construção identitária, permitindo que as opiniões e perspectivas se diversifiquem e evoluam. Reforço da legitimidade, o público do MBL passa a interagir com Pondé, ao mesmo tempo que o público que acompanha Pondé, por meio do campo digital, passa a ter acesso às ideias do MBL. É uma relação de reforço mútuo e interação de públicos, algo que pode gerar um relativo crescimento digital das figuras que estão interagindo.

Em resumo, o intercâmbio entre essas bolhas sociais digitais não apenas expande o alcance e a influência de Pondé e do MBL no ambiente virtual, mas também desempenha um papel fundamental na formação de identidades digitais e na validação das opiniões, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das complexas dinâmicas sociais *online*. As bolhas sociais, que são alargadas nessa interação, são responsáveis por uma “homogeneização que estas promovem das relações sociais ao manter os indivíduos em círculos sociais fechados, nos quais existe, na maioria das vezes, consenso sobre diversos assuntos e falta de outras visões de mundo”<sup>183</sup>.

Os vídeos de 2016, assim como as outras produções audiovisuais do MBL, atuam no recrutamento de indivíduos para reforçar o Movimento. Pela linguagem utilizada, que esbanja os modos de edição digital, pode-se afirmar que é destinada a um público jovem, embora essa colação não seja feita diretamente pelos integrantes do Movimento.

Outro ponto notado é que os discursos proferidos produzem efeitos práticos na sociedade, como por exemplo, o reforço do *impeachment* de Dilma, e mobilizaram manifestações de rua, de modo que o campo digital não pode ser pensado separadamente do ambiente físico. Ambos estão intrinsecamente relacionados e fazem parte das dinâmicas sociais. As redes sociais e as mensagens que por ela transitam atuam na formação do imaginário social; além disso, são responsáveis por organizar e dar sentido ao mundo, por meio de narrativas construídas, por fim, atua também nos processos de identificação, nas palavras de Gustavo Lacerda e Luciana Cristina:

Em uma visada discursiva, os sentidos e os sujeitos se produzem por meio de inscrições no discurso, em distintos processos identificatórios, donde decorre que temos a necessidade de significar o mundo ao nosso redor, de torná-lo apreensível, o que implica a produção de efeitos de sentido estáveis, determinados, delimitados.<sup>184</sup>

No ano de 2017, podemos notar uma escalada no número de vídeo postados, de maneira que a produção audiovisual do MBL atinge centenas de vídeos. Vale notar que os usos de plataformas digitais são voltados para o trabalho, pois podem ser monetizados. Nesse sentido, o padrão torna-se a própria empresa que gere a plataforma e, apesar da aparente flexibilidade

---

<sup>183</sup> SILVA, Gustavo Henrique; ROST, Érica; FIRMINO, Cleisla Pereira; SILVA, Tatiana Aparecida Rosa, VALÉRIO, Mychaelle da Cruz Valério. Uma breve discussão sobre a inteligência artificial (IA) nas redes sociais: do logaritmo as bolhas sociais. **Conjecturas**, Rio Grande do Sul, vol. 22. n. 2. pp. 1556-1568, 2022, p. 1562.

<sup>184</sup> LACERDA, Gustavo Haiden; Di RAIMO, Luciana Cristina Ferreira Dias. Processos de (super/des/contra-) identificação *online* e produção de subjetividade no efeito-reação em redes sociais. **Texto Digital**. Revista de Letras, Linguística, Educação e Artes. Florianópolis, vol. 18, n. 1, pp. 115-139, 2022, p. 117.

desse tipo de trabalho, ele ainda se baseia em níveis de pressão. Os influenciadores digitais, por isso, têm que manter uma produção constante e regrada; com isso, são beneficiados pelas formas de distribuição dos algoritmos. Portanto, o aumento da produção audiovisual do MBL pode ser visto nesse processo de consolidação.

O primeiro vídeo analisado, de 2017, foi postado no dia 27 de setembro. Ele conta, atualmente, com mais de um milhão de visualizações. Intitulado “Kim Kataguri rebate professor da PUC sobre cotas e ensino superior no Brasil”, o vídeo tem 5 minutos e 36 segundos de duração.

Professor da PUC: A gente não pode falar assim: o Brasil vai virar a Dinamarca, o Brasil vai virar a Noruega, o Brasil vai virar os EUA, não vai. E os alunos negros ainda não estão aqui nas universidades, quando vejo, essa não é a cor dos alunos que aqui estão.

Com as leis trabalhistas, 5 mil trabalhadores de postos de trabalho, com situação análoga à escravidão, pelo ministério público do trabalho. No Brasil, esse número só vai aumentar, não é falácia, não é demagogia, é a realidade.

Kim Kataguri: Eu gostaria de começar pelo ponto que você terminou, é a mais encalorada, mais apaixonada que é (inaudível) dos negros nas universidades. Eu acho que esse é um debate importantíssimo que deve ser levado em consideração, e não só negros, mas na população mais pobre em geral. Hoje, o debate circula muito em relação ao ensino superior. Todo mundo fala em ensino superior, fies, PROUNI, cotas, para que os negros entrem nas universidades públicas, colocar cotas para que os mais pobres entrem na universidade pública. Só que onde que está o problema da nossa educação, fundamentalmente falando?

Mais da metade da população não tem ensino médio, o problema do Brasil é gente que não entra na universidade? A gente ainda tem 14 milhões de analfabetos, 90% da população não tem conhecimentos essenciais de matemática e português.

O problema está universidade? O problema tá no ensino básico. Porque o ensino superior recebe 4 vezes mais que o ensino básico, porque?

Porque o político é demagogo, e sabe que universitário vota e sobe faixinha sorrindo e contando.<sup>185</sup>

Algo notável é que os vídeos mais assistidos em 2017, diferente dos vídeos anteriores, têm como tema os debates políticos. A questão do debate supostamente coloca em confronto atores e ideias políticas. A popularização desse tipo de atividade perante o público navegante das redes talvez seja explicada pelos limites da democracia liberal, que é constituída pelo voto popular, mas não promove uma inserção do interesse efetivo da população das decisões político-institucionais. Desse modo, o debate político digital configura um novo modo de participação política. Pocock chama a atenção para a “comunidade de falantes” que são os

---

<sup>185</sup> MOVIMENMTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **Kim Kataguri rebate professor da PUC sobre cotas e ensino superior no Brasil**. 27 set. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CMOFpMQzGk>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

integrantes que interagem, entre si e com o mundo a sua volta, por meio do discurso<sup>186</sup>. No caso, a comunidade de falantes no mundo digital é crescente. Desse modo, um vídeo acaba por gerar outros em resposta, de maneira que “um discurso nunca é autônomo na medida em que todo discurso contém outras falas – passadas ou presentes – com os quais mantém uma relação de aliança, de reação ou de confronto”<sup>187</sup>.

Os vídeos podem ser postados espontaneamente ou motivados por outros. Algo que ocorre com bastante frequência é a resposta, ou contestação, em forma de vídeo, a fim de questionar, parodiar, refutar ou ratificar os ideais defendidos por um outro vídeo, postado anteriormente. O que diferencia a exibição de um arquivo ativista de outro, além da temática e da intencionalidade exploradas pelo usuário, são os aspectos técnicos da sua realização (p.ex: qualidade de som e imagem, tipo de imagem, duração) e a utilização peculiar de algumas ferramentas do próprio site no momento em que ele é postado (categoria, título, tags – comandos ou palavras-chave –, descrição, idioma).<sup>188</sup>

Pois bem, ao aderir aos debates, o MBL promove uma formação discursiva que busca sua identidade, delimitando seu campo discursivo e de atuação. Quanto a ideia central do vídeo, o integrante do MBL faz críticas e coloca-se contrário às cotas. Ele afirma também que o problema na educação está baseado na falta de investimento na educação básica, e que o suposto apoio a educação superior se dá pela aliança entre os membros do Estado e as universidades, que, segundo Kataguri, são forças que se retroalimentam. O vídeo em questão denota uma primeira aproximação ao neoliberalismo que, segundo Wendy Brown<sup>189</sup>, baseia-se no ataque as políticas de bem-estar social e nos direitos conquistados no pós-guerra. As cotas são políticas públicas de inclusão que buscam dar acesso a grupos historicamente afastados do ensino superior, baseando-se também na universalidade do acesso ao ensino, algo que não se traduz no Brasil.

O segundo vídeo de 2017 analisado foi postado no dia 14 de julho de 2017, obtendo 515.099 visualizações. Nomeado de: “Kim Kataguri destrói mentiras de líder sindical ao vivo”. O vídeo conta com três minutos e quarenta e nove segundos de duração, segue a transcrição:

<sup>186</sup> POCOCK, John. **As linguagens do ideário político**. São Paulo: Edusp, 2013, p. 11.

<sup>187</sup> BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Discurso e modelos de identidade política. *In*: POSSENTI, Sírio; CHACON, Lourenço. **Cadernos da FFC: análise do discurso**. Marília, v. 6, n.2, pp. 59-72, 1997, p. 60.

<sup>188</sup> BRESSAN, Renato Teixeira. *YouTube: intervenções e ativismos*. *In*: **XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**, Juiz de Fora, Minas Gerais. 2007, p. 9.

<sup>189</sup> BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editora Politeia, 2019, p. 22.

Líder Sindical: O Brasil em 2002 era o que, 15ª economia do mundo, aí as pessoas falam, não o PT não fez nada, o Lula não fez nada. O Brasil chegou a ser a 7ª economia do mundo, ameaçando inclusive a Inglaterra. Então nesse período, inclusive passando pela pior crise do capitalismo, né, 2007, 2008 que nós superamos, aí depois você tem a crise das commodities, a crise do petróleo, o barril de petróleo estava 130 dólares, depois cai pra 30 em virtude de uma disputa geopolítica no mundo. Então as pessoas vão falando coisas, né, e é só você, é tão simples hoje, né, só fazer uma pesquisa no google, olhar a estatística, ver o que o Brasil era, como é que cresceu. O Brasil tirou quase 40 milhões de pessoas da miséria, só sabe o que é miséria quem passou por isso. O Brasil saiu do mapa da fome, então, ou seja, é só ler, por exemplo, o relatório do Banco Mundial, sobre os (expressão em inglês) no Brasil, ou seja, a imprensa que falava uma coisa inclusive a gente vê né. Determinado comentarista econômico, quando estava a Dilma, não existia crise no mundo lá fora, aí passou, o Temer, não agora, tem crise lá fora, é o Brasil que tá, ou seja, o discurso é de ocasião, então a gente tem que tomar muito cuidado, e aí telespectador que está assistindo, vamos pesquisar mais né, porque tem um monte de gente enganando e vendendo ilusão. Então o Brasil cresceu muito, e isso é realidade, realidade que tá nos dados estatísticos, o mundo inteiro reconheceu isso e a mesma coisa, essa bobagem de falar de triplex, presidente Lula se quisesse comprar o triplex ele comprava, o cara foi presidente da república por 2 (dois) mandatos, se sabe que presidente não tem gasto nenhum, só com o salário dele ele poderia comprar isso e mais coisas ainda, além das palestras que todo presidente recebe um bom valor pra dar palestras, não só ele, Fernando Henrique, Bill Clinton, todos esses presidentes mundiais recebem pra dar palestras e com esse dinheiro poderia viver muito bem, aí cara, vem falar de corrupção que o cara pegou um sitiozinho, um puxadinho, um BNH 3 em 1 no Guarujá, pelo amor de Deus né gente, tem que levar as coisas a sério.

Apresentador: Agora aqui, também ouve repercussão do outro lado. Ouve repercussão, hoje nós estamos numa crise econômica, de quem é a responsabilidade, do governo anterior ou do governo atual?

Kim Kataguri: Do governo anterior, sem dúvida, a gente pega (inaudível) 13 anos no poder, influenciando ali com banco central o crédito né, estimulando o crédito, estimulando o povo mais pobre, a vai lá compra carro, compra geladeira, compra televisão, agora tá todo mundo endividado, todo mundo desempregado, porque quando você cria dinheiro do nada, você tem que pagar uma conta né. E aí ao mesmo tempo se vangloriando do crescimento durante o governo Lula, sendo que manteve o tripé (inaudível) econômico, manteve o Henrique Meireles, manteve o Zé Alencar, é um mundo crescendo, a China crescendo 10 a 12% ao ano, o Brasil um país agro exportador, exportando commodities e crescendo apesar do governo, agora a conta chegou, não tem como você criar dinheiro artificialmente, o governo não que riquezas, quem quer riqueza é a iniciativa privada que paga imposto pro governo e tá pagando a conta agora né. O Brasil está passando por uma fase de desindustrialização, a miséria voltou a crescer, a desigualdade social voltou a crescer simplesmente porque os crescimentos e toda essa sensação de prosperidade que o governo Lula no 2º mandato e depois o governo Dilma que no 1º e 2º mandato tentaram passar pra população é falsa, injeção de gasto público na sociedade civil, injeção de gasto público na economia, e isso uma hora você tem que pagar a conta né. O PT criou seu próprio tri pé (macro) econômico, empreiteira e gasto público e o resultado está aí, a gente tá vendo

14 milhões de desempregados, inflação de 2 dígitos durante o governo Dilma e coisa as coisas só piorando<sup>190</sup>.

O vídeo desenvolve-se a partir de um debate entre um líder sindical e um integrante do Movimento. Quando Kim Kataguiiri começa a argumentar, podemos escutar ao fundo uma voz dizendo “*double kill*”, que é uma mensagem que aparecia em um jogo de videogame do *Mortal Kombat* quando o jogador eliminava seu adversário no jogo. A mensagem, que tem um referencial amplamente conhecido na cultura *millennial*, busca construir o sentido de que Kim Kataguiiri está derrotando seu adversário na disputa de argumentos. Ou seja, o MBL, em sua produção audiovisual, apropria-se de elementos da cultura *pop* para criar sentidos. A ideia de superioridade no debate a partir de um ícone gamificado é velada, mas atua na subjetividade dos usuários expostos ao material pela versão do MBL.

Por essa manipulação de ícones da cultura *pop* somadas a utilizadas em questões político-institucionais, é que Patrícia Silva discorre sobre uma remistura satírica que se dá no *YouTube*, espaço em que esses bens comuns imagéticos são apropriados e colocados em novos contextos. A autora demonstra que

os vídeos estão acessíveis a quase todos os que possuem uma ligação à internet. Estas imagens tornam-se assim parte da comunicação, de uma reserva de bens comuns imagéticos, o que permite que as imagens sejam de novo usadas, remisturadas, reinterpretadas. Este repertório comunicativo serve de base ao debate político e recorre a práticas inspiradas em tradições.<sup>191</sup>

Ao trabalhar com ícones da cultura *pop* que a muito estão presentes, em partes, no imaginário popular, o movimento utiliza de uma estratégia eficiente, de maneira que “as práticas de vídeo *online* mais elogiadas passam pelo recurso ao humor e à cultura *pop* como forma de promover o debate político e envolver os cidadãos”<sup>192</sup>.

A principal ideia do vídeo segue em descredibilizar o governo petista. Uma das suposições que envolvem a ascensão do modelo de debate, enquanto produto consumido por meio das plataformas digitais, é que o contexto eleitoral acaba por polarizar a população. Portanto, os indivíduos, em sua maioria, têm sua própria rede de interação, confrontam-se com outros indivíduos de posições políticas discordantes. Essa linha de troca de argumentos que

<sup>190</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **Kim Kataguiiri destrói mentiras de líder sindical ao vivaço**. 17 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wNMPHa8NlzQ>>. Acesso: 7 nov. 2023.

<sup>191</sup> SILVA, Patrícia Dias da. As remisturas satíricas no *YouTube*: criatividade e subversão nas lutas de poder simbólico e cultural. **Estudos de comunicação**, São Paulo, n. 15, pp. 42-60, 2014, p. 45.

<sup>192</sup> *Ibid.*, p. 55.

configura um debate ocorria no próprio núcleo interativo de parte da população. Ao ilustrar essa dinâmica por meio de um vídeo, o movimento fornece linhas retóricas que podem ser apropriadas pelos espectadores, além de expor uma dinâmica familiar, seja por meio de ícones da cultura *pop*, seja pelo próprio conflito estabelecido por meio de discursos antagônicos. Partindo dessa ponte lógica, podemos supor que o MBL se utiliza da familiaridade para converter indivíduos e transmitir suas mensagens políticas, avançando sua agenda política mais eminente: legitimar ideias políticas perante a população e conquistar adeptos ao seu Movimento. Ao consolidar ideias no imaginário popular, o Movimento faz com que o projeto político que articula seja posto em prática, mesmo que os agentes políticos não estejam associados a ele.

O discurso em si já é um produto heterogêneo, uma vez que sua organização e pronunciamento se dá a partir de um indivíduo específico, formado pelas próprias relações, culturas e instituições, o que forma uma subjetividade única, ainda que possa apresentar semelhanças com o corpo coletivo. O modelo de debate estabelece esse conflito, que se dá por intermédio dos atos de fala. Segundo Helena Brandão, o debate político se apoia na polemização do discurso, que nada mais é do que a tentativa dos participantes de “desqualificar o discurso do adversário numa situação em que duas posições antagônicas se confrontam e se afrontam”<sup>193</sup>.

Para construir esse descrédito perante o discurso antagônico, o interlocutor mobiliza todo um arsenal retórico e argumentativo, algo que pode ser notado nas afirmações do integrante do MBL:

Kim Kataguiri: O Brasil está passando por uma fase de desindustrialização, a miséria voltou a crescer, a desigualdade social voltou a crescer simplesmente porque os crescimentos e toda essa sensação de prosperidade que o governo Lula no 2º mandato e depois o governo Dilma que no 1º e 2º mandato tentaram passar pra população é falsa.<sup>194</sup>

A autora também nota a natureza espetacular do debate, uma vez que serve como forma de entretenimento popular, adquirindo um estatuto teatral, “a polêmica, é por si mesma, pela sua própria natureza, algo que oferece um espetáculo”<sup>195</sup>. Nesse sentido, o modelo de debate antagoniza com o modelo do discurso científico, pois o discurso científico busca uma encenação

<sup>193</sup> BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Discurso e polêmica num debate político. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, nº 37, pp- 129-143, 1994, p.130.

<sup>194</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **Kim Kataguiri destrói mentiras de líder sindical ao vivo**. 14 de jul. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wNMPha8NlzQ>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>195</sup> *Ibid.*, **Kim Kataguiri dá aula de economia para socialistas em debate**. 20 de set. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uEB2jF-y59E>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

de objetividade, estabelecendo, assim, o mundo conhecível. Já o debate polêmico funciona como uma *performance* teatral, no qual os personagens delimitam suas posições e se inserem em um movimento discursivo que exalta uma causa e, concomitantemente, desvaloriza a causa adversária.

As redes sociais, que ampliaram o alcance comunicacional, acabam por colocar em contato pensamentos e ideias conflitantes. Essa é uma de suas características marcantes, de maneira que o uso do debate pelos membros públicos do MBL pode ser encarado como estratégia comunicativa que busca sua autoafirmação e o descrédito dos grupos que o Movimento julga divergentes.

O terceiro vídeo de 2017, com o maior número de visualizações, foi assistido por volta de 364.237 vezes. Foi postado no dia 20 de setembro de 2017. tem 04min55ss de duração, foi nomeado pelo movimento como: “Kim Kataguri dá aula de economia para socialistas em debate”. Segue a transcrição da fonte primária:

Debatedora: aquela PEC no congelamento [...], então com isso a gente já tá vendo esse retrocesso, principalmente aqui no estado de São Paulo com as questões das privatizações...é..., se defendem tanto o estado mínimo, mas o que vocês iriam propor contra essas privatizações que a gente vê que o corte do leite das escolas, das escolas do município, as questões dos parques, que eles já estão até comentando até que vai vender os parques públicos, entre outros fatores, [...],então a gente já está vendo essas questões, desse congelamento nos próximos 20 (vinte) anos, o que seria de melhor nessa questão da privatização? Porque a gente só está vendo retrocesso.

Kim Kataguri: Bom, vamos lá, uma moça se não me engano falou sobre a PEC do teto, foi você? (Aponta para o debatedor) e o que a gente tem contra as privatizações. Bom, primeiro a PEC do teto, eu vejo como uma coisa absolutamente positiva, principalmente para os mais pobres, né? Isso é uma coisa que tem que ser entendida economicamente porquê? Se você não controla os seus gastos, você só tem outras 3 (três) opções, ou você imprime mais dinheiro e gera inflação, fazendo com que os mais pobres paguem mais caro (inaudível), proporcionalmente quem tende consumir mais arroz, feijão, papel higiênico, são os mais pobres ou, a gente se endivida mais, e isso (inaudível) a longo prazo (inaudível), que a gente pague mais em razão da dívida e menos pra saúde, educação e programas sociais ou aumenta os impostos e eu não vejo como os mais pobres hoje poderiam aguentar uma carga tributária ainda maior, ou seja, todas as outras 3 (três) opções onerariam justamente a população mais pobre que iam ver seu poder de consumo diminuído, com a PEC do teto e controle de gastos esse gasto não vai ser aumentado e a conta vai fechar e é uma coisa básica para qualquer dono de casa. Você gasta menos do que o seu salário, se você gasta mais você se endivida e você vai ter que pagar essa dívida e o Brasil não é como os Estados Unidos que é uma moeda que norteia o mundo e pode se endividar em 300% (trezentos por cento) , não existe segurança de que o Brasil vai fazer esse pagamento porque os rumos que a gente estava seguindo os gastos só aumentavam e a arrecadação diminuía, então não existia garantia nenhuma logo, só com juro estratosféricos o Brasil conseguiria pagar esses

empréstimos [...]. Você perguntou o que a gente faria contra as privatizações? não faria absolutamente nada contra as privatizações, a gente vai apoiar as privatizações, por uma questão muito simples, num momento de crise, quando uma empresa estatal tem prejuízo ou quando roubam da empresa estatal, sai do nosso bolso, sai do bolso do mais pobre o BNDS, por exemplo, o maior sistema de transferência de renda da história do país criado pelo PT dos mais pobres pros mais ricos. Há não, mas é para investir em quem não teve oportunidade na vida. [...]. Então todas as estatais só serviram para tirar dinheiro do mais pobre e dar para o mais rico, enquanto que, na iniciativa privada, enquanto aquela empresa tem prejuízos quem paga não é o pagador de impostos, quem é o dono daquela empresa, então o que você tá me dizendo é que você prefere que o mais pobre, o pagador de impostos pague esse prejuízo em vez do dono da empresa um capitalista, um burguês ..., a gente só vê benefícios... (inaudível) .... Na verdade o que está acontecendo são concessões de gestão, privatiza se a gestão não o parque em si, como acontece na maioria dos parques (inaudível)... dos países desenvolvidos do mundo existe tanto cooperação sem fins lucrativos, aquele de cooperativas etc..., como aquelas parcerias pra exploração econômica que vai vender água de coco, que vai vender coca cola, enfim (inaudível) , pra que? Pra que ele seja mantido, todos os parques, aqui em São Paulo, a gente não precisa sair do país pra ver isso, são mantidos pela iniciativa privada são muito melhores do que os parques mantidos pela iniciativa pública e por uma razão muito simples, se ele não mantém o poder público vai e tira a concessão deles, agora que é que tira a concessão do poder público em si? Ninguém.<sup>196</sup>

A principal ideia do vídeo consiste em um debate sobre o teto de gastos públicos. A debatedora confronta Kim Kataguiri, expondo que o teto de gastos limita o investimento Estatal, havendo assim uma piora dos serviços públicos e afetando drasticamente a vida das pessoas que utilizam tais serviços, chamando o corte de gastos de “retrocesso”. Kim Katariguiri rebate a afirmação dizendo que o Estado deve manter seus gastos controlados, pois, caso endividado, haveria um aumento nos impostos que atingiria pessoas mais carentes. O descrédito ao governo petista segue presente, porém, ele agora é estendido aos serviços estatais de forma geral.

Novamente podemos notar uma face do neoliberalismo, que se estabelece nos cortes econômicos de serviços públicos e no apoio irrestrito ao setor privado. Ao comparar o neoliberalismo com o liberalismo clássico, Bresser-Pereira nota:

O liberalismo era, no século XVIII, a ideologia de uma classe média burguesa em luta contra uma oligarquia de senhores de terra e de armas apoiados por um Estado autocrático. Para caracterizar o neoliberalismo, uma ideologia reacionária, não basta, portanto, afirmar que se tratava de um liberalismo econômico radical, porque o radicalismo liberal no século XVIII ou no início do século XIX era revolucionário. Vejamos, então, o que é ou foi historicamente o neoliberalismo. O neoliberalismo é a ideologia que os ricos usaram no final do século XX contra os pobres ou os trabalhadores e contra

---

<sup>196</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **Kim Kataguiri dá aula de economia para socialistas em debate**. YouTube. 20 de set. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uEB2jF-y59E>>. Acesso em: 7 de nov. 2023.

um Estado democrático social. É uma ideologia eminentemente reacionária, portanto. É uma ideologia que, apoiada na teoria econômica neoclássica das expectativas racionais, no novo institucionalismo, na teoria da escolha pública, e nas formas mais radicais da escola da escolha racional, montou um verdadeiro assalto político e teórico contra o Estado e os mercados regulados nos últimos 30 anos.<sup>197</sup>

Perceba como o autor cita que o assalto ocorreu no campo político e teórico. Essas são as frentes de atuação do neoliberalismo que o MBL se apropria, agindo como um importante instrumento de divulgação ideológica perante as camadas sociais. A grande inovação é o aparato midiático contemporâneo, marcado pelo advento da internet, que acaba por diluir os limites geográficos e temporais, além de consolidar novas formas de linguagem, montadas a partir de uma colcha de retalhos simbólicos, que permanecem no imaginário social.

Tendo como objeto os vídeos mais assistidos durante os anos de 2014 e 2015, é possível notar que o grupo se articulava, predominantemente, sobre críticas ao governo vigente na época. Já em 2016, o grupo começou a expor, de forma mais explícita, sua agenda política vinculada aos interesses neoliberais. O campo político, enquanto aglutinador de blocos de poder antagônicos, acaba por atuar na “formação de grupos diferenciados que perseguem, no processo político, objetivos próprios”<sup>198</sup>. A ideia do MBL, por conseguinte, é reformar o Estado em um de seus aspectos mais inclusivos, isto é, como garantidor dos direitos civis. Eis o que se apresenta como a bandeira por “menos Estado” hasteada pelo Movimento.

Portanto, o neoliberalismo do MBL se configura como uma vertente que encare o neoliberalismo enquanto polo antagônico aos interesses sociais. O neoliberalismo, ainda que se apoie em elementos reais, acaba por simplificar as dinâmicas de poder em curso. Os vídeos analisados em 2017 demonstram essa opção pelo modelo discursivo do debate, além de extremar as posições neoliberais do movimento.

Podemos dividir assim os primeiros anos do movimento no *YouTube* destinados à conquista de adesão popular, surfando no contexto antissistêmico e antigoverno do período. Agora, com um capital social conquistado, o Movimento começa a reforçar suas ideias políticas de forma mais constante, tendo em média três publicações diárias. O número crescente de visualizações está condizente com a ascensão do Movimento.

---

<sup>197</sup> BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Assalto ao Estado e ao mercado, neoliberalismo e teoria econômica. **Estudos avançados**, São Paulo, n. 23, pp. 7-23, 2009, p. 10.

<sup>198</sup> BOITO JUNIOR, Armando. Estado e burguesia no capitalismo neoliberal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 28, pp. 57-73, 2007, p. 59.

O primeiro vídeo de 2018 analisado atingiu a expressiva marca de 2.125.321 visualizações. Foi nomeado de “Psolista pergunta diferença entre capitalismo e socialismo; Kim Kataguiiri dá aula”. Foi postado no dia 23 de janeiro de 2018, e conta com 04min06ss de duração, segue a transcrição de parte do material:

Psolista: Nós entendemos que em Cuba que você falou, certamente você não foi lá, não conhece Cuba. É uma das melhores medicinas, as melhores educações do mundo, aqui a educação é capitalista, [...], qual a diferença que vocês podem dizer que o capitalismo é melhor que o socialismo, aonde, aonde? Pega pra ver o desenvolvimento desse povo, vocês são contra inclusive os pobres, contra inclusive as cotas sociais, os negros, enfim, eu acho que vocês estão absolutamente na contramão da história.

Kim Kataguiiri: Bom, vamos lá, a primeira pergunta que ele fez né??

O que o capitalismo tem de melhor que o socialismo?

Antes de qualquer coisa, a minha opinião basilar...Comida.

Que isso a gente vê, venezuelanos passando fome, Norte Coreanos passando fome e cubanos passando fome. Agora se pede pra eu citar a diferença, chega a ser piada, você pedir pra eu citar a diferença da saúde, da tecnologia dos Estados Unidos pra de Cuba, porque Cuba nunca exportou nem um tipo de medicina, nem ... , como os Estados Unidos fez, quanto conhecimento, quanta pesquisa? Nada, zero, eles estão preocupados em sobreviver como todo regime socialista, me desculpa, quantos é...é, pós doutorados a gente tem vindo de Cuba, exportando conhecimento para outros países? Única coisa que Cuba exporta é charuto, cubano tá fugindo pra Miami.

[...] não, ele vai porque tá sofrendo, tá passando fome...

Agora você pinta um monstro de mim do MBL, odeia negro, odeia pobre, assim, se pode até discordar dos meios, agora dizer que nosso fim é prejudicar negro, prejudicar pobre, isso é desumano, isso não existe, desculpa, você pode discordar dos meus meios ...

Tudo bem, isso é uma divergência política, agora dizer que eu odeio pobre, que eu odeio negro, desculpa, mas isso é mau-caratismo.

E de onde você tira que eu tenho origem de elite? Meu pai é metalúrgico, faleceu ano passado, o que eu herdei dele? Os valores morais e mais nada, ...

[...] eu não aceito ser chamado de mau caráter dizendo que eu odeio negro... .

Eu posso discordar de seus meios, mas eu não estou dizendo que seu fim é matar todo mundo, não estou dizendo que seu fim é escravizar, estou dizendo, historicamente, as experiências que você defende não funcionaram, e que o capitalismo, em regra no mundo, apresenta os melhores IDH<sup>199</sup>.

(Repetição de algumas falas do texto com a apresentação de vídeo de luta).

O debate se dá em torno do embate entre os modelos socialistas e capitalistas. A principal ideia do vídeo é expor que o modelo capitalista estabelece melhores condições de vida e deve ser seguido e defendido. Kim Kataguiiri afirma que, quando os modelos socialistas foram

<sup>199</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **Psolista pergunta diferença entre capitalismo e socialismo; Kim Kataguiiri dá aula**. 23 de jan. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZbNU-2H6uTI>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

implementados, a fome se estabeleceu. Além disso, ele faz algumas defesas pessoais e de seu projeto político. Em meio ao debate, filmado em um jornal televisivo, o MBL solta uma imagem de um filme, editando o rosto dos personagens para que eles assumam as feições dos debatedores, algo ilustrado na imagem abaixo.

**Figura 11.** Psolista pergunta diferença entre capitalismo e socialismo; Kim Kataguiri dá aula.



Fonte: MBL, YouTube<sup>200</sup>

A edição imagética caracteriza um *meme* persuasivo com o objetivo de convencer o espectador de que o integrante do Movimento emergiu como vencedor no conflito de ideias travado no debate. Além disso, a discussão também se estende à situação cubana. Como é de conhecimento geral, o país atravessou um processo revolucionário entre 1953 e 1959, em pleno auge da Guerra Fria. Esse período marcou o fim do regime do ditador Fulgêncio Batista e o início de uma série de transformações alinhadas a ideais socialistas. Dessa forma, ao discutirem perspectivas divergentes sobre o mesmo país e o mesmo evento histórico, é evidente uma disputa pela interpretação da história cubana e pela construção da memória coletiva.

A irreverência comumente associada a memes e o debate muitas vezes polarizado que marca discussões políticas on-line no Brasil preparam o ambiente para o casamento entre o populismo liberal e as redes sociais. O

<sup>200</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube*. **Psolista pergunta diferença entre capitalismo e socialismo; Kim Kataguiri dá aula**. 23 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZbNU-2H6uTI>>. Acesso em: 8 nov .2023.

surgimento de movimentos que flertam com populismo liberal e suas apropriações da internet são diversos.<sup>201</sup>

Giliard Prado, em uma análise aprofundada sobre os conflitos na atribuição de significados que envolvem a história cubana, observa que esta é frequentemente objeto de "enaltecimento ou execração" algo visualizado na análise da fonte. Ao investigar a estratégia que o MBL emprega em suas redes sociais, João Santos e Viktor Chagas notam que os membros do Movimento perceberam que a direita tradicional ainda se apegava a uma linguagem tradicional que não havia se adaptado às possibilidades oferecidas pela era digital, "o MBL tratou de ocupar uma lacuna no cenário político nacional, que tinha uma esquerda romantizada e militante, mas uma direita envelhecida e conservadora"<sup>202</sup>.

Observe como o profundo debate acadêmico e teórico sobre as formas mais eficazes de governança está agora acessível a um público mais amplo, graças à disseminação da internet; em certo sentido, nunca "a política" ou "a história" esteve tão disponível. O contexto historicamente polarizado confere visibilidade a esses confrontos narrativos. Conflitos políticos que, em tempos passados, estavam predominantemente confinados aos âmbitos acadêmicos e institucionais, hoje são incorporados à cultura popular. Nesse processo, o MBL desempenhou um papel de apropriação e consolidação significativo., afetando não apenas a construção e o significado de eventos históricos, como também as relações de poder hierárquicas na sociedade. Ao estar intrinsecamente associado ao campo político institucional, o Movimento visa à institucionalização de novas normas civis. No caso, o movimento faz uma defesa aberta ao modelo capitalista enquanto descredibiliza os modelos socialistas.

É notado, entre pesquisadores, uma densa crise que atinge as instituições e o modelo político liberal. Nesse sentido, as forças políticas, acostumadas a passarem por metamorfoses de acordo com o período vivenciado, perceberam que era possível tecer críticas ao modelo vigente e, com isso, extremar aspectos do capitalismo. Dentro dessa perspectiva, Pablo Stefanoni constrói sua obra *¿La reledía se volvió de la derecha?*<sup>203</sup>. Na obra o autor descreve que a direita tradicional se pautava, sobretudo, no liberalismo econômico aliado ao tradicionalismo moral e o anticomunismo. Já a nova direita, ainda que incorpore elementos da direita anterior, se pauta em movimento antissistêmico, passando a exercer um conflito com os

<sup>201</sup> BASTOS DOS SANTOS, João Guilherme. CHAGAS, Viktor. Direita transante: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL. **Matrizes**, São Paulo, vol. 12, n. 3, pp. 189-214, 2018, p. 192.

<sup>202</sup> *Ibid.*, p.191.

<sup>203</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube. Militantes do PSOL atacam MBL e Kim responde à altura*. 20 de set. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TTFs-0TeK6A>>. Acesso em 8 nov. 2023.

sistemas políticos e econômicos vigentes. A esquerda, historicamente associada a lutas que tencionam o espectro político, assistiram a uma reformatação da direita que passou a reivindicar o campo de oposição à norma. Isso somado ao advento da internet que permite que os discursos satíricos e humoristas impossibilitem o discernimento do que é ironia ou verdade<sup>204</sup>.

O segundo vídeo de 2018 aqui analisado foi postado em 20 de setembro. Nomeado de: “Militantes do PSOL atacam MBL e Kim responde à altura”. Conta com 2.713.576 visualizações e com 05min22ss de duração. Segue a transcrição:

Jaqueline: É a gente sabe que minha pergunta é sobre segurança pública. A gente sabe que quem lidera as pesquisas para presidente hoje é o candidato Jair Bolsonaro. É uma das principais propostas dele é a legalização do porte de armas, e eu queria saber o que você pensa em relação a isso e qual é o nosso papel, enquanto jovens em relação a este projeto também?

Samia: É.. eu queria dizer para todo mundo aqui que eu sou do PSOL com muito orgulho, do partido que desde o início nós chamamos de golpe.

... e, portanto, concordo que não era um bom governo em diversos aspectos para a classe trabalhadora, para quem mais precisava deles...

Então é preciso dizer que o PSOL foi com muito orgulho, durante 13 anos, oposição à esquerda do governo PT, e isso para nós é importante..., mas nós também não titubeamos e fomos contra esse golpe aplicado na classe trabalhadora e o Bolsonaro, que certamente vai tá lá, subindo a rampa dia 1º de janeiro, vai revogar a reforma trabalhista, vai revogar a reforma da previdência, vai revogar a emenda constitucional 95 e nós não temos medo de dizer isso, ....

KIM: Só queria fazer um pequeno comentário sobre a autoestima né??!!

Achar que vai subir a rampa do Palácio do Planalto com menos intenção de votos de um cara que está jejuando num monte e falando "glória a Deus" é realmente uma baita autoestima....

Vamos lá, bom, aproveitando o acúmulo de ataques e eu tive direito de resposta. Em primeiro, ... do nosso amigo aqui da rede que diz o seguinte: " não foi uma fake news", que, na verdade a rede estava contra o impeachment, e não tenho nada a ver, estava a favor do impeachment, e é bem rede mesmo né? " Cumpra a finalidade, mas não cumpra a formalidade e tal... e é a favor e é contra", tanto que a rede indicou voto favorável ao impeachment, a bancada, votou contra, a Marina foi a favor, a bancada votou contra...

Não foi golpe, mas também não foi bom. [...]

Respondendo objetivamente à pergunta, na verdade, a proposta do Bolsonaro não é efetivamente legalizar o porte de armas, o porte de armas já é legal. [...]

Hoje você tem quatro critérios para você ter porte de armas. Um, é você saber atirar, passar pelo curso, fazer aquele teste como se fosse uma espécie de CNH de arma. O outro é você passar pelo teste psicológico. O outro é você não ter

<sup>204</sup> STEFANONI, Pablo. ¿La rebeldía se volvió de derecha? cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2021. 180p. Resenha de: SANTOS, Fábio Alves. Ler as novas direitas. *Crítica Historiográfica*. Natal, v.2, número especial (Novas Direitas em discussão), ago. 2022.

antecedentes criminais e o quarto, que é justamente contra esse que o Bolsonaro luta, é o MBL também luta, é vice demonstrar necessidade para a polícia federal que você precisa daquela arma.

[...] eu não acredito que isso seja política estritamente, apesar de eu ser a favor, não acho que é estritamente de segurança pública, acho que é mais questão de direito individual[...]

Aliás, uma pauta que curiosamente eu concordo com a Manuela D'Avila é o ciclo completo de polícia, que é justamente a própria polícia, terem poder concentrado de fazer a investigação, a ronda ostensiva, a prevenção e a repressão ao crime. Isso acho que é um ponto que deve ser defendido e de fato é política de segurança pública, diferente do porte de arma que é mais do ciclo completo? ...

Agora, eu só queria fazer um último comentário que a Samia falou que nunca vai me perdoar.

Graças a Deus você não vai me perdoar, o PSOL perdoou o Champinha, perdoou o Cesare Battiste.

Eu quem não quero ter o perdão da babá de assassino e estuprador.<sup>205</sup>

O vídeo em questão levanta um debate sobre o porte de armas, além de trocas de ofensas entre os participantes. Pode-se notar o uso de ironia e sarcasmo pelo membro do MBL. Ao levantar o debate sobre o porte de armas, o discurso proferido busca a polemização. Ao analisar esses segmentos da extrema direita, é possível notar que debates polêmicos são levados ao *mainstream* como uma forma de dar visibilidade dessas pautas perante a opinião pública. Uma das características dessa “nova direita” é tencionar posições politicamente corretas, ou seja, a partir de seu discurso buscam desestabilizar os grupos antagônicos com posições controversas.

No vídeo em questão, principalmente na parte final, há uma tentativa de separação do “nós” com o “eles”, na seguinte passagem: “Agora, eu só queria fazer um último comentário que a Samia falou que nunca vai me perdoar. Graças a Deus você não vai me perdoar, o PSOL perdoou o Champinha, perdoou o Cesare Battiste. Eu quem não quero ter o perdão da babá de assassino e estuprador”. Esse ponto de distinção pode ser visto como uma das principais características da nova direita, como apresentado na seguinte passagem:

Caracteriza-se por ser uma retórica divisiva que coloca nos antípodas o ‘nós’ – pessoa comum – e o ‘eles’ – a elite corrupta, o establishment. Aludindo ao maniqueísmo típico facilitador das agendas políticas, os líderes populistas assumem-se como porta-vozes da vontade geral popular.<sup>206</sup>

<sup>205</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube. Militantes do PSOL atacam MBL e Kim responde à altura*. 20 de set. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TTFs-0TeK6A>>. Acesso em 8 nov. 2023.

<sup>206</sup> GUIMARÃES, Luís Miguel. *A nova extrema-direita no ocidente*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2022, p. 3.

O terceiro vídeo de 2018 analisado traz uma mudança de linguagem em relação aos materiais anteriores. No vídeo em questão, o membro do MBL defende a candidatura de Jair Bolsonaro a partir de uma análise detalhada dos planos de governo de Haddad e Bolsonaro. O vídeo foi postado em 9 de outubro de 2018, e conta com 1.646.282 visualizações. Foi nomeado de “Os planos de governo de Haddad e Bolsonaro por Kim Kataguirí”. Conta com 08min09ss de duração. Apesar de longo, vale a leitura na íntegra, pois dá acesso à leitura que o MBL faz da disputa eleitoral presidencial, além de consolidar sua posição em meio a essa disputa. Segue a transcrição.

Kim: Fala pessoal, tudo bem? Vocês já devem ter visto o programa do Haddad que é assustador, eu destrinchei aqui no nosso canal pra todos vocês que se interessaram ai mais ou menos meia hora de vídeo, mas o G1 fez aí uma análise bastante interessante porque ele fez um resumo contrapondo ideias do programa do Bolsonaro com o programa do Haddad, eu acho isso importantíssimo ser divulgado principalmente em vídeo nesse segundo turno que eles tanto precisam de uma vitória de Jair Bolsonaro e estão precisando de uma derrota do PT.

Então vamos lá vou falar ponto a ponto pra vocês espalharem pros amigos para utilizarem numa eventual campanha numa virada de votos de quem antes vota no Alckmin, de quem antes votava no Ciro, de que votava no João Amoedo pra agora mudar o voto pra Jair Bolsonaro.

**Ideologia de gênero:** qualquer forma de diferenciação entre os brasileiros não vai ser admitida, isso está na página 6 do programa do Bolsonaro, já no programa de Lula e de Haddad, criar bolsas de estudos para travestis e transexuais né?? Ou seja, acabou com o critério meritocrático, acabou com o critério sócio econômico, não interessa pobre, rico ou não sei o que, o que interessa é se você é travesti ou se você é transexual, o que é uma discriminação por lei absurda até inconstitucional.

**Presídios:** Bolsonaro - Prender e deixar na cadeia quem tiver cometido crimes e acabar com a progressão de penas e a saída temporária, inclusive é uma das minhas propostas enquanto Deputado Federal, e já o programa do Lula e do Haddad: - Reduzir ao máximo a massa carcerária do Brasil, ou seja, reduzir o número de presos, através da liberação dos presidiários, olha só que maravilha.

Então tá! Tá faltando espaços nos presídios, vamos construir presídios novos, não, vamos soltar os presos, essa é a ideia do Haddad pra nossa crise do problema prisional.

Propriedade privada: Programa do Bolsonaro – reter da constituição qualquer relato de (inaudível) da propriedade privada, o que é seu é seu e vagabundo nenhum pode tirar de você.

Lula e Hadad – Enfrentar a criminalização do MST, ou seja, nosso direito, estamos trabalhando pra que um projeto que denomina, que define grupos como o MST que invadem terras, que espalham o terror como grupos terroristas, estamos lutando justamente pra que o MST seja tratado como merece, que é como um grupo terrorista e o Lula e o Haddad querem barrar completamente esse projeto.

**Impostos:** Bolsonaro - redução da carga tributária e aumentar a receita destinada aos municípios, ou seja, revisão do pacto federativo e você pagando menos imposto sobre o consumo.

No programa do Lula e do Haddad: - Criar imposto sobre a exportação. Já é difícil exportar, criando um imposto fica mais ainda. Criar imposto sobre lucros e dividendos, gerando menos empregos, menos lucro significa menos para a atividade, menos investimento significa menos empresas, que significa menos empregos, o que significa menores salários, é só uma desculpa bonitinha para dizer que eles estão taxando os ricos, mas no final das contas, no final das contas eles estão tirando dinheiro dos pobres.

E aumentar o imposto territorial rural, o ITR pra grandes propriedades.

**Imprensa:** - Bolsonaro – Contrariedade de qualquer regulação ou controle social da mídia, ou seja, todo mundo fala, aí Bolsonaro, autoritário não sei o que, quer censura não sei o que? Mas... programa de governo dele... e ele é bastante claro ao dizer que não vai regulamentar, que vai deixar a imprensa completamente livre.

Já o Lula e Haddad implantar mecanismo de regulação da imprensa e criar uma empresa pública de comunicação pra expor o posicionamento do governo, é basicamente um ministério da verdade pra expor a propaganda petista a propaganda populista.

**Lava Jato:** A justiça deverá seguir seu rumo sem interferências políticas, já o Lula e Haddad, promover uma reforma do sistema de justiça pra reduzir o poder de investigação do Ministério Público Federal, Então não só eles querem reduzir o poder do Ministério Público Federal pra investigação, como também eles querem aparelhar o Ministério Público e o judiciário com a desculpa que as minorias não estão sendo representadas no Ministério Público e no judiciário, então vamos acabar com o processo meritocrático, vamos acabar com o processo técnico e vamos colocar um monte de apadrinhado de partido político lá pra representar as minorias.

**Ministérios:** - Bolsonaro que reduzir, ah, os vinte e nove ministérios existentes atualmente, ainda não definiu exatamente quantos ministérios que ter ou quais ministérios, mas o compromisso é reduzir os 29 que hoje existem.

**Lula e Haddad:** Criar seis novos ministérios, incluindo ministério da pesca, ou seja, aquele ministério absolutamente inútil que existiu durante os governos petistas, vai voltar a existir simplesmente para ter um bonitão lá, pra ser chamado de ministro, sendo que ele Não faz absolutamente nada, sendo que ele não tem função relevante pro país e poderia muito bem ser uma simples secretaria anexada ao Ministério da agricultura.

**Empresas Privadas:** Bolsonaro – Fomentar o empreendedorismo fazendo com que o jovem saia da faculdade pensando em abrir uma empresa né? Ou seja, inverter essa lógica de hoje, porque infelizmente hoje, ah, o jovem sai da faculdade pensando em fazer concurso Público, (...) o problema é, o aluno sair da faculdade querendo prestar concurso público por causa do salário e da estabilidade e não por causa da função que ele vai cumprir, (...) mas porque ele viu uma vantagem naquele trabalho. [...]

**Ditadura Socialistas:** Bolsonaro – Deixar de louvar ditaduras assassinas socialistas e desprezar democracias importantes.

Já o programa do Lula no sentido contrário, desenvolvimento da infraestrutura de países do Mercosul incluindo a Venezuela, ou seja, lembrem de todo aquele dinheiro do BNDS que ...

(,,) Pois é o PT quer continuar essa política de financiar ditaduras totalitárias com nosso dinheiro.

Sindicatos: - Bolsonaro – Sindicatos devem ser voluntário contra a obrigatoriedade do imposto sindical, ou seja, você só paga seu sindicato se ele te representa, ...

Lula e Haddad valorização dos sindicatos e associações de trabalhadores, ou seja, mais do nosso dinheiro, pagador de impostos indo pra financiar um monte de vagabundo...

**Agro Negócio:** - Bolsonaro – Segurança no campo, políticas para consolidar o mercado interno e abrir novos mercados externos, melhora da logística para distribuição.

(...) o nosso agro negócio é muito bem desenvolvido.

[...] justamente pra combater esse absurdo o programa do Bolsonaro promove e defende a tolerância zero com o crime, essas são as diferenças essenciais mais gritantes entre os dois programas de governo.<sup>207</sup>

No vídeo o Movimento tece suas críticas e se posiciona em meio a disputa eleitoral de 2018, na qual os candidatos Jair Bolsonaro e Fernando Haddad disputavam a presidência da República. No vídeo, Kim Kataguirí, faz sua própria análise dos planos de governo, no qual monta uma narrativa declarando seu apoio a Jair Bolsonaro. O vídeo é dividido em subtópicos, de maneira que o primeiro deles fala sobre a “ideologia de gênero”. Segundo o discurso do membro do MBL, as cotas de inclusão a pessoas LGBT representam uma ameaça ao sistema meritocrático, uma vez que o esforço, dedicação e inteligência não seriam preponderantes nos concursos públicos, e sim aspectos de gênero. Essa perspectiva exposta por meio do vídeo interliga o posicionamento do MBL com a reação conservadora frente ao crescimento organizacional das pautas LGBTQI+; Kataguirí evoca o discurso meritocrático que, como já comentado, tem boa aceitação em meio as classes médias, uma vez que:

Essa tecnoburocracia de classe média, empregada nos novos setores da Economia privada e também no cada vez maior aparelho do Estado, tende a ver seus privilégios como “merecidos” e construídos por “esforço pessoal”. A meritocracia é um ponto nodal do mecanismo de identificação com as elites nacionais e estrangeiras, pois tende a santificar e legitimar o arranjo excludente dominante como sendo decorrente de uma competição social “justa”.<sup>208</sup>

O segundo ponto tratado no vídeo fala sobre a criação dos ministérios. Segundo o MBL, o grande número de ministérios ocorre por conta de uma sociedade multifacetada que necessita

<sup>207</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *YouTube. Os planos de governo de Haddad e Bolsonaro por Kim Kataguirí*. 9 de out. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EvJeonMtSlg>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

<sup>208</sup> SOUZA, Jessé. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. São Paulo: Estação Brasil, 2018, p. 120.

de vários tipos de organizações sociais para se fazerem presentes no jogo político. Na visão do Movimento, Bolsonaro deseja, em seu plano de governo, extinguir ministérios, algo supostamente benéfico para o povo brasileiro.

O terceiro fator tratado discorre sobre o empreendedorismo e os trabalhos públicos. Novamente uma das faces no neoliberalismo é apresentada, visto como uma ideologia que visa o desmantelamento do Estado; para além disso, visa a construção de sujeitos subjetivamente alinhados aos interesses de mercado, sem garantias e direitos empregatícios, que servem como mão de obra para a exploração dentro das relações de trabalho. A questão empreendedora é tão cara ao projeto neoliberal, que Sylvio Gadelha percebe que esse tipo de racionalidade já está presente, e é um marcante traço da cultura atual, que “se tem disseminado de forma surpreendente, por sua abrangência e poder de persuasão, uma nova discursividade nas searas educativas, que busca fazer dos indivíduos-microempresas verdadeiros empreendedores”<sup>209</sup>.

Já no tópico de ditaduras assassinas, o movimento expõe que o governo petista é alinhado a governos autoritários, enquanto Bolsonaro busca romper e se distanciar de tais regimes. Os tópicos finais recaem sobre os temas do agronegócio e da segurança pública, pelos quais, segundo o Movimento, Bolsonaro teria as melhores soluções e diretrizes para esses campos, utilizando, por exemplo, de mais autoritarismo e violência policial para resolver as questões ligadas a segurança.

Pois bem, como visto, o vídeo demonstra um posicionamento a favor de Bolsonaro na disputa eleitoral que se desenrolou em 2018, ilustrando assim a aliança formada entre setores liberais e conservadores para atingir o campo ideológico de esquerda. O MBL, enquanto força política capaz de mobilizar frações sociais, se insere como um importante agente político do seu tempo.

Analisamos aqui 15 vídeos e pudemos notar algumas formas de atuação, comunicação e ideias políticas expostas. Os três vídeos, que constam no banco de dados do MBL no *YouTube*, mais assistidos no ano de 2014, demonstram que o movimento se apropria de edições específicas do ambiente virtual que possibilitam, por exemplo, que Chico Buarque, um dos artistas que simbolizam uma associação à esquerda, seja satirizado e fale um discurso falso, enquadrado em um *meme* que gera humor ao mesmo tempo que faz críticas e associações de regimes de esquerda à classe artística brasileira. Já o segundo vídeo utiliza o imaginário popular

---

<sup>209</sup> GADELHA, Sylvio. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. *Educação & Realidade*, Rio Grande do Sul, n.º 34, n.º 2, pp.171-186, mai./ago.2009, p.156.

ao prever questões que seriam efetivadas, segundo o movimento, caso houvesse uma sequência dos governos petistas, evocando o sentimento de medo para atuar na decisão eleitoral. As críticas ao governo vigente à época vão permear a vasta produção audiovisual do Movimento. O terceiro vídeo do ano demonstra a utilização do ambiente virtual para a militância política por meio de protestos.

Portanto, as fontes em questão demonstram que as redes sociais são capazes de organizar a população enquanto um coletivo político mobilizado, também servem para evocar sentimentos e gerir críticas a determinados grupos. As ideias expostas constroem a narrativa de uma associação entre as classes políticas de esquerda e artísticas, buscam gerar medo a partir de uma hipótese e apelam para o sentimento de grandiosidade para a conquista de adesão civil aos protestos de rua.

O ano de 2015 testemunhou inovações na comunicação por meio de vídeos publicados no *YouTube*. Enquanto o primeiro vídeo analisado serviu como uma convocação organizacional para protestos, os vídeos subsequentes revelaram um conflito entre membros do corpo político, expondo uma divisão dentro da sociedade civil. É evidente que o Movimento Brasil Livre percebeu que, apesar de muitas vezes os mecanismos institucionais funcionarem longe do conhecimento do público, eles podem conquistar visibilidade e influência quando conseguem adesão popular. Assim, o MBL concentrou esforços significativos para mobilizar seguidores e apresentar sua versão dos eventos ao público que consome e interage nas redes sociais. Por fim, o terceiro vídeo de 2015, recorrem novamente a uma edição oriunda do ambiente virtual para contrapor as ideias de Lula, construindo a promoção do descrédito desse agente político. O MBL, no ano de 2015, reforça sua posição antagônica perante algumas forças e agentes inseridos no jogo político.

Em 2016, as fontes demonstram que o MBL busca fazer associações e alianças de modo a expandir seu capital social nas redes. Portanto, o primeiro e o segundo vídeo, posicionam duas figuras distintas para promover críticas, um ator e um ex-membro do PT. Já o terceiro vídeo chama para uma entrevista um palestrante e professor universitário, Luiz Felipe Pondé. As novas tecnologias inauguram novos tipos de mídias, ocorre um processo onde grupos e indivíduos passam organizar, interpretar e difundir as mensagens, atuando como mídias alternativas, sendo assim, o MBL para além de um movimento político pode ser encarado enquanto um veículo midiático. As associações feitas nos vídeos buscam reforçar o posicionamento contra o governo federal, tentando demonstrar que o sentimento de insatisfação é generalizado.

Em 2018, o MBL opta pelo tipo de vídeo de debate, ao gerar confronto de ideias e discursos. Ainda que amparado por edições que buscam consolidar tons satíricos e humoristas, os debates se intensificam. Nessa lógica, estabelecem as duas matérias com o maior número de visualizações. Já o terceiro vídeo conta com uma análise, um pouco mais detalhada, ainda que tendenciosa, dos planos de governo dos candidatos à presidência da República, consolidando a posição do Movimento ao lado de Jair Bolsonaro.

Ao olhar para as fontes analisadas de forma geral, podemos notar que as ideias associadas ao neoliberalismo, ainda que apareçam, são tímidas. O MBL recorre a fragmentos de ideias neoliberais que são expostas ao longo do material, entretanto, não opta por conteúdos aprofundados ou um embate teórico denso. Trata-se de um material panfletário e propagandista, que recorre a elemento da cultura *pop* e piadas, desfazendo e embaralhando os limites entre os campos da política e do entretenimento. O conteúdo é envolto e intrinsecamente associado a novas formas de estética da rede, que dão a possibilidade da mistura e da edição das imagens, recorrendo aos campos sensoriais para capturar a atenção dos internautas.

### CAPÍTULO 3 – O MBL NO FACEBOOK

A análise da produção digital do MBL no *Facebook* se revelou uma tarefa desafiadora, principalmente devido a sua abrangente quantidade de conteúdo. A partir de 2014, o movimento passou a publicar dezenas de postagens diárias. Apesar da diversidade de materiais disponíveis, é possível identificar algumas semelhanças notáveis, que serão o foco deste capítulo.

No capítulo, as formas de linguagem adotadas pelo MBL são mais enfatizadas do que os tópicos específicos que eles abordam. Propomos aqui a categorização do conteúdo em algumas áreas-chave: em primeiro lugar, observa-se uma construção deliberada da imagem do Movimento, com o uso frequente de palavras de ordem. Em segundo lugar, há uma vertente que se concentra na desacreditação de reputações, inicialmente direcionada ao Partido dos Trabalhadores e seus membros e, posteriormente, ampliada para atingir outras figuras públicas. E em terceiro lugar, observa-se o ambiente virtual enquanto propulsor da organização política, ou seja, na militância digital voltada para adesão popular, seja por meio da organização de encontros em locais físicos ou por apelar ao sentimento democrático e participativo.

A autopromoção e o ataque a adversários ideológicos são elementos constantes ao longo dos anos, dialogando com uma estratégia política comum de conquistar e mobilizar novos seguidores. As chamadas públicas para engajar politicamente o público seguem a mesma linha adotada pelo Movimento em seus primeiros anos de presença digital.

É importante notar que as publicações do MBL estão intrinsecamente ligadas aos eventos contemporâneos, pois buscam se relacionar com o cotidiano e sensibilizar o público. Para além de um olhar sobre as esferas da comunicação as fontes deram acesso a parte de uma história recente, narrada e organizada pelo Movimento. Como no segundo capítulo analisamos as produções audiovisuais, no terceiro capítulo focamos nas artes gráficas, nas imagens que ilustram e dão sentido à vida cotidiana, por meio da rede social mais utilizada no recorte temporal da presente pesquisa, o *Facebook*.

O uso do *Facebook* pode ser encarado dentro de um repertório de ação militante. Nesse sentido, encontram-se dois aspectos fundamentais, primeiro é o coletivo que se forma em volta de objetos de reivindicação, os atos de fala são instrumentalizados para atingir sua finalidade de mudança diante do objeto de reivindicação, o segundo é a própria dinâmica de troca de informações que se estabelecem nos meios digitais. Desse modo, Maria Ferreira complementa:

O conjunto de performances disponíveis forma um repertório de ação. As performances se agrupam em repertórios de rotinas de reivindicações que podem ser aplicadas na relação entre reivindicantes e objetos de reivindicação. A existência de um repertório de ação significa que o reivindicante tem mais do que um caminho para fazer suas reivindicações. Os repertórios variam de lugar para lugar, de tempos em tempos e de espaços para espaços. De forma geral, quando as pessoas fazem suas reivindicações, performando, elas frequentemente estão inovando. Porém, essas inovações ocorrem dentro de um conjunto de limites colocados por um repertório já estabelecido naquele lugar, no tempo e no espaço.<sup>210</sup>

### 3.1 2013: AS JORNADAS DE JUNHO E O SURGIMENTO DO MBL

O livro de Idelber Avelar, nomeado “Eles em nós retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI”, argumenta que a política brasileira foi marcada por uma administração dos antagonismos. Não que não houvessem conflitos, eles estão ali, mas a política institucional adotou um discurso de coalizão. Diferentes de outros países, nos quais há dois blocos bem demarcados em disputa, geralmente separados por liberais e conservadores, o Brasil apresenta antagonismos pouco “explícitos, sólidos ou duradouros”<sup>211</sup>. Isso se reforça com o governo petista, dotado de uma hábil de maleabilidade, casuísmo e reversibilidade. O Brasil se organiza politicamente, em períodos recentes, pelo presidencialismo de coalisção.

Junho assinalou o ponto final no período de uma década em que o lulismo havia sido capaz de administrar ruas silenciosas e movimentos sociais dóceis, cooptados pela fascinação em colaborar com um governo progressista que lhes oferecera inegáveis ganhos sociais e simbólicos. Em todo caso, o que não se podia negar é que Junho fizera aflorar antagonismos que até então pareciam dormentes ou invisíveis no corpo social.<sup>212</sup>

Aqui apresenta-se uma estratégia eficaz empregada pela chamada “nova direita”, que se concentra em consolidar, apontar e difundir um antagonismo. Ao longo de suas publicações, o MBL, dedicou-se constantemente a construir inimigos, a criticar o outro, e a moldar sua imagem. Ao fazê-lo, conseguiu capitanear importantes parcelas sociais, forjando seu inimigo e consolidando um polo antagonico. Apesar de generalizante, atacando o abstrato conceito de “esquerda”, é possível notar que, em cada período histórico, o Movimento se debruçou no

<sup>210</sup> FERREIRA, Maria. (2016). #BHNASRUAS: uma análise do confronto político contemporâneo a partir de páginas do Facebook. *Revista Eletrônica de Ciência Política*. vol. 7, n. 2, 2016, p. 5.

<sup>211</sup> AVELAR, Idelber. *Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XX*. Rio de Janeiro: Record, 2021, p. 89.

<sup>212</sup> *Ibid.*, p. 103.

desmanche da figura pública de atores específicos. A ascensão dessa nova direita, seria, portanto, alimentada por esse rompimento com a maleabilidade eleitoral.

O autor sinaliza uma mudança observada no cenário digital: os *memes*, que inicialmente recorriam ao humor e ao sarcasmo, foram, pouco a pouco, se transformando em uma linguagem agressiva, focada no ódio<sup>213</sup>. Essa transformação na forma da mensagem, pois seu conteúdo não deixou de exibir críticas e tecer uma ofensiva contra o governo vigente na época, também é notada a partir da análise das fontes digitais que o MBL fornece, nas palavras do autor: “na cultura do *YouTube* e da internet bolsonarista em geral, a rebelião juvenil agora era de direita”.<sup>214</sup>

Quem discute essa questão é Pablo Stefanoni, demonstrando como a nova direita obteve sucesso em capitalizar a indignação social, tecendo críticas à “realidade” e ao “sistema” para, assim, colocar em prática transformações que atingem os aspectos da cultura, linguagem e da política. Em suas palavras:

Estamos voltando a uma situação em que a democracia liberal é “tironeada” pela esquerda e pela direita? Apenas muito parcialmente: na verdade, as esquerdas “antissistêmicas” abraçaram a democracia representativa e o Estado de bem-estar, ou então se transformaram em grupos pequenos e sem repercussão efetiva; enquanto isso, são as denominadas “direitas alternativas” que vêm dando uma cartada radical, propondo “virar o jogo” com discursos contra as elites, o establishment político e o sistema.<sup>215</sup>

O MBL compra e reproduz essa essência antissistêmicas, posicionando-se dentro de um liberalismo antiestatal. Os problemas sociais, tais como a desigualdade econômica, a pobreza ou a fragilidade da segurança pública foram gerenciados pelo estado de bem-estar social, entretanto, esse modelo não conseguiu sanar tais questões apenas controlá-las. Os países periféricos, por sua vez, apesar de avanços significativos, nunca tiveram um estado de bem-estar social consolidado. A nova direita se valeu dessas contradições e passou a formular discursos de confronto. O surgimento do MBL, e sua consolidação, passa por uma aguda crise na esquerda reformista e seus limites. Essas contradições são explicitadas “perante as dinâmicas da inovação tecnológica e da globalização da economia e das finanças”.<sup>216</sup>

---

<sup>213</sup> *Ibid.*, p. 338.

<sup>214</sup> *Ibid.*, p.340.

<sup>215</sup> STEFANONI, Pablo. . ¿La rebeldía se volvió de derecha? cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo un nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2021. 180p. Resenha de: SANTOS, Fábio Alves. Ler as novas direitas. *Crítica Historiográfica*. Natal, v.2, número especial (Novas Direitas em discussão), ago. 2022, p. 13.

<sup>216</sup> *Ibid.*, p. 17.

Essa nova conjuntura acaba por embaralhar e redefinir as posições ideológicas, levando o progressismo a manifestar-se a favor do *status quo*. Para além disso, diante de um avanço neoliberal, setores da esquerda acabam posicionando-se a favor de um regresso político. Tomemos como exemplo as modificações impostas no campo trabalhista com o advento da “uberização”, com relações de trabalho ainda mais precárias, com direitos constitucionais historicamente conquistados ignorados, fazendo com que setores da esquerda passem a defender as leis trabalhistas de 1943.

Aqui, analisamos como o movimento construiu sua linguagem por meio das publicações do *Facebook*. Obviamente o traço mais marcante dessa política antagonista se deu no golpe sofrido por Dilma. Tendo o MBL cumprindo um papel fundamental: a mobilização popular para legitimar os atos jurídicos. Ainda assim, o ataque à credibilidade não se limita a Dilma Rousseff, sendo um mecanismo recorrente, não apenas para direcionar o ódio popular a figuras, mas para a consolidação da própria identidade do Movimento. Ao taxar algumas figuras enquanto corruptas, maléficas, ruins, entre muitos outros adjetivos negativos, o MBL coloca-se como contrário, como a solução, como o canalizador das vontades e valores mais benéficos. Na verdade, a definição do outro, está ligada ao projeto de poder que o grupo põe em prática; trata-se, portanto, de um mecanismo indispensável de sua atuação. Veremos aqui a construção retórica e imagética que perpassa a sua produção digital e tem como principal parâmetro o antagonismo. No “campo discursivo que possibilita diversas manifestações identitárias, só se torna possível por antagonismos”<sup>217</sup>.

Com os antagonismos expostos pela nova direita, tornou-se necessário novos campos de conflito, e novas linguagens, daí vem a importância da internet e de seus ambientes digitais, inaugurando novas formas de confronto. A nova direita prioriza a disputa cultural, para posteriormente conquistar o capital político. É uma estratégia que prioriza a disputa cultural para as conquistas eleitorais virem *a posteriori*. Mais do que isso, uma vez que as ideias se consolidem nos âmbitos sociais, os projetos seguem em curso independente dos atores que o promovam. É uma batalha pela conquista da influência da opinião pública e as armas utilizadas são as postagens digitais.

---

<sup>217</sup> FREITAS, Felipe Corral de. A política como antagonismo: a irredutibilidade do conflito político. **Caderno CRH**, Salvador, vol. 34, pp. 1-24, 2021, p. 2.

**Figura 12.** Marchas contra os impostos



Fonte: MBL, *Facebook*<sup>218</sup>

Em 2013, o MBL inaugura sua produção digital por meio do *Facebook*. Nesse sentido, o antagonismo busca estabelecer-se frente à classe política como um todo, algo se altera com o tempo, quando o movimento começa a promover alianças e participar do jogo eleitoral de forma mais efetiva. Outro ponto que é recorrentemente citado são os impostos. O já mencionado trabalho de Camila Rocha debruça-se sobre a formação de grupos ultraliberais que se organizam sobre o contrapúblico, segundo a autora:

O ultraliberalismo se diferenciaria do neoliberalismo por defender a abolição de uma série de políticas e instituições advogadas pelos neoliberais, como o monopólio da moeda, o Banco Central, uma política monetária ativa, órgãos de defesa da concorrência (antitruste), agências reguladoras estatais, investimentos estatais em infraestrutura essencial como estradas e portos, educação e saúde públicas básicas, políticas de renda mínima, imposto regressivo, monopólio do espectro eletromagnético e de rios e lagos, harmonização das leis e impostos entre os estados. Além disso, os ultraliberais não se preocupam apenas com questões econômicas, mas também costumam defender ativamente pautas liberalizantes no plano dos costumes, como a

<sup>218</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. **Marcha contra os impostos**. Publicação de 1º de julho de 2013. Disponível em: <<https://web.facebook.com/mblivre/posts/205564036234414I>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

liberação do porte de armas, do aborto, união homoafetiva e legalização da maconha. Porém, sem qualquer regulação estatal.<sup>219</sup>

### 3.2. 2014: O MBL E AS ELEIÇÕES DE DILMA ROUSSEFF

Já em 2014, assim como em outras plataformas digitais, o MBL intensifica sua atuação e o número de postagens. Aqui as críticas ao PT se tornam mais recorrentes. É importante notar como o campo simbólico atua em meio a essa formação coletiva. Na imagem abaixo, por exemplo, o Movimento utiliza da mordança como um símbolo, e faz um pedido para que o símbolo seja adotado nas manifestações que ocorriam no Brasil. O antipetismo é um fenômeno corriqueiramente estudado em períodos recentes. Ao traçar o perfil do público antipetista, Ribeiro, Carreirão e Borba notaram um público predominantemente jovem, branco, de classe média e escolarizado. Um recorte bem específico que auxilia na compreensão desse grupo em formação.

Assim, pode-se dizer que antipetistas pró-PSDB são brancos, mais velhos, mais escolarizados e com maior interesse pela política do que os não antipetistas; além disso, entre os brancos é maior a chance de um eleitor ter esse perfil de antipetismo (pró-PSDB) do que ter um perfil de não antipetista. Antipetistas que são simultaneamente antipessedebistas tendem a ser mais jovens e com menor interesse pela política, mas mais escolarizados do que os não antipetistas.<sup>220</sup>

Ainda que façam parte da classe trabalhadora, a classe média goza de bens de consumo e *status* simbólicos que as classes populares não têm; ainda assim, não está totalmente alheia às dificuldades socioeconômicas impostas pelo modelo capitalista presente, o que torna os integrantes dessas frações de classe aptos a se alinharem a projetos políticos quando esses formam narrativas que os contemplam.

---

<sup>219</sup> ROCHA, Camila. “Imposto é Roubo!”: a formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff. Artigos Originais. **Dados**, Revista de ciência sociais, Rio de Janeiro, vol. 62. pp 1-42, 2019.

<sup>220</sup> RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julia. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. **Opinião Pública**, Campinas/SP, 22 (3), pp. 603-637, dez/2016.

**Figura 13.** Símbolo das manifestações.



Fonte: MBL, *Facebook*<sup>221</sup>

A fonte demonstra essa articulação estabelecida entre a filial nacional e as células municipais, a imagem passa um recado aos coordenadores, pedindo a adoção de um símbolo, a mordaza, para representar a suposta censura sofrida. A criação de símbolos é um dos artifícios geralmente bem-sucedidos em sua função de transmitir mensagens por meio de imagens. Eric Hobsbawm analisa o uso dos símbolos no processo de consolidação dos Estados nacionais, percebe os símbolos como relevantes elementos de identificação coletiva; em suas palavras: “a vida política, assim, tornou-se então cada vez mais ritualizada e preenchida com símbolos e apelos de publicidade explícitos e subliminares”<sup>222</sup>. Portanto, o uso simbólico é explorado pelo MBL para fins de propaganda e, no caso, reivindicações.

<sup>221</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. **Símbolo das manifestações**. Publicação de 1º de julho de 2013. Disponível em: <<https://web.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/276860692438081>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>222</sup> HOBBSAWM. **A era dos impérios**. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 97

Ao utilizar o termo censura, o Movimento inclui-se em um longo debate acerca da liberdade de expressão. Algo que em tese é um dos pilares liberais. A nova direita, na qual está inserido o MBL, costuma articular posições, ideias e narrativas que destoam do politicamente correto. Nesse sentido, a defesa da liberdade de expressão é dos instrumentos utilizados para que essas ideias que destoam do politicamente correto possam ser pronunciadas. Os limites sobre a liberdade de expressão são tensionados em rede, e o MBL utiliza a palavra “censura” dentro desse contexto.

Apesar de ser uma mensagem transmitida pelos meios virtuais, e por isso é impossível mensurar o número de pessoas que a visualizaram, ela é destinada aos coordenadores do movimento, ao mesmo tempo em que torna públicas e passíveis de debate as reivindicações e os acontecimentos. As redes sociais tornam-se palco e meio de exposição desses conflitos.

Como se sabe, no ano de 2014, ocorreu a Copa do Mundo de futebol no Brasil. Esse evento ocasionou uma série de protestos organizados por movimentos de esquerda que cobravam maior investimento em setores como o da saúde, educação, transporte, além dos protestos gerados pelas remoções forçadas de grupos que tiveram que abandonar suas casas para a construção dos estádios<sup>223</sup>. Aliado a isso, a então presidente Dilma Rousseff foi vaiada nos estádios, por um público majoritariamente branco e de classe média alta. As mudanças no campo institucional são frutos de um contexto que contava com os protestos nas ruas, as manifestações de insatisfação nos jogos, e as redes sociais que permitiam acalorados debates sobre essa conjuntura; como demonstra Gabriele Araújo:

As manifestações contra a Copa do Mundo chegaram às ruas, organizadas basicamente em blogs, páginas no Facebook e com a participação de partidos à esquerda do PT. A autora identificou três grupos de manifestantes: (1) “Não vai ter Copa”; (2) “Comitê Popular da Copa”; e (3) “Comitê Popular dos atingidos pela Copa”. Os conteúdos discursivos repetiam as demandas de 2013: corrupção, saúde, educação, segurança, descrença nos partidos e nos políticos. Mas a Copa também representava outros significados, os gastos desnecessários, a incompetência e o desgoverno, ligados diretamente ao governo Dilma Rousseff e ao PT.<sup>224</sup>

---

<sup>223</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>224</sup> ARAÚJO, Gabrielle Oliveira de. Resistindo as remoções forçadas da Copa do Mundo na cidade de Porto Alegre: possibilidades e obstáculos à crítica pública. **Revista Contraponto**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/70254>. Acesso em: 30 nov. 2023, pp. 54-55.

### 3.3. 2015: ANÁLISE DO DOCUMENTO DE DIRETRIZES DE FILIAIS

O MBL lançou, em 2015, um detalhado documento<sup>225</sup> que orienta a abertura e o gerenciamento de filiais municipais.

Segundo o documento, os coordenadores têm que se submeter a diferentes diretrizes, entre elas: não podem ser filiados a partidos de esquerda, devem apresentar regularmente argumentos eleitorais e estratégicos dentro de alianças com partidos políticos, os coordenadores devem realizar reuniões “descontraídas” com seus membros para discutir ideias e promover o crescimento do movimento, as reuniões contam com uma ressalva:

Deve-se observar que tais reuniões devem primar pelo profissionalismo e pela objetividade, mas sem deixarem de ser leves e descontraídas, como uma reunião de amigos. O Movimento Brasil Livre foi criado e consolidado como um grupo que busca a tornar a política algo interessante e atraente para as pessoas comuns.<sup>226</sup>

A leitura do documento ajuda na compreensão das principais ideias do Movimento, bem como suas estratégias de implementação. A ordem dada pela sede nacional pedia que os integrantes fizessem uma coleta de opiniões populares, a partir de pesquisa, para saber como as pessoas avaliavam os serviços públicos da cidade, e qual seu nível de adesão a ideias “liberais”, tais como “a desregulamentação do transporte público municipal, desoneração tributária sobre empresas e parcerias público privadas nos setores da educação e saúde”.<sup>227</sup>

Portanto o foco central recai na “desregulamentação”, leia-se privatização, do setor de transporte. Já nas áreas de saúde e educação, o movimento aborda de maneira a enfatizar a parceria público privado, na qual as empresas privadas ganham licitação e fazem toda a estrutura que, após finalizada, se torna estatal. Outra forma é a de privatizar setores dentro das áreas de gerenciamento dos hospitais, laboratórios e escolas. Note-se que o ultraliberalismo busca o avanço do seu projeto, que se situa no desmonte do público em detrimento do privado, mesmo que as vitórias sejam gradativas.

Outro ponto do documento que chama atenção, recai sobre os grupos políticos que o Movimento encara como participantes legítimos do jogo político, são eles: “Um ambiente

---

<sup>225</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). Manual de instruções para filiais municipais. 2015. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/277263728/Manual-de-Filiais-do-MBL>> Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>226</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>227</sup> *Ibid.*, p. 26

político saudável deve primar pela existência de liberais, conservadores, sociais-democratas e verdes, devidamente representados por seus partidos e agentes políticos”<sup>228</sup>.

A forma com que as filiais devem produzir seu conteúdo digital também é fornecido pelo mesmo documento:

A programação visual das filiais do Movimento Brasil Livre deverá seguir o padrão da matriz. Dá-se preferência ao uso de cores “chapadas” (Flat design) sem a presença de “brilho”, “texturas” e “transparências” nas imagens. O logotipo municipal deverá conter a bandeira do seu respectivo estado da federação, a tipografia oficial “Movimento Brasil Livre” utilizando a fonte “futura” e o nome da cidade logo abaixo, com o fundo na cor branca. Os blogs, sites, banners e materiais gráficos produzidos pela filial deverão seguir tal padronagem.<sup>229</sup>

Mais do que ilustrar os padrões estéticos, o documento demonstra que, ao abrir uma filial, a célula municipal tem toda a rede digital do movimento como aliado, divulgando seus conteúdos e promovendo seus encontros e eventos. As redes sociais formam seu próprio ecossistema, com suas cadeias de relações entre os integrantes e os grupos menores. Ao colocar à disposição das filiais municipais as principais páginas do Movimento, o MBL forma uma cadeia que vai se retroalimentando, estabelecendo contatos e, conseqüentemente, crescendo.

Por fim, o documento reforça algo já notado nas fontes anteriores: a produção intelectual e a ocupação de espaços políticos orientam a atuação do Movimento. No documento em questão, esses pontos entram como metas, mas deixa claro que o objetivo final é a consolidação de suas ideias por meio de projetos de leis: “aprovação de projetos de lei que ampliem o espaço para a liberdade e a escolha do cidadão por meio da abertura ao setor privado de setores como saúde, educação, transporte, meio ambiente etc.”<sup>230</sup>

Além do direcionamento prático sobre o funcionamento das filiais, o documento orienta a formação de uma pequena biblioteca, contendo seis livros. Segundo a fonte analisada os livros servem para munir os integrantes das filiais nos futuros embates que ocorrerão, além de alinhar ideologicamente seus integrantes, os livros em questão são:

- As Seis Lições – Ludwig Von Mises;
- O Dinossauro – José Oswaldo de Meira Penna;
- O que é Liberalismo? – Donald Stewart Jr.;
- Economia Numa Única Lição – Henry Hazlitt;

---

<sup>228</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>229</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>230</sup> *Ibid.*, p. 10.

- Pare de Acreditar no Governo – Bruno Garschagen; e
- A Lei – Frédéric Bastiat.

Segundo o documento, as leituras ajudarão no repertório argumentativo que será utilizado nos debates, além de contribuir para formação ideológica dos membros das filiais. O campo das alianças também é descrito, citando nominalmente os partidos que podem gerar associações, são eles:

Novamente dá-se preferência a agremiações que não sejam abertamente refratárias ao ideário liberal, como o PSL, PSC, o Novo, o PSDB, o PMDB e o DEM. As especificidades da política local obrigam aos líderes do movimento efetuar alianças e coligações, e as mesmas são autorizadas se as IDEIAS DO MOVIMENTO FOREM HEGEMONICAS perante tal grupo.<sup>231</sup>

Chama a atenção o uso de um conceito de Gramsci, a hegemonia. A leitura que a direita fez do autor influenciou sua própria forma de atuação, o desejo é tornar-se hegemônico, os métodos recaem sobre a produção cultural. Seria o MBL composto pelos intelectuais orgânicos que disseminam os interesses das elites econômicas?

Quanto às principais ideias presentes no documento, elas seguem a tônica do restante das fontes: rechaçam os movimentos, partidos e atores ligados a esquerda, buscam consolidar uma produção intelectual — revistas, cursos, debates — e influenciar nas articulações governamentais que se estabelecem nos níveis regionais, “O objetivo do MBL neste contexto é recrutar e formar a nova massa crítica que irá transformar o cenário político do País”<sup>232</sup>.

Com essa abertura de filiais municipais, o MBL ramifica-se, hierarquiza-se internamente e passa a ocupar ainda mais espaço no cenário político de forma geral. É uma ação que gera um crescimento no nível de influência, ampliando o número de membros do Movimento e, conseqüentemente, seus contatos.

Outra constatação feita a partir da análise dessa fonte documental recai sobre as dinâmicas digitais. Ao abrir filiais em vários municípios espalhados pelo Brasil, o Movimento consegue ampliar a quantidade de sua produção digital, que passa a ser alimentada, também, por essas células do Movimento. Sobre esse ecossistema das redes sociais, a autora Meire Damasceno comenta:

---

<sup>231</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). Manual de instruções para filiais municipais. 2015. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/277263728/Manual-de-Filiais-do-MBL>> Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>232</sup> *Ibid.*, p. 9.

O termo ecossistema comunicacional apropria da biologia a ideia de que, assim como na natureza, a comunicação é estruturada por meio de diversos sistemas que coexistem em situação de interdependência, os quais englobam suas próprias formas de existir e de se organizar. Entretanto ao mesmo tempo, em que se conecta com os outros sistemas, cria uma relação de interdependência para o funcionamento do todo.<sup>233</sup>

Mesmo que as redes sociais tenham-se tornado importante espaço dentro das comunicações políticas, não podemos cair em uma análise fetichista das tecnologias, como se elas fossem o único elemento responsável pela ascensão das novas direitas em diferentes países. Se esse fosse o caso, teríamos uma homogeneização de vitórias eleitorais da extrema direita, algo que não se configura na prática. Nesse sentido, as redes sociais, ainda que sejam monopolizadas por oligopólios que habitam o Vale do Silício<sup>234</sup>, fazem parte de um contexto mais amplo, que incluem, por exemplo, a crise capitalista de 2008, que configura um processo de ruptura entre a política institucional e sociedade civil. Nesse contexto, os discursos radicalizados tendem a ter mais aceitação perante as parcelas sociais.

Com um discurso radicalizado e prometendo mudanças significativas e imediatas, somado a um ataque direto a classe política, que já estava desacreditada perante parcelas sociais, a nova direita conseguiu ascender. Inclui-se, nesse cenário, o MBL, um Movimento que nasce e cresce nessa onda da nova direita. Portanto, as redes sociais e sua apropriação é apenas um dos elementos que modificaram as formas de comunicação de forças já presentes no cenário político.

No ano de 2015, intensifica-se a produção digital voltada para o desmanche público da figura de Dilma Rousseff. Endossando o clima do *impeachment* que estava se formando, o MBL recheia suas páginas com a propaganda antipetista. Aliado a isso, o Movimento organizou manifestações de rua. Sobre o ano de 2015 e atuação do MBL, Kianne Follman nota:

Este foi o ano em que ocorreram as megamanifestações de direita com a pauta política do impeachment de Dilma Rousseff. O MBL ganha espaço nas redes sociais e mídia, bem como, protagoniza a organização das mobilizações de rua que ocorreram nos dias: 15 de março, 12 de abril, 16 de agosto e 13 de dezembro, reforçadas pela situação de crise ou recessão econômica e pelas

<sup>233</sup> DAMASCENO, Meire Daiana. Redes sociais digitais: o ecossistema comunicacional do *Facebook* e suas possibilidades comunicativas. Trabalho apresentado no GP Multimídia do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, 4 a 7 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1660-1.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2023, p.3.

<sup>234</sup> SCHRADIE, Jean. Ideologia do Vale do Silício e desigualdades de classe: um imposto virtual em relação à política digital. **Parágrafo**, [S.L.], jan./jun., 2017, v. 5, n. 1, p. 1. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/564/510>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

medidas do governo relacionadas ao ajuste fiscal, ao aumento dos impostos e aos cortes nos gastos sociais, o que gerou forte descontentamento social e desgastou politicamente o governo.<sup>235</sup>

A imagem que mais aparece nas publicações do MBL no ano de 2015 é de Dilma Rouseff, sempre dentro de uma conotação negativa, a ex-presidenta é mencionada como a causadora dos diversos problemas sociais que o Brasil passava; a imagem abaixo ilustra essas acusações.

**Figura 14.** Natal Dilma Rouseff.



Fonte: MBL, Facebook<sup>236</sup>

<sup>235</sup> SILVA, Kiane Follman da. **A reorganização da direita brasileira e o papel do Movimento Brasil Livre (MBL): da fundação ao impeachment de Dilma Rouseff (2013-2016)**. 138 fls. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFFS, 2020, p. 103.

<sup>236</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. **Natal. Dilma Rouseff**. Publicação de 26 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://web.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/334836446640505>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

Perceba como a mensagem assume um tom panfletário. Ao canalizar os problemas do País e ao associar a figuras em questão, o MBL conseguiu evocar e direcionar o descontentamento popular. Mauricio Tonetto nota que as Jornadas de Junho de 2013 foram propulsoras para as manifestações dos anos seguintes; pois ali, embora não tenha emergido inicialmente como uma crítica petista, a população expos sua insatisfação. O Movimento passou a direcionar essa insatisfação a figuras específicas, como demonstra:

Assim como ocorrera em 2013, os atos adquiriram coesão ao unificarem uma bandeira. Desta vez, era a retirada de Dilma do poder. Só que, diferentemente das Jornadas de Junho, os protestos de 2015 não se dispersaram. Organizados majoritariamente pelo MBL, eles centralizaram no PT todos os problemas que afligiam a sociedade brasileira, e personificaram nas imagens de Dilma e do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seu padrinho e predecessor, as causas para a corrupção e a crise econômica que travavam o desenvolvimento do País.<sup>237</sup>

Kianne Follman aponta que o MBL atuou no *impeachment*, mobilizando a sociedade civil e pressionando políticos a aderirem ao processo. Ameaçaram expor e-mails e telefones dos políticos que não aderissem ao processo. Outra tática utilizada foi a divulgação de figuras públicas que endossavam o pedido de *impeachment*.<sup>238</sup>

#### 3.4. 2016: A ATUAÇÃO FRENTE AO GOLPE

No ano de 2016, o Movimento Brasil Livre continuou a desempenhar um papel proeminente sob intensa pressão durante o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Sua atuação abrangeu uma gama diversificada de estratégias, indo além do uso habitual das redes sociais. O MBL empregou a veiculação de *outdoors* em várias cidades, nos quais a sociedade civil era instigada a cobrar dos agentes políticos esclarecimentos acerca do que alguns denominaram como golpe jurídico. Essas iniciativas refletem a abordagem multifacetada do MBL na mobilização e conscientização pública durante um período político crucial na história recente do Brasil. Uma estratégia digital notada por João Miranda foi a comparação entre os governos petista do Brasil e o de Mauricio Macri, eleito na Argentina em 2015, a ideia era uma comparação entre um governo “socialista e liberal”, no caso o MBL demonstrou que Macri

<sup>237</sup> TONETTO, Mauricio Bozzi. **Ciberativismo nas redes sociais: um estudo do Movimento Brasil Livre no pós- *impeachment* de Dilma Rousseff.** 2018. Dissertação de mestrado (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 85.

<sup>238</sup> SILVA, Kiane Follman da **A reorganização da direita brasileira e o papel do Movimento Brasil Livre (MBL): da fundação ao *impeachment* de Dilma Rousseff (2013-2016).** 138 fls. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFFS, 2020, p.116

atuou sob cortes econômicos, reduzindo ministérios e diminuindo os investimentos sobre setores chaves da Argentina. Enquanto isso, segundo a publicação do MBL, Dilma seguia utilizando as arrecadações públicas para gastos supérfluos. O corte de investimento em setores estratégicos é visto por João Miranda como uma ação dentro da agenda neoliberal que, segundo o autor, é

um projeto político transnacional que visa a manutenção e ampliação do poder político-econômico da burguesia através da intensificação da expropriação e exploração da classe trabalhadora – o que, por sua vez, fundamenta-se em, dentre outras medidas, retirada de direitos sociais e trabalhistas, privatização de empresas públicas, de modo a levar a “demissão do Estado” da produção e a liberalização econômica extensa para maior circulação do capital.<sup>239</sup>

O artigo escrito por David Maciel argumenta que o governo petista, sob a liderança de Lula, já era responsável por seguir o curso do projeto neoliberal, retomando a “capacidade de financiamento estatal para o grande capital e, principalmente, ao organizar a força política do mundo do trabalho, que passou a oscilar entre a adesão transformista à ordem neoliberal e o isolamento político e social, aliado à fraqueza eleitoral”<sup>240</sup>. O papel do MBL configura-se em uma intensificação desse projeto em curso, acelerando o processo, além do esforço para atrair o apoio popular para o projeto neoliberal.

Se os governos petistas conseguiram conciliar “a aplicação de uma política econômica favorável ao grande capital com políticas sociais compensatórias que conferem ao governo enorme apoio popular”<sup>241</sup>, alguns grupos perceberam que, com a exclusão dessas políticas sociais compensatórias, era possível acelerar o processo de desmantelamento do Estado, servindo aos interesses de elites econômicas descontentes com a sua fração de lucro.

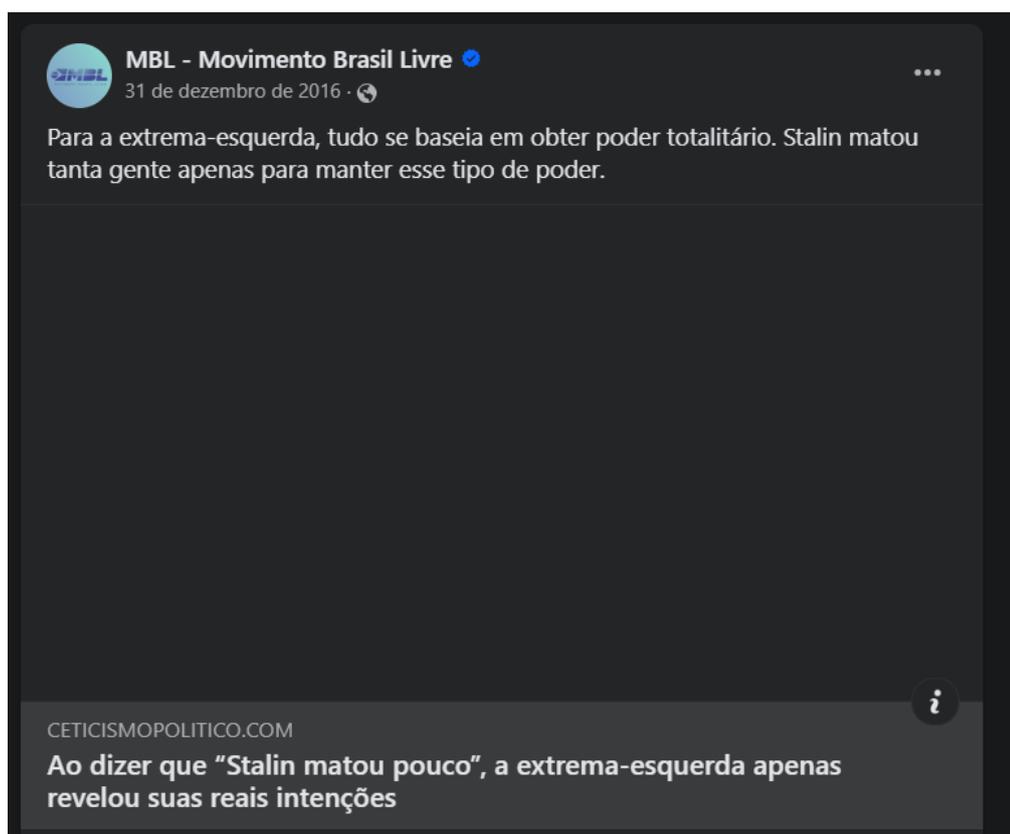
---

<sup>239</sup> MIRANDA, João Elter Borges. **A patrulha ideológica da burguesia: a atuação do partido Movimento Brasil Livre na construção do golpe de 2016.** 623 fls. Dissertação de Mestrado em História. 2021. Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Disponível em: <[https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5731/5/Jo%c3%a3o\\_Miranda\\_2021.pdf](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5731/5/Jo%c3%a3o_Miranda_2021.pdf)>. Acesso em 8 nov. 2023, p.395.

<sup>240</sup> MACIEL, David. “Melhor Impossível”: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o governo Lula. **Universidade e Sociedade**, Brasília/DF, ano XX, n. 46, pp. 120-133, junho de 2010. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/e51f62b6-f10c-4578-88a2-268836e41190/content>>. Acesso em: 8 nov. 2023, p.120.

<sup>241</sup> *Ibid.*, p.121.

Figura 15. Stalin.



Fonte: MBL, *Facebook*<sup>242</sup>

No ambiente virtual a história se torna um espaço de disputa. O MBL evoca essas discussões que se dão no campo acadêmico para a população, assumindo um caráter didático. Novamente o MBL recorre à associação entre “extrema esquerda” e totalitarismo. É possível identificar um padrão discursivo de associação, caracterizando uma superprodução constante, que passa a refletir parte do imaginário social e notar “a existência de um novo tipo de poder, cujo lugar por excelência é o ciberespaço e que se manifesta não mais via, mas na capacidade de modular escolhas, fluxos, indivíduos. No que o filósofo chamou de “sociedades de controle”<sup>243</sup>.

O MBL age a partir de dois objetivos centrais, o primeiro é o de organizar e direcionar a vontade coletiva, o segundo é estabelecer uma reforma subjetiva que atinge novas concepções de mundo. Desse modo os acontecimentos históricos são revisitados pelo Movimento, a história, e sua interpretação, torna-se um campo de disputa. Na linguagem da publicação, o

<sup>242</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. Stalin. Publicação de 31 de dezembro de 2015. Disponível em: < <https://web.facebook.com/mblivre/posts/503968693060612>>. Acesso em: 8 nov .2023.

<sup>243</sup> SALVIANO, Maria Cortez. Eleições e propaganda política computacional: um olhar sobre a atuação do MBL. durante o período eleitoral de 2018 *In: Encontro da Rede de Pesquisa em Governança da Internet*, Manaus, 2019, p. 9.

MBL recorre a associações. No caso da imagem 15, o genocídio é associado à esquerda de forma geral, é uma construção que visa a criminalização das esquerdas, o que acarretaria em seu banimento da arena política institucional. As mudanças subjetivas dificilmente ocorrem do dia para a noite, ou seja, fazem parte de um processo gradativo, no qual a mente vai assimilando as mensagens e, com o tempo, formando a própria posição subjetiva dos indivíduos. Isso explica o massivo e repetitivo conteúdo do MBL, em que se altera a forma, leia-se a embalagem, mas o conteúdo segue o mesmo.

No ano de 2017, o MBL conduziu uma campanha pedindo o fechamento de uma mostra de arte; segundo o Movimento, essa obra reproduzia a blasfêmia, a pedofilia e a zoofilia<sup>244</sup>. O ato demonstra essa participação do Movimento em aspectos culturais, disputando espaços. Essa ação, que explora o mundo das controvérsias e polemicas, além de influir na produção cultural, acaba por projetar o MBL.

Mauricio Tonetto nota que o movimento se tornou um aliado de figuras políticas que desejavam se projetar por meio do cenário virtual. Nesse sentido, o MBL passou a ser abordado por diferentes figuras políticas, uma vez que já haviam participado da “queda de um presidente e devem interferir diretamente nas eleições de 2018”<sup>245</sup>.

### 3.5. 2017: O ANO DO TRIUNFO

O ano de 2017 contou com a aprovação da reforma trabalhista, uma mudança que flexibiliza as relações de trabalho e favorecem o mercado informal. Com Michel Temer à frente do Poder Executivo, o projeto neoliberal se acentua. Nesse contexto, o MBL passa a ser um movimento disputado por parte dos agentes políticos, uma vez que já demonstrara sua força digital e havia, ao longo dos anos, consolidado certos níveis de capital social, digital e político, que podiam servir nas Eleições de 2018. Com uma participação midiática na disputa eleitoral de 2018 garantida, o movimento direcionou seu fluxo informacional para atacar a esquerda, de forma geral.

---

<sup>244</sup> TONETTO, Mauricio Bozzi. **Ciberativismo nas redes sociais: um estudo do Movimento Brasil Livre no pós- impeachment** de Dilma Rousseff. 2018. Dissertação de mestrado (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, p. 91.

<sup>245</sup> *Ibid.*, p.92.

Figura 16. Coisas que não funcionam.



Fonte: MBL, Facebook<sup>246</sup>

Aqui podemos notar o uso de símbolos e do “humor” para disseminar sua mensagem, ao colocar objetos que não tem utilidade ao lado do símbolo que representa o comunismo. Os símbolos transitam na história da humanidade e, assim como a linguagem, são reinterpretados e adquirem novos significados. Nesse sentido, a publicação age nessa reinterpretação simbólica, “assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato”<sup>247</sup>.

O anticomunismo é um dos grandes tópicos da nova direita, um tópico compartilhado pelos diferentes grupos que a formam. A ofensiva do MBL contra a esquerda estabelece-se por meio de ataques a figuras políticas, símbolos e discursos. Forjar o antagonismo com a esquerda não é uma simples ação de oposição, na verdade faz parte da estratégia de mobilização, nesse

<sup>246</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. **Coisas que não funcionam**. Publicação de 30 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://web.facebook.com/mblivre/posts/pfbid0sRu3UL1syS12q6DCZhCR5qJTdEX5Y76G4zaVhFAnZ9PZEvnyUVGBE2giMWvUmzYTl>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>247</sup> JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016. p.33.

sentido, o anticomunismo e o antipetismo são o elo que atua na formação dessa identidade coletiva, nas palavras de João Miranda

Mesmo a pequena burguesia não sairia aos milhares às ruas para lutarem por contrarreformas como a da previdência, a do teto de gastos, a trabalhista, ou ainda, em prol de cortes na educação, saúde, segurança, em benefício do setor privado. Não sairiam às ruas para apoiar a restauração do capital pura e simplesmente, em defesa explícita da agenda neoliberal, a qual, como se sabe, é profundamente prejudicial para nós – os de baixo. Por isso, aparelhos da burguesia, como o MBL, precisavam de um “inimigo comum” para unificar e mobilizar as pessoas a irem às ruas.<sup>248</sup>

No ano de 2017, o MBL faz recorrentes associações entre os governos petistas e o regime da Venezuela<sup>249</sup>. Configurando uma das estratégias centrais de sua atuação digital. Concomitantemente com essa produção antipetista, o movimento dedica parte de sua produção ao descrédito do socialismo de forma geral<sup>250</sup>. Entre suas ideias, consta a defesa do armamentismo<sup>251</sup>, além de posicionarem-se a favor da cobrança de mensalidades nas universidades públicas<sup>252</sup>. Essas publicações são importantes para demonstrar que a vasta produção digital do Movimento atua em diferentes frentes: a primeira, na construção de descrédito de figuras, partidos e movimentos de esquerda, é um posicionamento estratégico diante do período eleitoral que se configurava no horizonte. A segunda, na divulgação de ideias que visam intervir na sociedade por meio de projetos de lei, tais como as cobranças de mensalidades nas universidades públicas e a defesa do porte de armas.

---

<sup>248</sup> MIRANDA, João Elter Borges. **A patrulha ideológica da burguesia**: a atuação do partido Movimento Brasil Livre na construção do golpe de 2016. 623 fls. Dissertação de Mestrado em História. 2021. Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Disponível em: <[https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5731/5/Jo%c3%a3o\\_Miranda\\_2021.pdf](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5731/5/Jo%c3%a3o_Miranda_2021.pdf)>. Acesso em 8 nov. 2023, p.425.

<sup>249</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. Publicação sem título, 31 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/648680468589433/>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>250</sup> *Ibid.*, **Capitalismo x Socialismo**. 31 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/648653265258820/?>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

<sup>251</sup> *Ibid.*, **Armas**. 31 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/videos/477609859029829>>. Acesso em: 8 nov. 2023

<sup>252</sup> *Ibid.*, **Universidades Públicas**. 31 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/648515278605952/>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

### 3.6 2018 O MBL E A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO

O ano de 2018 contou com a prisão de Lula, a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, e é feito o texto da reforma tributária. Segundo Jairo Nicolau, em sua obra “o Brasil dobrou a direita uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018”, há três fatores fundamentais dentro de qualquer eleição em períodos relativamente recentes. O primeiro é que o candidato deve disponibilizar uma grande quantia monetária para disseminar sua propaganda a fim de contabilizar votos, o segundo é obter espaços midiáticos e o terceiro é construir uma rede de apoio sólida em diferentes estados<sup>253</sup>.

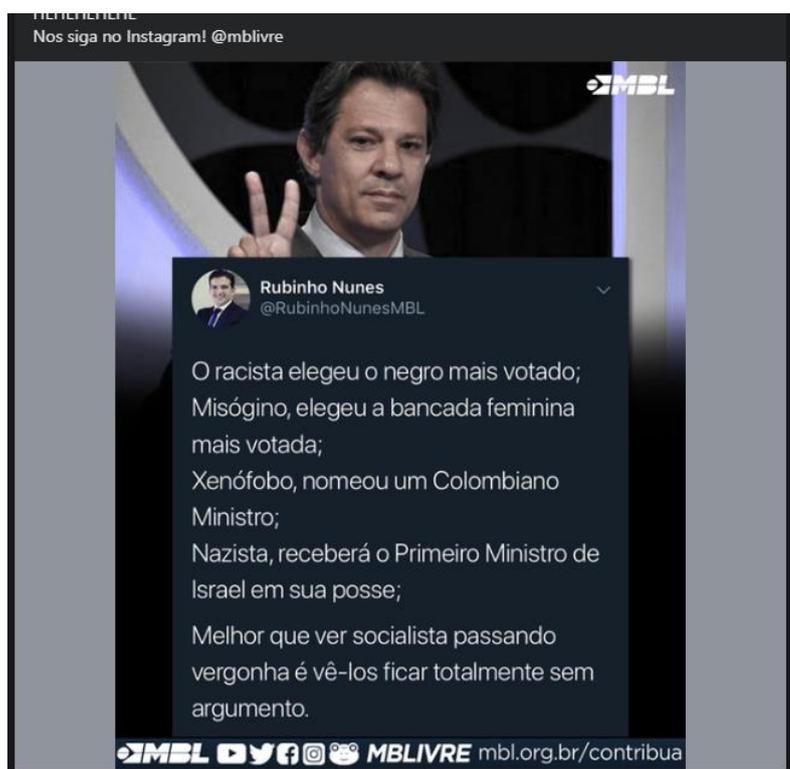
Em 2018, o MBL expressou seu apoio a prisão de Lula e comemorou esse acontecimento<sup>254</sup>. Além disso, dedicou seus recursos digitais para respaldar a campanha de Jair Bolsonaro, canalizando sua vasta produção digital para promover o então candidato. Essa estratégia envolveu, em grande parte, a desconstrução da imagem do então candidato Fernando Haddad. A imagem abaixo demonstra parte da estética adotada nesse empreendimento.

---

<sup>253</sup> NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p.23.

<sup>254</sup> MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). *Facebook*. **Obrigado, 2018!**. 31 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/1249197831871024/>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

Figura 17 – Fernando Haddad



Fonte: MBL, Facebook<sup>255</sup>

A publicação faz uma defesa de Jair Bolsonaro, contrapondo alguns dos argumentos que eram evocados para atacá-lo. No fundo da imagem podemos ver a figura de Fernando Haddad. A edição digital constrói a ideia de apoio eleitoral, mesmo que de forma velada. Nesse ponto, as redes sociais já estavam instrumentalizadas na arena política, nas palavras de Pedro Pimentel e Ricardo Tesseroli:

Em 2018, o Brasil chegou ao contexto eleitoral com mais de 110 milhões de usuários de internet, ocupando o 3º lugar entre os países com maior número de usuários do Facebook e o 6º, entre os usuários do Twitter (RUEDIGER, 2018c). Além disso, para 2018, as restrições legais às campanhas online foram reduzidas ainda mais, em função das novas regras editadas pelo Congresso Nacional em 2017 (Lei 9.504/97), que passaram a permitir o chamado “impulsioneamento de conteúdo” como forma de propaganda paga na Internet.<sup>256</sup>

<sup>255</sup> *Ibid.*, **Fernando Haddad**. Publicação de 30 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856/1211978375592970/>>. Acesso em: 8 nov .2023.

<sup>256</sup> PIMENTEL, Pedro Chapaval; TESSEROLI, Ricardo. (orgs.) **O Brasil vai às urnas: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet**. Londrina : Syntagma Editores, 2019, p. 25.

## CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objeto central o MBL. Buscamos discutir e compreender as formas pelas quais o movimento opera suas redes sociais, mais especificamente o *Facebook* e o *YouTube*. Além disso, mapeamos as principais ideias do movimento expostas por meio desses conteúdos digitais. O primeiro capítulo iniciou-se com um debate sobre o papel da mídia na formação, divulgação e no impacto social das ideias. Pudemos notar, a partir de uma perspectiva histórica, que as mídias sempre foram articuladas nas disputas políticas, e que o desenvolvimento tecnológico foi responsável por revoluções no campo midiático.

As questões centrais discutidas envolvem as especificidades de cada mídia, nos tipos de mensagem que circulam por meio delas, e nos fenômenos sociais que elas ocasionam. Viu-se como a internet, sendo apropriada e utilizada nos contextos recentes, fez com que indivíduos migrem do anonimato para o campo político institucional, do mesmo modo que as figuras do campo político institucional tiveram um novo mecanismo de comunicação de massas.

Ainda dentro do relacionamento entre política e mídia digital, pudemos notar o surgimento da militância digital, que são identidades individuais e coletivas que direcionam seus esforços em rede para captar indivíduos e promover ideias políticas. Outra especificidade do campo digital é a formação de bolhas sociais, grupos formados que compartilham certas noções, valores e ideias e interagem com a troca de informações.

Além disso, os algoritmos são responsáveis por direcionar um conteúdo baseado na preferência dos indivíduos. Ao adentrar em uma rede social, cada utilizador tem acesso a um conteúdo específico e moldado para os seus gostos. São, enfim, as dinâmicas das redes que viabilizam seu funcionamento e as formas de distribuição de conteúdo.

Porém, um dos grandes debates apresentados ao longo da pesquisa recaiu sobre as potencialidades democráticas do campo virtual. O campo acadêmico conta com incontáveis triunfalistas, que enxergam o mundo digital enquanto um aliado à participação democrática, uma vez que as opiniões e os debates sociais ganharam outra escala de divulgação e contato; nesse sentido, as redes sociais são vistas por eles como espaços públicos que fortalecem a cidadania. Já um outro campo acadêmico, com uma posição mais crítica, salienta que as hierarquias sociais, a desigualdade de acesso, a alienação, e o imperialismo valem-se do campo virtual para garantir seu domínio. Realmente, é difícil mensurar o poder dos oligopólios do campo digital, sua influência política e atividade de controle e vigilância social não podem ser

subestimados, ou não citados. Em certo sentido, o poder desses oligopólios foi mais ampliado que mitigado com o advento das redes sociais — a televisão, por exemplo, tem um acesso menor a nossa intimidade do que o *WhatsApp*.

Ainda assim, o campo virtual é responsável por inaugurar fenômenos sociais, sejam eles de ampliação e novas possibilidades de contato social ou reforço das velhas táticas de domínio. Uma perspectiva, claro, não anula a outra. Na parte final do trabalho, encaramos as redes virtuais como espaço de divulgação ideológica, ou seja, campos de atuação de forças políticas que oferecem uma interpretação da realidade. As redes funcionam também como um transformador das disputas políticas em “espetáculos”, instrumentos do entretenimento que ganham uma nova roupagem para serem melhor digeridos pelo grande público.

No capítulo seguinte, nos debruçamos sobre a “nova direita” e o neoliberalismo. Nele, tomamos como base os estudos atuais que enxergam o neoliberalismo no seu campo de atuação estatal, mediante reformas e na efetivação de políticas públicas, ainda que voltadas para o desmantelamento do Estado, seguidos pelo neoliberalismo e sua atuação no campo subjetivo. Além dos estudos de David Harvey, que já enxerga o neoliberalismo dentro das dinâmicas transnacionais, pudemos constatar que o neoliberalismo é uma corrente maleável e adaptável, embora tenha um caráter transnacional. Trata-se de uma força política e ideológica do tempo presente capaz de impactar a subjetividade do corpo social, além das políticas institucionais e das relações geopolíticas. O MBL, enfim, coloca-se como um agente dessa força política.

Quanto ao conceito da nova direita, tema muito debatido na literatura especializada, pudemos notar seu caráter multifacetado. No que diz respeito ao Brasil, a formação da nova direita se deu durante o governo petista e em oposição a ele, setores da classe média, brancos e do centro sul foram os mais captados para essa vertente. Houve uma adequação e uma mudança de repertório de agentes da direita tradicional, algo que inaugura uma “nova direita” com repertórios comunicacionais e militantes até então inéditos. Portanto, a nova direita está relacionada com o incremento de novos atores políticos, novos discursos e novos repertórios políticos eleitorais. Além disso, as manifestações de julho de 2013 foram preponderantes na exposição da insatisfação popular, dando visibilidade a um público novo, até então despolidizado, que entrara no jogo político e fora captado pelas ideias da direita, que circulavam massivamente no campo digital.

Ao analisarmos as ideias da direita no mundo virtual, constatamos que as *think tanks*, que são instituições financiadas pelo aparato privado que disseminam a produção intelectual, foram fundamentais nessa remodelagem da nova direita. As *think tanks* são citadas na maior

parte dos trabalhos acadêmicos sobre o MBL, o que torna sua influência preponderante na organização desse tipo de movimento. Entre as principais ideias da nova direita, divulgada por meio dos mecanismos digitais, pudemos notar: o conservadorismo moral, que enquadra um tipo de família, de conduta e valores voltados para os campos normalizados pela cultura hegemônica das décadas anteriores; o antipetismo, alimentado pelo descontentamento de setores da classe média e pelos escândalos de corrupção; e o neoliberalismo no campo econômico, que ataca o Estado de forma simbólica e institucional.

Já no capítulo 1, subitem 1.3, que descreve as direitas brasileiras e os usos da internet, podemos concluir que parte dessa nova direita buscou romper com o passado violento da ditadura militar, e que, além disso, Olavo de Carvalho foi um dos alicerces teóricos desses grupos em estágios de ascensão e ou consolidação. Desse modo, debatemos o papel das redes sociais dentro do contexto das políticas eleitorais.

Observamos o Movimento atuando não apenas na promoção ou exclusão de agentes públicos, mas também na própria subjetividade do corpo social que passa a normalizar determinadas ideias a partir de uma vasta produção digital que permeia as redes sociais.

No segundo capítulo, analisamos a produção digital do MBL no *YouTube*, constatando que o movimento se vale de parte do imaginário social forjado em meio a cultura *pop*, se apropriando de símbolos e imagens para expor seus conteúdos. Além disso, vimos que eles se valem das possibilidades de edição, e o apelo a sentimentos para conquistar adesão social. Os vídeos demonstram que diferentes formas de linguagem foram utilizadas, para atingir diferentes públicos. O MBL opera suas redes sociais a partir de um esfacelamento das linhas que demarcam o que é política, o que é informação e o que é entretenimento. Para vender suas ideias, o movimento utiliza-se de uma *performance* teatral, espetacularizando o jogo político.

Por fim, o Capítulo 3 discorre sobre a produção digital do MBL no *Facebook*. Pudemos notar que a primeira característica é a superprodução, visto que são dezenas de publicações diárias, ocupando o espaço informacional da rede social. Outras características englobam seu papel do *impeachment* de Dilma Roussef, com o massivo conteúdo ofensivo à ex-presidente e a outras figuras com quem o MBL buscou construir uma relação antagônica.

De modo geral, as principais ideias do Movimento seguem a cartilha neoliberal. O MBL é um agente político de seu tempo; e seu papel, dentro das democracias liberais, é de tencionar o campo das ideias para a extrema direita. Sendo assim, a política final instituída, ou a subjetividade dos sujeitos, vai se dar a partir dessa correlação de forças que o MBL se insere. O movimento articula-se entre os campos institucionais e da comunicação, legitimando e normalizando ideias perante a opinião pública.

## REFERÊNCIAS

ABBUD, Bruno. O grupo da mão invisível: dois meses de conversas no WhatsApp do MBL. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 out 2017. Piauí. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

ABILIO, Marcus. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. *In*: **IV ENCONTRO DA COMPOLÍTICA**, Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDERSON, Perry. **A crise no Brasil**. Blog da Boitempo, 21 de abr. 2016. Disponível em: <<https://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2016/abril/16.04-Crise-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. **Brasil à parte**: 1964-2019. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

ARAÚJO, Gabrielle Oliveira de. Resistindo as remoções forçadas da Copa do Mundo na cidade de Porto Alegre: possibilidades e obstáculos à crítica pública. **Revista Contraponto**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/70254>. Acesso em: 30 nov. 2023, pp. 54-55.

ARAÚJO, Wecio Pinheiro. A ideologia na era digital: a imagem e os algoritmos como formas tecnológicas de dominação social. *ethic@*, Revista Internacional de Filosofia da Moral, Florianópolis, v. 20, n. 2, 2021.

AVELAR, Idelber. **Eles em nós**: retórica e antagonismo político no Brasil do século XX. Rio de Janeiro: Record, 2021.

BALLERINI, Frantjesco. **Poder Suave**: a força mais eficiente do mundo. São Paulo: Summus, 2017.

BASTOS DOS SANTOS, João Guilherme. CHAGAS, Viktor. Direita transante: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL. **Matrizes**, São Paulo, vol. 12, n. 3, pp. 189-214, 2018.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Tradutor: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Paz & Terra, 2009.

\_\_\_\_\_; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. UnB, 1992.

BOITO JUNIOR, Armando. Estado e burguesia no capitalismo neoliberal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 28, pp. 57-73, 2007.

\_\_\_\_\_. Os conflitos de classe na recente história política do Brasil. **Princípios**, São Paulo, v. 42, n. 166, 2023.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Discurso e polêmica num debate político. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, nº 37, pp- 129-143, 1994.

\_\_\_\_\_. Discurso e modelos de identidade política. *In*: POSSENTI, Sírio; CHACON, Lourenço. **Cadernos da FFC: análise do discurso**. Marília, v. 6, n.2, pp. 59-72, 1997.

BRESSAN, Renato Teixeira. *YouTube: intervenções e ativismos*. *In*: **XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**, Juiz de Fora, Minas Gerais. 2007.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Assalto ao Estado e ao mercado, neoliberalismo e teoria econômica. **Estudos avançados**, São Paulo, n. 23, pp. 7-23, 2009.

BRODBECK, Pedro.; PRUDENCIO, Kelly Cristina. Liberais ao estilo populista: a argumentação do MBL no *YouTube*. **Media & Jornalismo**, [S/L}, v. 22, n. 40, 2022, p. 262.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo. Editora Politeia, 2019.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 7, n. 21, 2015.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CARVALHO, Daniel Gomes de. O que é o liberalismo? O que significa ser liberal? **Café História – história feita com cliques**. Publicado em: 8 jun. 2020, p. 8. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/o-que-e-o-liberalismo-o-que-significa-ser-liberal/>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. A Revolução Francesa, as direitas e as esquerdas: persistências. *Uol*. São Paulo. 27 de outubro de 2022. **Revista Cult**. Edição do mês de outubro/2022. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/revolucao-francesa-as-direitas-e-as-esquerdas-persistencias/>>. Acesso em 08 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. **A Revolução Francesa**. São Paulo: Ed. Contexto, 2022.

CAVALCANTE. Davi Barboza. **Quem são os grupos de direita que ganharam as ruas do país: uma análise de redes com ênfase nos atores e nas pautas do Movimento Brasil Livre e do Vem pra Rua**. 2019. 105 fls. Tese de doutorado. Doutorado em Ciências Políticas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 23, n. 2, 2018, pp. 41-45.

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. **Revista Famecos**, v. 25, n. 1, Porto Alegre, 2018.

\_\_\_\_\_; MODESTO, Michelle; MAGALHÃES, Dandara. O Brasil vai virar Venezuela: medo, memes e enquadramentos emocionais no WhatsApp pró-Bolsonaro. **Esferas**, Brasília, n. 14, 2019.

CRUZ, S. V; Kaysel, A; CODAS, G. (orgs.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

DAMASCENO, Meire Daiana. Redes sociais digitais: o ecossistema comunicacional do *Facebook* e suas possibilidades comunicativas. Trabalho apresentado no GP Multimídia do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. *In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro, 4 a 7 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1660-1.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DOMINGUES, João.; PAULA, Leandro de. “Esse tipo de ‘artista’ não mais se locupletará da Lei Rouanet”: políticas culturais e sentidos em disputa no Brasil pós-*impeachment*. *In: XV ENECULT – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura*, Salvador, 1 a 3 de agosto de 2019.

EAGLETON, Terry. **Ideologia:** uma introdução. São Paulo: UNESP/Boitempo, 1997.

FERREIRA, Maria. (2016). #BHNASRUAS: uma análise do confronto político contemporâneo a partir de páginas do *Facebook*. **Revista Eletrônica de Ciência Política**. vol. 7, n. 2, 2016.

FOLLMAN, Kiane. **MBL:** crise política e conflito de classes no Brasil. Curitiba: Editora CRV, 2020.

FREITAS, Felipe Corral de. A política como antagonismo: a irredutibilidade do conflito político. **Caderno CRH**, Salvador, vol. 34, pp. 1-24, 2021.

GADELHA, Sylvio. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, n.º 34, n.º 2, pp.171-186, mai./ago.2009.

GUIMARÃES, Luís Miguel. **A nova extrema-direita no ocidente**. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2022.

HARVEY, D. **O neoliberalismo:** história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

HOBSBAWM. **A era dos impérios**. Tradução: Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

KATAGUIRI, Kim; SANTOS, Renan. **Como um grupo de desajustados derrubou a presidente: MBL:** a origem. São Paulo: Editora Record, 2017.

KIERECZ, Marlon Silvestre. A crise da democracia representativa no Brasil. **Cadernos do programa de pós-graduação em Direito PPGDir./ UFRGS**, vol. XI, n. 2, pp- 360-385, 2016.

LACERDA, Gustavo Haiden; Di RAIMO, Luciana Cristina Ferreira Dias. Processos de (super/des/contra-) identificação *online* e produção de subjetividade no efeito-reação em redes sociais. **Texto Digital**. Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes. Florianópolis, vol. 18, n. 1, pp. 115-139, 2022.

LANGA-NUÑO, Concha; BALLESTEROS-AGUAYO, Lucia (eds.). *Movimientos populistas en Europa: la actualización del discurso totalitário em los médios de comunicación actuales y su repercusión em la opinión pública*. Egregius editiones, Espanha, 2018.

LEANDRO, Thaysa Luarrah. A influência das redes sociais no cenário político. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca**, São Paulo, v. 16, n. 1, 2021.

LEE, Fang. Atlas: assim atua a rede global da ultradireita. **Outras mídias**, São Paulo, Publicado em 27/08/2017 às 10:29, Atualizado em 09/01/2019 às 17:34.. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/atlas-network-assim-atua-rede-global-da-ultra-direita/>>. Acesso em: 08 set. 2023.

MACIEL, David. “Melhor Impossível”: a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o governo Lula. **Universidade e Sociedade**, Brasília/DF, ano XX, n. 46, pp. 120-133, junho de 2010. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/e51f62b6-f10c-4578-88a2-268836e41190/content>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

MAZZA, Giorgano Moisés; MARI, Cezar Luiz de. Meritocracia: origens do termo e desdobramentos no sistema educacional do Reino Unido. **Pro-Posições**, Campinas/SP, v. 32 (setembro), 2021.

MCLUHAN, Herbert Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964.

MEILI, Angela. O audiovisual na era Youtube: pro-amadores e o mercado. **Sessões do imaginário**, [S.L.], ano XVI, n. 25, 2011.

MELUCCI, Alberto. **Challenging codes: collective action in the information**. Inglaterra: Cambridge University Press age, 1996.

MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo antigo e moderno**. São Paulo: É realização, 2011.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 32, 2017.

MIKOS, Camila Macedo Ferreira; SIERRA, Jamil Cabral. Representações LGBT no cinema contemporâneo: resistências e capturas. **Revista científica/ FAP**, Revista Científica de Artes, Curitiba, vol. 18, n. 1, pp. 1-24, 2018.

MIRANDA, João Elter Borges. **A patrulha ideológica da burguesia: a atuação do partido Movimento Brasil Livre na construção do golpe de 2016**. 623 fls. Dissertação de Mestrado em História. 2021. Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Disponível em: <[https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5731/5/Jo%c3%a3o\\_Miranda\\_2021.pdf](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5731/5/Jo%c3%a3o_Miranda_2021.pdf)>. Acesso em 8 nov. 2023.

MODESTO, Salem Edrey. Orientadora: Dra. Mônica Xavier Medeiros. **Globalização, neoliberalismo e redes sociais: a ascensão do Movimento Brasil Livre (MBL)**. 2018. 32 f. TCC (Graduação). Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA), Manaus, 2018.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O mundo “divertido”: o fetiche da internet e a mobilização política nas redes sociais. **Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global**. Santa Maria, v. 1, n. 2, 2012.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). Manual de instruções para filiais municipais. 2015. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/277263728/Manual-de-Filiais-do-MBL>> Acesso em: 8 nov. 2023.

\_\_\_\_\_. *Facebook*.. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mblivre/>>.

\_\_\_\_\_. *YouTube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@mblivre>>.

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NOVAIS, Lucas Cardozo. **Crimes cibernéticos e sua evolução**. 2020. 42 fls. TCC (Graduação em Direito). Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus/ES.

ORTELLADO, Pablo.; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. **Perseu**, v. 7, n. 11, 2016.

PEREIRA DA SILVA, F. O Fim da onda rosa e o neogolpismo na América Latina. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 4, n. 2, p. 165-178, 27 dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rsulacp/article/view/14207>>. Acesso em: 8 nov. 2023, p. 175.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 31, n. 57, pp. 863-902, set/dez, 2015.

PIMENTEL, Pedro Chapaval; TESSEROLI, Ricardo. (orgs.) **O Brasil vai às urnas: as campanhas eleitorais para presidente na TV e internet**. Londrina : Syntagma Editores, 2019

POCOCK, John G. **As linguagens do ideário político**. São Paulo: EDUSP, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Meridional, 2009.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela; FIZZERA, Luciano. Algoritmos e desinformação: O papel do *Youtube* no cenário político brasileiro. Pesquisa. **VIII ENCONTRO DA COMPOLÍTICA**, Brasília: UnB, 15 a 17 2019, p. 16. Disponível em: <[http://compolitica.org/novo/wp-content/uploads/2019/05/gt4\\_Reis\\_Zanetti\\_Frizzera.pdf](http://compolitica.org/novo/wp-content/uploads/2019/05/gt4_Reis_Zanetti_Frizzera.pdf)>. Acesso em: 8 nov. 2023.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julia. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. **Opinião Pública**, Campinas/SP, 22 (3), pp. 603-637, dez/2016.

RIGOLIN, Camila.; HAYASHI, Maria Cristina. Por dentro dos "reservatórios de ideias": uma agenda de pesquisa para os *think tanks* brasileiros. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2012.

ROCHA, Camila. “Imposto é roubo!” A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff. **Dados**, Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, 2019a.

\_\_\_\_\_. **Menos Marx, mais Mises: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)**. 232 fls. 2018. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019b.

RUBIM, Antônio Albino. Espetáculo, política e mídia. *In*: FRANÇA, Vera; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv. (Orgs.). **Estudos de Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2003, v. 1, pp. 85-103.

SALVIANO, Maria Cortez. Eleições e propaganda política computacional: um olhar sobre a atuação do MBL durante o período eleitoral de 2018 *In*:. **Encontro da Rede de Pesquisa em Governança da Internet**, Manaus, 2019..

SANTOS, João Guilherme; CHAGAS, Viktor. Direita transante: enquadramentos pessoais e agenda ultraliberal do MBL. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 3, pp. 189-214, 2018.

SCHRADIE, Jean. Ideologia do Vale do Silício e desigualdades de classe: um imposto virtual em relação à política digital. **Parágrafo**, [S.L.], jan./jun., 2017, v. 5, n. 1, p. 1. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/564/510>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

SERRANO, Paulo Henrique Souto Maior. **Cognição e interacionalidade através do YouTube**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior. Covilhã/Portugal: UBI, v. 1, p. 04-29, 2009, p. 03. Disponível em: <https://bocc.ubi.pt/pag/serrano-paulo-cognicao-interacionalidade-youtube.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2023.

SILVA, André Luiz da. A história do pensamento político como história do discurso político: considerações acerca do Whiggism no contextualismo linguístico de John Pocock. **Diálogos**, Maringá, v. 17, n. 2, pp. 585-609, 2013.

SILVA, Beatriz Magalhães Rangel da. **Representatividade LGBTQIA+ nos filmes de animação da Disney**. 2023. TCC (Graduação em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda). 132 fls. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Ederson. As bases da nova direita: estudo de caso do Movimento Brasil Livre na cidade de São Paulo (2013-2016). **Conversas e Controvérsias**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2018.

SILVA, Gustavo Henrique; ROST, Érica; FIRMINO, Cleisla Pereira; SILVA, Tatiana Aparecida Rosa, VALÉRIO, Mychaelle da Cruz Valério. Uma breve discussão sobre a inteligência artificial (IA) nas redes sociais: do logaritmo as bolhas sociais. **Conjecturas**, Rio Grande do Sul, vol. 22. n. 2. pp. 1556-1568, 2022.

SILVA, Kiane Follman da. **A reorganização da direita brasileira e o papel do Movimento Brasil Livre (MBL): da fundação ao *impeachment* de Dilma Rousseff (2013-2016)**. 138 fls. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFFS, 2020a.

\_\_\_\_\_. **MBL: crise política e conflitos de classe no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2020b.

SILVA, Patrícia Dias da. As remisturas satíricas no *YouTube*: criatividade e subversão nas lutas de poder simbólico e cultural. **Estudos de comunicação**, São Paulo, n. 15, pp. 42-60, 2014.

SILVA, Suelem de Aguiar. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom**, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 38, n. 2, 2015.

SINGER, André. Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo. **Psicologia USP**, [S. L.], v. 26, n. 1, p. 7-14, 2015.

SIQUEIRA, Alessandra Cristina de Mendonça. O colonialismo digital como nova forma de Imperialismo na sociedade em rede. **Revista do Mestrado em Direito da UFS**, Aracaju, v. 8, n. 01, pp. 29 -50, 2019.

SKINNER, Quentin. ***Visions of Politics*** (Vol. 1). Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. *Motivos, intenciones e interpretación*. **Ingenium Revista Electrónica de Pensamento Moderno y Metodología en Historia de la Ideas**, Madrid, n. 1, pp. 77–92, 1º de maio de 2009.

SOBRAL, Karine Martins; RIBEIRO, Ellen Cristine dos Santos. A concepção de hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci. **Cadernos GPOSSHE On-line**, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2020.

SOUZA, Alice Rocha de; MENDONÇA, Camilla de Brito; PECCLAT, Lorena Novis Brandão Cotrim; SILVA, Melissa Moreira da. Resenha do livro: A nova razão do mundo, de Pierre Dardot e Christian Laval. **RCJ - Revista Culturas Jurídicas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, 2016.

SOUZA, Carlos Felipe; VASCONCELOS, Wesley Guilherme; PARENTE, Thiago Coutinho. Cultura dos memes e as formas de se pensar a política do presente. *In*: **43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Formato virtual. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e UFBA, 2020.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. São Paulo: Estação Brasil, 2018.

STEFANONI, Pablo. ¿La rebeldía se volvió de derecha? cómo el antiprogresismo y la anticorrección política están construyendo um nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio). Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2021. 180p. Resenha de: SANTOS, Fábio Alves. Ler as novas direitas. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.2, número especial (Novas Direitas em discussão), ago. 2022.

SWACO, José. PERISSINOTTO, Renato. Movimentos sociais como teóricos políticos: Wolin, ideias e políticas públicas. **Lua Nova**, São Paulo, v. 102, 2017.

TONETTO, Mauricio Bozzi. **Ciberativismo nas redes sociais**: um estudo do Movimento Brasil Livre no pós- *impeachment* de Dilma Rousseff. 2018. Dissertação de mestrado (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul..

TORRES, Mateus Gamba. Duas Marchas, um objetivo: Os movimentos golpistas de 1964 e 2016 em imagens. *Religación: revista de ciencias sociales y humanidades*, Quito, Equador, v. 2, 2017.

VELASCO E CRUZ, Sebastião Carlos et al.(orgs.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

YAMAMOTO, E. Y.; DE MOURA, J. F. O Brasil a partir do Movimento Brasil Livre: imagens de uma comunidade imaginada. **Comunicologia**, Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v. 11, n. 1, pp. 153-169, 2018.